

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS EDUCATIVAS, CULTURA,
DIVERSIDADE E INCLUSÃO

EVANDRO HALLYSON DANTAS PEREIRA

MELODIAS E ACORDES (AUTO) BIOGRÁFICOS PARA A EDUCAÇÃO NA
UERN: O ENSINO DE MÚSICA NO COMPASSO DA INCLUSÃO

MOSSORÓ-RN
JUNHO/2024

EVANDRO HALLYSON DANTAS PEREIRA

**MELODIAS E ACORDES (AUTO) BIOGRÁFICOS PARA A EDUCAÇÃO NA
UERN: O ENSINO DE MÚSICA NO COMPASSO DA INCLUSÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação/POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN, linha de pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação.

**MOSSORÓ-RN
JUNHO/2024**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

P436m Pereira, Evandro Hallyson Dantas
MELODIAS E ACORDES (AUTO) BIOGRÁFICOS
PARA A EDUCAÇÃO NA UERN: O ENSINO DE MÚSICA
NO COMPASSO DA INCLUSÃO. / Evandro Hallyson
Dantas Pereira. - Mossoró/RN, 2024.
204p.

Orientador(a): Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar.
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-
Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Experiências formadoras. 2. Orquestra de violões. 3.
Narrativas (Auto)biográficas. I. Aguiar, Ana Lúcia Oliveira.
II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III.
Título.

EVANDRO HALLYSON DANTAS PEREIRA

**MELODIAS E ACORDES (AUTO) BIOGRÁFICOS PARA A EDUCAÇÃO NA
UERN: O ENSINO DE MÚSICA NO COMPASSO DA INCLUSÃO**

DATA DE APROVAÇÃO - ____/____/____

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Profa. Dra. Giovana Carla Cardoso Amorim
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros
Universidade Federal Rural do Semiárido

Profa. Dra. Patrícia Cristina Aragão
Universidade Estadual da Paraíba

Profa. Dra. Normandia de Farias Mesquita Medeiros
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

DEDICATÓRIA

Com todo o esplendor das cordas que ecoam harmonias, dedico esta dissertação à Orquestra de Violões do Programa de Extensão UERN Ação, símbolo vivo de sinfonias tecidas com dedicação e paixão. À maestrina que molda notas em sonhos e aos jovens que se entregam à melodia. Este trabalho é um tributo à crença no poder transformador da arte. Que cada acorde seja um testemunho do potencial que floresce quando a educação e a cultura se entrelaçam, inspirando gerações a acreditarem na beleza de seus próprios horizontes.

AGRADECIMENTOS

Com a delicadeza das palavras que bailam ao vento, expresso meus sinceros agradecimentos, tecendo uma sinfonia de gratidão a cada nota da minha jornada:

À minha família, cujo amor é o alicerce que sustenta meus sonhos, minha mãe Marluce Dantas, meu pai Evandro Pereira, minha irmã Hellen Dantas e minha esposa Haissa Hussemânia, vocês são os pilares da minha existência, as estrelas que iluminam meu caminho.

À minha amiga, professora e orientadora Ana Lucia Aguiar, mestra sábia e compassiva, que com sua dedicação e competência, guiou-me com maestria nesta trilha acadêmica, compartilhando não apenas conhecimento, mas também, apoio e compreensão nos momentos de incerteza.

Aos amigos Fabiano Mendes, Saulo Gomes, Guido Alves e Etevaldo Almeida, com sabedoria e generosidade, partilharam comigo o saber acadêmico, fortalecendo os alicerces do meu conhecimento e inspirando-me a alcançar novos horizontes.

Ao amigo Bruno Farias, companheiro de jornadas, cuja amizade é uma bússola que me guia nos momentos de desafio e celebração.

Que este trabalho seja não apenas o resultado de esforços individuais, mas sim, o reflexo do apoio e da colaboração de todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a sua realização. A todos vocês, o meu mais profundo e eterno agradecimento.

Com a melodia da gratidão que ecoa em meu coração, desejo estender meus agradecimentos a cada pessoa que atravessou os caminhos desta jornada acadêmica:

Aos queridos amigos de turma Bruna Dantas, Cláudio Araújo e Paulo Renato, pelos momentos maravilhosos de partilha e companheirismo.

Aos entrevistados Pablo Kauã, Maria Eduarda, Ana Beatriz e à minha amada Haissa Hussemânia que, gentilmente, compartilharam suas experiências e conhecimentos, enriquecendo este trabalho com suas vozes e histórias únicas.

Aos amigos Esdras Marchezan e Anairam de Medeiros, cujo apoio foi fundamental para fortalecer o projeto UERN Ação, transformando sonhos em realidade.

E aos amigos da PROEX, que ampliaram as portas do conhecimento sobre a extensão universitária, agradeço por me acolherem e ensinarem valiosas lições sobre o poder da comunidade e do serviço à sociedade.

Que esses agradecimentos sejam como acordes que ecoam através do tempo, celebrando a sinfonia da amizade, da colaboração e do crescimento mútuo. Obrigado a todos por fazerem parte desta jornada.

RESUMO

Esta dissertação mergulha profundamente nas águas da jornada de um músico, desde os primeiros acordes tímidos e hesitantes de sua infância até os palcos imponentes e vibrantes dos projetos musicais por onde passou, desvendando os intrincados caminhos e labirintos que moldaram não apenas sua identidade artística, mas também, sua trajetória pessoal e profissional. O estudo não se limita a traçar uma linha do tempo, mas sim a explorar os meandros e nuances de cada nota, cada acorde, cada experiência que contribuiu para a formação desse músico. Fundamentada em teorias e conceitos elucidativos propostos por Freire (2022), Josso (2010) e Halbwachs (1990), esta pesquisa transcende a análise teórica, imergindo nas complexidades da experiência humana por meio de uma abordagem qualitativa profunda e multifacetada. O cerne metodológico desta investigação é entrelaçado por uma tapeçaria de métodos, onde o método (Auto) biográfico emerge como uma ferramenta poderosa para capturar as narrativas pessoais e os significados subjacentes às experiências musicais dos participantes. A estrutura deste estudo se desdobra em três capítulos conectados, cada qual oferecendo uma perspectiva única e essencial para a compreensão holística da jornada musical e formativa dos indivíduos envolvidos. O primeiro capítulo nos transporta de volta aos momentos primordiais da vida musical do pesquisador, nos convida a explorar as influências e experiências formativas que moldaram sua relação com a música desde tenra idade. Já o segundo capítulo, representa uma imersão profunda na dinâmica e na riqueza das atividades extensionistas desenvolvidas pela Orquestra de Violões. Por fim, o terceiro capítulo, oferece um mergulho profundo e reflexivo nas vivências dos participantes do estudo. Aqui, serão exploradas as nuances da formação e autoformação mediadas pela música, através da interpretação das narrativas pessoais, das percepções individuais e das experiências compartilhadas pelos membros da Orquestra de Violões.

Palavras-chave: Experiências formadoras. Orquestra de violões. Narrativas (Auto) biográficas.

ABSTRACT

This dissertation delves deep into a musician's developmental journey, from the tentative and nervous chords of his childhood to the grand and vibrant stages of the musical projects he has undertaken. It uncovers the intricate paths and labyrinths that have shaped not only his artistic identity but also his personal and professional trajectory. This study goes beyond a mere timeline. Instead, it explores the intricacies and nuances of each note, each chord, and each experience that has contributed to the formation of this musician. Drawing on enlightening theories and concepts proposed by Freire (2022), Josso (2010), and Halbwachs (1990), this research transcends theoretical analysis, immersing itself in the complexities of human experience through a deep and multifaceted qualitative approach. The methodological core of this investigation is interwoven by a tapestry of methods, where the (Auto) biographical method emerges as a powerful tool for capturing the personal narratives and meanings underlying participants' musical experiences. The structure of this study unfolds into three interconnected chapters, each offering a unique and essential perspective for a holistic understanding of the musical and formative journey of the individuals involved. The first chapter, not only transports us back to the primordial moments of the researcher's musical life but also invites us to explore the formative influences and experiences that shaped his relationship with music from a young age. The second chapter, represents a deep immersion in the dynamics and richness of the extension activities developed by the Guitar Orchestra. Finally, the third chapter, offers a deep and reflective dive into the experiences of the study participants. Here, the nuances of formation and self-education mediated by music will be explored through the interpretation of personal narratives, individual perceptions, and experiences shared by members of the Guitar Orchestra.

Keywords: Training experiences. Guitar orchestra. (Auto) biographical narratives.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 01 - Apresentação musical no desfile cívico da cidade de Mossoró, em 30 de setembro de 2002.

Fotografia 02 - Momento de apresentação no Show musical “Paradoxo”.

Fotografia 03 - Ensaio fotográfico realizado na Praça do Rotary, em Mossoró, 2022.

Fotografia 04 - Apresentação no palco do Espetáculo Auto da Liberdade, na Estação das Artes, em Mossoró, 2022.

Fotografia 05 - Apresentação no Adro da Capela de São Vicente - Espetáculo Chuva de Bala no País de Mossoró, em Mossoró, 2023.

Fotografia 06 - Gravação do Clipe “Velha infância” no Teatro Lauro Monte Filho, em Mossoró, 2022.

Fotografia 07 - Gravação em estúdio da música “Velha infância” para criação do clipe, em Mossoró, 2022.

Fotografia 08 - Confraternização natalina na residência da professora da Orquestra de violões, 2018.

Fotografia 09 - Momento de “canja” com a Banda Natiruts, na cidade de Natal/RN.

Fotografia 10 - Momento de apresentação musical com o Movimento Cultural Ecoarte, no Teatro Dix-huit Rosado, em Mossoró/RN.

Fotografia 11 - Momento de aula com as crianças no Movimento Cultural Ecoarte, Mossoró/RN.

Fotografia 12 - Primeiras aulas com os alunos da turma de violão, no Projeto Esperança.

Fotografia 13 - Primeiro ensaio com os alunos da Orquestra de violões, no Projeto Esperança.

Fotografia 14 - Primeira apresentação da Orquestra de violões numa creche, na cidade de Mossoró/RN.

Fotografia 15 - Momento de interação com alunas da Orquestra, no Projeto Viva Rio Branco, da Prefeitura de Mossoró.

Fotografia 16 - Momento de estudos em grupo, conduzido por Pablo Kauan.

Fotografia 17 - Momento de estudos em grupo, conduzido por Maria Eduarda.

Fotografia 18 - Momento de estudos em grupo, conduzido por Ana Beatriz.

Fotografia 19 - Apresentação da Orquestra de violão com 85 crianças e jovens no Adro da Capela de São Vicente, em Mossoró

Fotografia 20 - Viagem da Orquestra para a cidade de Serra do Mel/RN.

Fotografia 21 - Registro de concerto realizado em Comemoração ao Dia nacional do Choro, com Pablo Kauan, Maria Eduarda, Alessandro Penezzi, Ana Beatriz e Haissa Hussemânia, no Teatro Lauro Monte Filho.

Fotografia 22 - Ensaio geral com Orquestras participantes do I Encontro de violão infantil juntamente com Cristina Tourinho [ao centro da foto, na primeira fila].

Fotografia 23 - Haissa Hussemânia ministrando oficina de violão para crianças na cidade de São Paulo/SP.

Fotografia 24 - Apresentação da Orquestra de Violões no Palco do Chuva de Bala no País de Mossoró/RN.

LISTA DE ABREVIATURAS

AABB – Associação Atlética do Banco do Brasil

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CE – Ceará

CENDERN - Centro de Desenvolvimento Regional do Rio Grande do Norte

COMPERVE – Comissão Permanente de Vestibular

CONSEPE – Conselho de Ensino, Pesquisa e extensão

CONSUNI – Conselho Superior Universitário

CRUTAC - Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária

DECA - Diretoria de Educação, Cultura e Artes

PROEX – Pró-Reitoria de Extensão da UERN

DIA - Diretoria de Institucionalização de Ações de Extensão

DIRDES - Diretoria de Desenvolvimento Social

DPCE - Departamento de Programas e Cursos de Extensão

EDUCA - Escola de Extensão da UERN

ENCONAT - Encontro de Corais de Natal

FESTUERN - Festival de Teatro da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

FJA – Fundação José Augusto

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras

GRUCAM - Grupo Cênico Além das mãos

GRUDUM - Grupo de Dança Universitário de Mossoró

GRUTUM - Grupo de Teatro Universitária de Mossoroense

MEC – Ministério da Educação

MG – Minas Gerais

MINC – Ministério da Cultura

PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional

PIC – Plano Institucional de Cultura

PNE – Plano Nacional de Educação

POSEDUC - Programa de Pós-graduação em Educação

PROEG – Pró-Reitoria de ensino e graduação da UERN

PROEXT – Programa de Extensão Universitária

RN – Rio Grande do Norte

SEEC - Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer do RN

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UFERSA - Universidade Federal Rural do Semiárido

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| DA CAPO | 15 |
| CAPÍTULO I | 22 |
| NA MEMÓRIA DAS MELODIAS HISTÓRICAS DA VIDA, ME REENCONTRO ENTRE CONSONÂNCIAS E DISSONÂNCIAS | 22 |
| 1.1 - Construção melódica: minhas primeiras notas. Do banco da igreja às teclas | 23 |
| 1.2 - Da cadência final ao <i>ritonello</i> : voltando aos estudos musicais | 36 |
| 1.3 - Contrapontos: práticas e experiências para a composição da minha vida | 47 |
| 1.4 - Modulações sonoras: construindo a partitura profissional da vida, a composição do UERN Ação e o encontro com a (Auto)biografia | 63 |
| CAPÍTULO II | 78 |
| TESSITURAS MUSICAIS E SOCIAIS NO PROGRAMA DE EXTENSÃO UERN AÇÃO E SUAS NUANCES NA ORQUESTRA DE VIOLÕES | 78 |
| 2.1 - As melodias da Extensão Universitária e suas implicações sociais | 79 |
| 2.2 - A cadência da extensão universitária na UERN | 92 |
| 2.3 - Os acordes para a educação no Programa de extensão UERN Ação | 112 |
| 2.4 - A Orquestra de violões e os ouvidos atentos | 119 |
| CAPÍTULO III | 129 |
| TOCANDO AS MELODIAS DA VIDA: O RITMO E AS CADÊNCIAS DA ORQUESTRA DE VIOLÕES NO COMPASSO DA INCLUSÃO | 129 |
| 3.1 As ondas sonoras da maestrina no compasso da inclusão | 131 |
| 3.2 As melodias e nuances dos violonistas da Orquestra de violões | 144 |
| 3.3 Cada melodia e cada vibração no compasso métrico da Orquestra de violões | 159 |
| 3.4 As vibrações (Auto) biográficas das cordas dos violões dedilhadas pelas crianças e adolescentes da Orquestra de violões | 184 |
| CODA | 195 |
| REFERÊNCIAS | 202 |

DA CAPO

A jornada de um músico, invariavelmente, tem início em momentos singulares que transcendem a mera casualidade, forjando não apenas seu talento, mas também, sua identidade e rumo na vida. Na quietude acolhedora do meu lar na infância, estabeleci os primeiros laços com a música, uma relação que se revelaria profundamente significativa ao longo dos anos.

Recordo-me com vívida nitidez dos dias em que a música preenchia os espaços, fluindo dos vinis de música gospel e clássica que adornavam com majestade nossa radiola Philips. Em meio a esses clássicos, destaca-se o álbum "16 momentos inesquecíveis" de Richard Clayderman, cujas melodias encantadoras ecoavam em meu ser, envolvendo-me em um mundo sonoro de infinitas possibilidades. Enquanto minha mãe se dedicava aos afazeres domésticos, eu me deixava levar pelos acordes, mergulhando em um oceano de sons e sensações.

Esses momentos não eram apenas passivos; eram, na verdade, uma imersão ativa em um universo que despertava minha curiosidade e alimentava minha alma. O contato precoce com a música enriqueceu meu repertório sensorial, plantou as sementes de uma paixão que floresceria ao longo da minha jornada. Nesse contexto, o lar não era apenas um espaço físico, mas sim um santuário onde a música era a essência que permeava todas as experiências.

Assim, é inegável a influência profunda que esses momentos tiveram na minha formação como músico e indivíduo. Mais do que simples notas e melodias, essas experiências foram os alicerces sobre os quais construí minha identidade e trajetória no mundo da música. É, portanto, com gratidão e reverência que recordo esses capítulos primordiais da minha vida, pois foram eles que me guiaram nos primeiros passos da minha jornada musical.

Foi nesse cenário, imerso na solenidade e na espiritualidade dos cultos da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que me vi, sem planejamento prévio, introduzido ao universo da prática musical. Os sábados, marcados pelos ritos litúrgicos e pela comunhão dos fiéis, tornaram-se o palco onde minha relação com a música tomou forma. Mesmo na tenra idade, experimentava um

distanciamento latente em relação à religião, mas encontrava um oásis de paz nos acordes do teclado que ecoavam suavemente pelos bancos da igreja. Esse instrumento, cujas teclas se tornariam minhas fiéis companheira, despertou em mim uma curiosidade incessante e estabeleceu uma conexão visceral com a música que moldaria toda minha existência.

A minha jornada musical teve seu humilde início com as aulas de teclado ministradas pela dedicada professora Paula Rodrigues. Esses encontros semanais, embora breves, representaram o ponto de partida para uma jornada de descobertas e aprendizado que se desdobraria ao longo dos anos. Mesmo enfrentando desafios financeiros e logísticos, meus pais, com seu inabalável apoio e sacrifício, tornaram possível o acesso à educação musical, custeando as aulas e proporcionando o transporte até o local das lições.

Assim, é inegável o papel fundamental que esses primeiros passos desempenharam na minha formação como músico e na construção da minha identidade. Cada acorde, cada lição, foi um tijolo na edificação da minha paixão pela música e na minha busca por excelência artística. Esses momentos não apenas marcaram o início da minha jornada musical, também plantaram as sementes do meu compromisso com a arte e com o constante aprimoramento pessoal.

À medida que me aprofundava nos meandros do universo musical, fui agraciado com a descoberta de novas oportunidades que se apresentavam em meu caminho. Por meio de uma variedade de práticas musicais, encontrei espaços que não apenas serviram como veículos de expressão, mas, como fontes inesgotáveis de aprendizado, enriquecendo minha visão sobre o potencial transformador da arte. Essas experiências, enraizadas em minha sólida formação acadêmica no Conservatório de Música da UERN, desempenharam um papel crucial no meu desenvolvimento como músico e educador, moldando minha trajetória de forma indelével.

Ao longo dos anos, meu envolvimento com a música transcendia os confins da sala de aula, expandindo-se para abraçar projetos de extensão e ações sociais de grande relevância. O Programa ExtensArte e a Orquestra de Violões surgiram como verdadeiros oásis de oportunidades, não apenas para minha pesquisa e atuação, mas também, como espaços de profundo impacto social. Por meio dessas iniciativas, pude testemunhar de perto os efeitos

transformadores da música na formação e autoformação dos participantes, bem como sua capacidade de promover mudanças significativas nas comunidades onde estão inseridas.

É nesse contexto de efervescência e descoberta que surge o presente projeto de pesquisa, uma tentativa sincera de desvendar as intrincadas interações entre música, educação e experiência social. Com uma abordagem reflexiva e investigativa, almejo lançar luz sobre as narrativas e vivências dos integrantes da Orquestra de Violões, explorando profundamente seu papel na construção de identidades e trajetórias individuais. Mais do que simples notas musicais, busco compreender como a música se entrelaça com as vidas daqueles que a praticam, influenciando sua jornada artística, pessoal e social.

Esta dissertação se propõe a contribuir para o campo da educação, educação musical e das práticas sociais, oferecendo *insights* valiosos sobre o potencial da música como ferramenta de transformação pessoal e social. Através da análise cuidadosa das experiências vividas, espero lançar um novo olhar sobre o poder transcendente da arte e seu papel na construção de um mundo mais inclusivo e humano.

A partir das reflexões e pesquisas catalogadas na base de dados da CAPES e nas dissertações do Programa de Pós-graduação em Educação da UERN, é possível identificar uma convergência significativa de estudos que abordam a influência da música na formação e autoformação de pessoas em diversos contextos. Esses trabalhos oferecem materiais valiosos sobre a história individual e coletiva, destacando a música como elemento central nesse processo formativo.

Josso (2010) enfatiza a importância de compreendermos o âmago das pessoas através de suas próprias narrativas, reconhecendo-as como protagonistas de suas vidas e subjetividades. Diante desse cenário, esta dissertação busca ampliar o arcabouço acadêmico relacionado ao tema, somando-se aos estudos já existentes.

As pesquisas catalogadas revelam uma convergência temática com o escopo deste estudo, ao explorarem aspectos correlatos de formação e autoformação por meio da prática musical, estabelecendo vínculos entre experiências vivenciadas e o contato interpessoal. Em todas essas pesquisas, a música se destaca como um instrumento poderoso de interação social e

expressão, exercendo uma influência direta na construção identitária e educacional dos sujeitos envolvidos.

Dentro do contexto específico deste estudo, merece destaque o trabalho realizado em práticas musicais coletivas com crianças e jovens, objetivando contribuir para o avanço do conhecimento nessa área. Reconhecendo que as (auto) biografias podem oferecer insights cruciais para a compreensão dos processos formativos, optou-se por essa metodologia como norteadora da investigação.

A fundamentação teórica desta pesquisa é fundamentada em uma cuidadosa seleção de autores, entre eles, destacam-se Freire (2022), Josso (2010) e Halbwachs (1990), cujas obras oferecem contribuições significativas sobre os processos formativos, memória e práticas educativas. Por meio de uma revisão criteriosa desses autores, busca-se embasar teoricamente a compreensão dos fenômenos investigados, explorando conceitos-chave que permeiam a interseção entre música, educação e formação pessoal.

A metodologia adotada nesta pesquisa reflete uma abordagem qualitativa, que valoriza a subjetividade e a singularidade das experiências dos participantes. O cerne dessa metodologia reside na exploração das vivências e dos saberes dos envolvidos, através da aplicação do método (Auto) biográfico. Este método possibilita uma análise reflexiva das narrativas dos participantes, permitindo uma compreensão mais profunda e contextualizada dos processos formativos e autoformativos mediados pela música.

Além disso, a metodologia inclui a realização de entrevistas em profundidade e a observação participante, proporcionando uma triangulação de dados que enriquecerá a análise. A condução ética da pesquisa é primordial e será assegurada mediante o cumprimento rigoroso das diretrizes éticas estabelecidas, garantindo o respeito, a confidencialidade e a integridade dos participantes envolvidos em todas as etapas do estudo.

Esta dissertação buscará, portanto, aprofundar o entendimento sobre como a prática musical coletiva influencia a formação e autoformação de crianças e jovens, analisando de que maneira as interações sociais mediadas pela música moldam suas identidades e trajetórias. Ao investigar essas dinâmicas, pretende-se ampliar o conhecimento acadêmico sobre o tema e

contribuir para a formulação de políticas e práticas educacionais mais inclusivas e eficazes.

A estrutura desta pesquisa se desdobrará em três capítulos interligados, os quais serão costurados pelas narrativas (auto) biográficas e pelos fundamentos teóricos que fundamentam a metodologia adotada. O primeiro capítulo, intitulado "**NA MEMÓRIA DAS MELODIAS HISTÓRICAS DA VIDA, ME REENCONTRO ENTRE CONSONÂNCIAS E DISSONÂNCIAS**", propõe-se a uma incursão nos primeiros contatos do pesquisador com a música e sua trajetória até o ingresso na Universidade. Nesse capítulo, serão destacadas as experiências formativas que moldaram sua relação com a música, bem como o envolvimento em atividades de educação social que marcaram sua jornada.

Este capítulo oferecerá uma visão retrospectiva sobre as influências musicais que moldaram o pesquisador, e lançará luz sobre a importância das experiências formativas e sociais na construção de sua identidade como músico e educador. Através da análise dessas experiências precursoras, buscamos estabelecer um contexto sólido para as investigações subsequentes, delineando os alicerces sobre os quais se fundamentará o estudo sobre práticas musicais coletivas e seu impacto na formação de crianças e jovens.

No segundo capítulo, intitulado "**TESSITURAS MUSICAIS E SOCIAIS NO PROGRAMA DE EXTENSÃO UERN AÇÃO E SUAS NUANCES NA ORQUESTRA DE VIOLÕES**", adentraremos no universo da prática extensionista e suas profundas implicações. Este capítulo será dedicado a uma análise minuciosa do trabalho desenvolvido pela Orquestra de Violões no contexto do Programa de Extensão UERN Ação, explorando suas dinâmicas sociais e musicais.

Através dessa investigação, apresentamos o papel desempenhado pela música na vida dos participantes da Orquestra e a maneira como essa prática colaborativa influencia suas interações sociais e desenvolvimento pessoal. Serão examinadas as nuances das relações estabelecidas dentro do grupo, assim como o impacto da música na construção de um senso de comunidade e pertencimento.

Além disso, este capítulo se propõe a investigar as características específicas das atividades desenvolvidas pela Orquestra de Violões, analisando seus repertórios, métodos de ensino, estratégias de aprendizagem

colaborativa e sua relação com a comunidade circundante. Serão destacadas as experiências compartilhadas pelos participantes, suas percepções sobre o significado da música em suas vidas e as transformações observadas ao longo do tempo.

Ao explorarmos essas tessituras musicais e sociais, almejamos documentar o trabalho realizado pela Orquestra de Violões, como também compreender sua relevância como instrumento de transformação social e desenvolvimento humano. Este capítulo representa uma oportunidade de mergulho profundo na interseção entre música, educação e ação social, desvendando os intrincados fios que tecem o tecido da experiência humana.

Por fim, o terceiro capítulo, intitulado "**TOCANDO AS MELODIAS DA VIDA: O RITMO E AS CADÊNCIAS DA ORQUESTRA DE VIOLÕES NO COMPASSO DA INCLUSÃO**" marcará o ápice desta investigação, mergulhando nas práticas conduzidas pela professora da Orquestra e seus alunos. Neste capítulo, será realizada uma análise profunda do processo de formação e autoformação, sob a perspectiva das narrativas dos próprios participantes.

Exploraremos minuciosamente as atividades desenvolvidas pela professora e pela Orquestra de violões, examinando não apenas os aspectos técnicos e musicais, mas também, as dinâmicas de inclusão e interação presentes nas vivências dos alunos. Será destacado o papel da professora como mediadora do conhecimento e facilitadora do desenvolvimento musical e pessoal dos estudantes, promovendo um ambiente de aprendizado colaborativo e empoderador.

Além disso, este capítulo se dedicará a analisar as percepções e experiências dos alunos da Orquestra, revelando suas trajetórias individuais e coletivas de crescimento e amadurecimento. Serão investigados os desafios enfrentados, as conquistas alcançadas e o impacto da participação na Orquestra em suas vidas, tanto no âmbito musical quanto no pessoal e social.

Ao desvendar as melodias da vida tocadas pela Orquestra de violões, este capítulo oferecerá uma visão abrangente e aprofundada sobre a importância da música como agente de inclusão e transformação. Será um convite para refletir sobre o poder da arte de unir pessoas, superar barreiras e

promover a diversidade, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Por fim, é importante ressaltar que a elaboração deste trabalho não se configura como uma conclusão definitiva, mas sim como um momento de reflexão e construção do conhecimento. A intenção é descrever as experiências vividas pelos participantes, contribuindo para o entendimento dos processos formativos e autoformativos, mediados pela música e suas práticas sociais, alimentando, assim, o diálogo acadêmico e promovendo novas reflexões e descobertas.

NA MEMÓRIA DAS MELODIAS HISTÓRICAS DA VIDA, ME REENCONTRO ENTRE CONSONÂNCIAS E DISSONÂNCIAS

Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música não começaria com partituras, notas e pautas. Ouviríamos juntos as melodias mais gostosas e lhe contaria sobre os instrumentos que fazem a música. Aí, encantada com a beleza da música, ela mesma me pediria que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas pretas escritas sobre cinco linhas. Porque as bolinhas pretas e as cinco linhas são apenas ferramentas para a produção da beleza musical. A experiência da beleza tem de vir antes.

Rubem Alves

Com cuidado, atenção e afeto, rememoro momentos e fatos importantes que tenho satisfação de apresentar ao leitor, trazendo-o para o meu mundo e para minhas vivências. Por onde começar? Talvez essa seja uma pergunta difícil de responder quando pensamos em descrever nossa vida em uma linha do tempo que é tênue e que, por vezes, deixaremos detalhes de fora. Nossa memória é falha. Meu encantamento em escrever esse texto se inicia quando olho para trás e vejo que tantos caminhos foram percorridos e que o meu caminhar ainda precisa ir muito adiante. Avante.

A base para esse percurso tem sua gênese quando penso que o processo dessa pesquisa tem início em minha própria existência, em meu ser. Quando visualizo os caminhos percorridos e busco fazer as relações entre mim e meu passado, encho-me de vida, pois enxergo as notas musicais que compuseram a partitura da minha vida. Compreender esse processo como um percurso formativo me faz perceber que as melodias construídas a partir das consonâncias e dissonâncias, são exatamente como deveriam ser, para que os sons que vieram emitir os caminhos da vida sejam vividos sobre um caminhar de experiências formativas em um saber-viver renovado (Josso, 2010).

Emito, com prazer, as vibrações que me intentam a escrever esse texto e com mais ênfase aproximar um desejo pessoal, a partir de minhas vivências até o momento em que construo essas linhas, à escolha dos narradores e escolha do tema, bem como minha aproximação com a (auto) biografia. Junto

das melodias aqui sonorizadas por meio das palavras, envolto os caminhos com ânimo e paixão, sentimentos que me permitem revisitar minhas memórias e conduzir o leitor para momentos e fatos que foram fundantes para a elaboração deste estudo. A viagem pela memória e meu debruçar sobre os menores detalhes das melodias da vida apresentam o máximo de fatos que intento apresentar durante esse percurso que, mesmo havendo contribuições externas para o avivamento de informações, apenas eu vivi e senti.

Buscarei, ao longo desta escrita, por permissão e necessidade da abordagem que aqui faço uso, de uma escrita suavizada pelas vibrações sonoras dos sentimentos, histórias, aprendizagens, dúvidas e, sobretudo, pela subjetividade que permeia o entendimento sobre nós mesmos.

Revisitar minhas memórias em diferentes momentos, contexto e situações, me proponho, como uma melodia composta, ao conhecimento de todas as minhas sonoridades, funções e formas, com o objetivo de significar toda a linha melódica da minha vida, envolvidas por sentimentos e emoções que são possibilitadas por meio do autoconhecimento, da (auto) biografia. Deixo-me, então, na condição de um investigador de mim mesmo ao mesmo tempo em que tenho certeza do meu ser inconcluso, buscando novas sonoridades.

1.1 - Construção melódica: minhas primeiras notas. Do banco da igreja às teclas

As memórias e as narrativas estão ligadas diretamente à ação humana, devido seu caráter rememorativo bem como a manutenção viva da história, fatos, momentos e experiências. As narrativas são recordações da experiência e das aprendizagens, obtidas por meio da memória e são consideradas significativas quando elas permitem que os caminhos percorridos sejam tratados como representações construídas a partir de si mesmo e para/com o outro, e que possua caráter formativo. Josso (2010, p. 47) nos conduz para o entendimento desse tipo de prática quando narra que “essa experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, o saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades”.

Constituir a memória e suas representações pessoais formadoras, simboliza um marco íntimo onde o contar para si mesmo a sua história, suas formas de interação e sentir, atribui valor a tudo que foi vivido em um espaço de tempo social e cultural. Dá-se valor real às vivências e quais delas foram marcantes para a construção de nossas próprias relações, com o outro e com o coletivo social. Essas experiências particulares e que se desdobram ao coletivo se tornam experiências “a partir do momento que fazemos certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido” (Josso, 2010, p. 48).

Chamo-me Evandro Hallyson Dantas Pereira filho mais velho de Evandro Pereira da Silva e Marluce Maria Dantas Pereira. Minha irmã chama-se Hellen Alessandra Dantas Pereira. Com intenção de deixar registrado quem sou para além do que consta no registro civil, intento descrever, com alguns detalhes, as características que constituem minha descrição física, sem compromisso com percepções pessoais. Possuo um metro e oitenta e um centímetros de altura, pele de cor parda, olhos castanhos e possuo porte físico magro. Meus cabelos e barba, cortados normalmente em corte baixo, são na cor preta com a presença de alguns fios brancos. Faço uso de óculos de grau. Possuo em meu rosto duas leves cicatrizes acima do olho direito. Sou nascido em Mossoró, no Rio Grande do Norte, aos vinte e sete de junho do ano de mil novecentos e oitenta e nove. Residi durante vinte e três anos da minha vida junto com meus pais, em uma casa localizada à Rua Pedro Velho, bairro Santo Antônio. Em dois mil e treze, quando da conquista da compra da minha casa, trilhei novos caminhos, agora ao lado da minha esposa, Haissa Hussemânia de França Gomes.

Minha formação escolar, a partir da terceira série, ocorreu integralmente em escola pública, tendo estudado na Escola Adventista (escola particular onde estudei a primeira e segunda série, 1996 e 1997, respectivamente), Escola Municipal Rotary (terceira série, 1998), Escola Estadual Santa Terezinha (quarta série, 1999), Escola Estadual Jerônimo Rosado (quinta, sexta, sétima e oitava séries, 2000, 2001, 2002, 2003, respectivamente) e Escola Estadual Prof. Abel Freire Coelho (primeiro, segundo e terceiro anos do ensino médio, 2004, 2005, 2006, respectivamente).

Atuo, desde 2011, como professor de Música da Escola de Música D'alva Stella Nogueira Freire da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN com o ensino de flauta transversal e disciplinas teóricas de estruturação musical e; desde 2016, como Maestro do Coral da Universidade Federal Rural do Semiárido - UFERSA. Além de minhas atividades laborais, pratico ciclismo e musculação. Tenho me dedicado de forma geral à realização de ações que valorizam o desenvolvimento musical e cultural na cidade de Mossoró.

Início, trazendo de minha memória, os caminhos e as imagens que me vêm aos olhos e que são transferidos em linhas, narrativas, sentimentos de busca, reencontros e, sobretudo, passos que foram pisados ao chão de forma implicada, com sensibilidade e ideiação. Mesmo sem enxergar os caminhos que poderiam surgir me represento em momentos afetivos, de perfeita conexão com a arte e com os construtores/narradores de vários caminhos que eu viria a percorrer e que se tornaram experiências formadoras, aprendizagem pela experiência. São esses fatos, implicados na transformação comportamental e afetiva e que incidiram na construção de minha subjetividade, que apresentarei a partir de então, mas sem o compromisso de indicar quais delas foram mais ou menos significativas nesse contexto de aprendizagem.

A memória pode nos furtar da lembrança de fatos, acontecimentos e detalhes que não foram percebidos ou até mesmo esquecidos. É possível que nos apoiemos em testemunhos de outras pessoas que compartilharam dos mesmos momentos ou que de alguma forma interagiu com a experiência, contribuindo com o que já sabemos. Contudo, debruço-me na primeira testemunha: minha memória. Halbwachs (1990, p. 16) contribui com essa discussão pondo em questão que “fazemos apelo aos testemunhos coletivos para fortalecer ou debilitar, mas também, para completar o que já sabemos de um evento [...]. Ora, a primeira testemunha, à qual podemos sempre apelar, é a nós próprios”.

Os primeiros contatos com a música ocorreram na Igreja Central Adventista do Sétimo dia de Mossoró, local em que pude ver, por volta dos anos 1997, pela primeira vez, um instrumento musical, o teclado. Foi a partir dessa experiência visual que houve o despertar para o querer/fazer artístico. Foi nos cultos de sábados que eu passei a me localizar no primeiro banco da

igreja, ao lado da jovem tecladista, que possuía em média onze ou doze anos de idade e realizava os acompanhamentos instrumentais dos cantores e cantoras que ali desempenhavam o papel de despertar comunhão e momentos de religiosidade naquela ritualística. Antes dessa experiência musical, corriqueiramente eu estava conversando e brincando com dois amigos, Saulo Matusalém e Davi Xavier, nos corredores laterais ou na calçada da igreja.

Foram momentos muito prazerosos, pois, escolhi, em detrimento de momentos de lazer infantil, como brincar, correr, etc., permanecer com o olhar atento, sentir a emoção de ver a digitação de teclas se transformar em sons harmoniosos, sons que se implicaram em abraçar os ouvidos diligentes e olhos compenetrados em cada movimento articular de dedos, mão e braços. “Ao ouvir uma música que me comove por sua beleza, eu me reencontro com a mesma beleza que estava adormecida dentro de mim” (Alves, 2008, p.72). Foram esses movimentos que deram lugar, em minha vida, à música como meu caminho de experiência formadora. “O conceito de experiência formadora implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação. Articulação que se objetiva numa representação e numa competência” (Josso, 2010, p. 48). Entendo esse momento inicial como o marco gerador de todos os caminhos formativos que foram permitidos conhecer e estabelecer relações até o presente momento, implicados em ação, compreensão, participação, efetividade e objetividade.

Em seguida, trago para registro, os momentos de aulas com minha professora de teclado, aquela mesma que, sentada no banco de madeira da igreja, executava as harmonias de acompanhamento litúrgico. A lembrança que me vem à memória me traz o ano de 1997, período que iniciei a execução das primeiras notas musicais.

A professora também residia na minha mesma cidade, em Mossoró/RN, o que facilitou o contato para realizar as aulas, uma vez que era comum pessoas se deslocarem de suas cidades para vir ter aulas na cidade, ou se deslocarem para cidades vizinhas. Duas vezes por semana, distante da minha casa, dois quilômetros e meio, sentado na garupa de uma bicicleta, sendo conduzido por um vizinho que não recebia nenhuma quantia financeira para realizar essa tarefa, assim eram os meus dias para as aulas de teclado. Foram

momentos de grande significado e de base para os passos seguintes que viriam muito em breve.

[...] se as imagens se fundem tão intimamente com as lembranças, e se elas parecem emprestar a esta sua substância, é que nossa memória não é uma tábula rasa, e que nos sentimos capazes, por nossas próprias forças, de perceber, como num espelho turvo, alguns traços e alguns contornos (talvez ilusórios) que nos devolveriam a imagem do passado (Halbwachs, 1990, p. 16).

Registro essa imagem em minha memória de forma muito simbólica, pois visualizo, com emoção, uma das mãos agarrada ao guidão da bicicleta e a outra segurando o livro de músicas que me permitiu a execução das primeiras notas ao teclado. “Meu Piano é divertido”, título do livro composto por Alice Botelho. Lembro ainda que o material didático era uma cópia tipo xerox do material da professora, que por sua vez, também era fotocopiado do material original da professora da minha professora.

Foram em média sete ou oito meses de aula, no ano de 1998, com Paula Raimunda, jovem adolescente que possuía doze anos de idade quando passou a ser professora de teclado, sendo eu, seu primeiro aluno. Para as aulas, o pagamento foi realizado tipo permuta: a professora estava precisando de um livro de inglês que custava um valor relativamente alto, meus pais, Evandro e Marluce compraram o livro, houve então a negociação em troca das aulas. Eis o pagamento para minhas primeiras experiências significativas em música. Josso (2010, p. 50) constrói uma reflexão livre de amarras padronizadas culturalmente estabelecidas por uma lógica de educação, permite que os “contextos socioculturais nos quais se produzem os acontecimentos que serão objeto de uma experiência, são, sem dúvida, tão variados quanto possível em sociedades simultaneamente pluriculturais e sobre-especializadas”.

A mudança de professora, em curto espaço de tempo, foi outro marco importante para o processo e não poderia deixar de ser registrado, pois estava iniciando aulas de teclado com Sheila Diógenes, a professora da minha professora. O processo semanal era o mesmo: duas vezes por semana, de bicicleta, e agora mais próximo de minha casa, cerca de um quilômetro.

De forma muito atenciosa ouvia todos os ensinamentos sobre o tocar, sobre compreender aquelas bolinhas pretas em cima daquelas linhas como

também os movimentos suaves de falanges, punhos, braços e corpo. Produzia, com outro modo de pensar e fazer a música, os sons do teclado. A caderneta de anotações, escrita pela própria professora, era meu guia para estudar em casa todos os detalhes sugeridos. Cada encontro era uma emoção. Existiam apenas dois momentos importantes para mim: o de ir para a aula aprender novos acordes, “levadas¹” e melodias e voltar para casa para estudar os exercícios e músicas indicados pela professora.

Sempre estudei na escola regular no turno matutino. Chegando em casa por volta de 11:30h, minha rotina era sagrada: almoçar e em seguida tocar teclado. Passava a tarde estudando, experimentando, “inventando” coisas para poder explorar melhor o que o instrumento poderia ofertar. Por se tratar de um instrumento eletrônico, mesmo os teclados mais simples em tecnologia, eles conseguem ofertar uma gama de possibilidades timbrísticas, rítmicas e de harmonização.

Além dessa “exploração” instrumental, me detive à busca incessante de métodos, partituras e informações musicais, seja por intermédio de amigos músicos que passaram a compor meu ciclo de amizades, seja pela internet, ferramenta ainda pouco utilizada por mim. Lembro-me de algumas visitas ao Portal do Saber² e uma *Lan House* localizada próxima de minha casa, espaços que utilizei para conseguir material didático.

A chegada de um microcomputador, anos depois em minha casa, provavelmente entre os anos de 2002 ou 2003, possibilitou que novos caminhos musicais fossem percorridos. Era um espaço de encontro com uma realidade musical que eu não conhecia. Minha visão de mundo tratava-se de um recorte temporal que abrangia a escola, a casa da professora, a igreja, as brincadeiras na rua em que morava e alguns espaços que estava em companhia de meus pais. O contato com a internet possibilitou, mesmo sem essa ideação, a cosmovisão de um contexto repleto de nuances, características, formas, contextos e texturas sonoras que foram impressas em cada nova busca.

¹ Termo popularmente utilizado por músicos para indicar o ritmo cadencial da harmônica da música.

² Equipamento público municipal que dispunha de biblioteca, computadores com acesso à internet e mesas para estudo, localizado no bairro Abolição I.

Josso (2010) discute três aspectos que influem na forma como as experiências se tornam ou não significativas a partir do modo com a interação e percepção das coisas. A partir de minhas percepções de como os novos caminhos surgiam, percebo, em detrimento de um contexto teórico com a (auto)biografia, meus passos se cruzam, inicialmente, com o “ter experiências” e “fazer experiências”, discutidos por Josso (2010, p. 51) quando ela aponta que “ter experiências é viver situações e acontecimentos, durante a vida, que se tornaram significativos, mas sem tê-los provocado” e “fazer experiências são as vivências de situações e acontecimentos que nós próprios provocamos, isto é, somos nós mesmos que criamos, de propósito, as situações para fazer experiências”. Quando a discussão é voltada para “pensar sobre as experiências”, temos a confluência das duas primeiras experiências no sentido de possibilitar novos significados a partir das experiências e percepções que foram adquiridas no “ter e fazer experiências”.

Esses contextos de aprendizagem interagem de forma significativa com o ambiente natural em que estabelecemos nossas relações, pois esse contexto é construído a partir das conexões conosco, com o outro e na relação entre as coisas. A ampliação das experiências (Josso, 2010) são favorecidas e por consequência geram caminhos para a consciência, novas realidades, novos processos de criação, autonomia e mudanças diversas em contextos social e cultural.

Os encontros semanais, nos dias de terça e quinta, em busca de conhecimento musical na casa da Professora Sheila Diógenes tinham um objetivo para além da simples ação de tocar o teclado em casa, queria compartilhar do mesmo lugar que minha primeira professora estava: tocar teclado nos cultos da igreja, acompanhando os cantores e cantoras. Passei também a ver e ouvir minha então professora nos cultos. Era um misto de sentimentos: alegria por ver minha professora tocar; ver minha primeira professora ao lado da minha professora, e juntas, tocando músicas à quatro mãos no teclado. Queria fazer parte daquele contexto. Era o meu único desejo.

Ainda era o ano de 1997, quando, em pouco tempo, já quase finalizando a execução das mais de cinquenta melodias do livro didático que trabalhava com minha professora Paula Raimunda, inicio meus estudos musicais no hinário da igreja Adventista. Sheila Diógenes, minha atual professora iniciou

meus primeiros movimentos e sincronização de mãos esquerda e direita para a execução dos acordes. Dó maior e Sol maior foram minhas primeiras experiências harmônicas. Rapidamente, “peguei” aqueles movimentos e treinei incansavelmente para “desmecanizar” os movimentos e torná-los fluidos e musicais.

Meus pais me presentearam com um hinário e todas as anotações harmônicas eram realizadas por minha professora, além de ser um livro de cânticos, passou a ser também meu manual de estudos. Tudo que ali estava escrito me encantava. Eram inseridas cifras³ em cima de algumas notas da melodia e eu precisava compreender como aquilo era construído. Em pouco tempo de estudo já compreendia a leitura básica das notas musicais na clave de sol e na clave de fá, isso me permitiu iniciar os primeiros passos para cifrar as músicas do hinário. Minha professora me deu dicas de como fazer e segui sob sua orientação na cifragem de várias músicas, mesmo ainda não conseguindo executar de forma fluida algumas passagens de acordes no teclado.

As experiências vivenciadas, as quais destaco o movimento e sincronização de mãos e a cifragem das músicas, me permitiram a execução do meu primeiro acompanhamento harmônico da primeira música do hinário 01 - Ó Deus de amor. Nesse momento já estava executando talvez uns quatro ou cinco acordes, todos simplificados. Como minha professora também realizava o acompanhamento musical dos cultos passei a me sentar ao lado dela e observar todos os seus movimentos.

Pouco a pouco fui ampliando meu repertório com a intenção de acompanhar o rito religioso. Quando ela percebeu que eu já possuía desenvoltura para realizar os acompanhamentos, junto de mim, executando as músicas à quatro mãos, iniciei, efetivamente, minha participação musical, tocando teclado nos cultos da Igreja Central Adventista do Sétimo Dia.

Mas meu maior desafio ainda estava por vir. Continuei a estudar as músicas para deixá-las na forma que a professora indicava. Todos os detalhes, finalizações, acentuações eram anotados e executados cuidadosamente. Por volta do início do ano de 1998, recebi um convite de Zana Queiroz, cantora da

³ Código musical utilizado para indicar os nomes dos acordes.

igreja, para eu acompanhá-la no culto jovem da tarde de sábado. Aceitei. Não me recordo claramente, mas meu repertório ainda era bem pequeno, talvez umas quatro ou cinco músicas, justamente as canções que não eram executadas nas tardes mais alegres do culto jovem. Aos nove anos de idade, fiz minha primeira participação sozinho na condução musical de um culto.

A estrutura física da igreja era composta por um grande salão onde havia duas filas de bancos de madeira no lado direito e, igualmente, no lado esquerdo. O altar, local onde ficavam pastores e demais autoridades eclesiásticas, era um pouco mais alto em relação ao piso que se localizava a congregação e, logo na entrada da igreja, havia uma parte superior que dava visão de todo o templo, distante do altar uns quinze metros, talvez. Normalmente, o teclado era localizado no primeiro banco da igreja, próximo da mesa de som e dos cantores, até para facilitar a comunicação.

Realizamos um ensaio para ajustar detalhes e na tarde chuvosa de sábado à tarde, dia da minha estreia, o teclado não estava mais no mesmo lugar. Mudaram sua posição, deixando-o no piso superior, longe da comunicação com os cantores e da mesa de som.

Mesmo nervoso e bastante trêmulo, me sentei ao teclado, abri o hinário e começamos a executar os hinos que havíamos combinado. Tudo aconteceu como planejado e Zana Queiroz anunciou para a igreja a minha participação como tecladista. Desde então, passei a fazer participação em diversos cultos, inclusive o de sábado pela manhã, momento de maior presença dos fiéis.

Meu repertório foi sendo ampliado e comecei a receber convites para tocar em outras igrejas Adventistas da cidade: Igreja do bairro Bom Jardim, Abolição IV, Alto da Conceição, Sumaré, Aeroporto, Abolição I, e outros eventos realizados pela igreja.

Josso (2010) nos conduz para a compreensão sobre as experiências como oportunidades dialógicas entre o individual e o coletivo e sua forma de implicação sobre a reflexão das nossas próprias experiências.

É nesse movimento dialético que nos formamos como humanos, quer dizer: no polo da autointerpretação, como seres capazes de originalidade, de criatividade, de responsabilidade, de autonomização; mas, ao mesmo tempo, no polo da cointerpretação, partilhando um destino comum devido ao nosso pertencer a uma comunidade. É nessa polaridade que vivemos plenamente a nossa humanidade, nas suas dimensões individuais e coletivas (Josso, 2010, p. 55).

Podemos intentar questões sobre como contar a minha história para mim mesmo e como, a partir do lembrar e refletir, como posso dar significado ao que foi vivido por mim de forma individual ou/no coletivo? As possibilidades geradas a partir dessa contraposição nos levam ao encontro da dúvida, da reflexão e por consequência, a formação.

Não há recordação em mim sobre quanto tempo segui com as aulas de teclado, mas registro na lembrança as inúmeras falas da professora Sheila Diógenes sobre o Conservatório de Música, escola onde ela estudava piano, lugar que seria meu próximo espaço de atuação. Outro marco importante desse processo de experiências formativas.

Em janeiro do ano de 1999, eu, com nove anos de idade, por incentivo de minha professora, realizo a inscrição no teste de aptidão do Conservatório de Música D'alva Stella Nogueira Freire da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Fui orientado a realizar o estudo de uma apostila com os conteúdos musicais que estariam na prova de seleção. Estudei o material por cerca de duas semanas antes da realização do exame, lembro com exatidão os nove conteúdos que possivelmente estariam na prova.

Em um domingo pela manhã, fui prestar o exame que era composto de duas fases, sendo a primeira uma prova teórica escrita e a segunda, um solfejo cantado. Na condução da primeira prova estava o professor Marcos Batista e na melódica o professor Sebastião Araújo. Participei de todo o processo, mas, sem ter a noção de que o resultado daquela seleção viria a indicar toda uma trajetória de vida. O resultado foi publicado no mês de fevereiro e obtive êxito no processo. Dias depois, no início de março, iniciei meu primeiro contato formal com a música.

O curso tinha duração de cinco anos, no qual havia disciplinas de teoria musical, solfejo, história da música, prática instrumental (no meu caso era o teclado) e harmonia. Ao longo de minha passagem pela escola, além do teclado tive a oportunidade de estudar outros instrumentos como a flauta doce, o pífaro, a flauta transversal e o piano, este último, com a professora Luciana Calegari, a qual tenho admiração pelo cuidado e atenção durante as aulas.

Sempre temos os professores que marcam nossa trajetória de vida e aqui não poderia deixar de registrar minha satisfação em ter Hulda Nunes (*in*

memorian) como professora de teoria musical, Marcos Batista como professor de Solfejo e Vivi Teclas (Francisco das Chagas) como professor de teclado.

As aulas eram realizadas no turno vespertino na sede do Prédio Epílogo de Campos, localizado na Praça Miguel Faustino (Praça da Igreja do Perpétuo Socorro), no Centro de Mossoró, distante da minha casa pouco mais de um quilômetro. Não tenho exatidão quanto à quantidade de dias que ocorreram as aulas, provavelmente, foram em três tardes. Inicialmente, era levado de bicicleta pelo mesmo vizinho que me transportava para as aulas de teclado nas residências de Paula e Sheila.

Comecei a ganhar autonomia e em pouco tempo já estava indo sozinho para o Conservatório em minha bicicleta de cor azul. Recordo que as aulas tinham início às 13:30h e término por volta das 17h.

No ano seguinte, em 2001, o Conservatório mudou de espaço e ficou localizado a três quadras de distância da minha residência. Passei a contar com outros professores contribuindo com minha formação musical.

Ao final de cada ciclo letivo era uma prática da escola realizar o recital de final de ano, no qual os alunos tocavam e cantavam peças musicais que eram ensaiadas com as turmas de alunos, no entanto, nunca me senti à vontade para realizar essas participações, pois sentia muita vergonha. Realizava os ensaios com a turma, contudo, no dia da apresentação, não comparecia. Essa prática foi realizada por mim nos dois primeiros anos de estudo no Conservatório de Música.

As experiências oportunizadas no contexto musical, pouco a pouco provocaram, em mim, mudanças comportamentais que me fizeram perceber o espaço que eu estava inserido. Passei a observar, ouvir e participar das práticas musicais coletivas ofertadas pela instituição. Além disso, as práticas de conjunto proporcionam um ambiente de aprendizado valioso, onde músicos de diferentes níveis de habilidade podem se beneficiar. Músicos mais experientes podem orientar e inspirar os iniciantes, criando uma cultura de mentoreamento que fortalece o contexto musical. Essa troca de conhecimento é uma característica fundamental dos ensaios em grupo.

Além do estudo do teclado, iniciei, em 2002, as primeiras notas na flauta doce soprano e contralto o que possibilitou a reativação do Grupo de Flautas do Conservatório juntamente com a professora e outros dois flautistas. No

contexto do grupo pude aprender sobre prática musical em conjunto, compreendendo aspectos camerísticos, texturas sonoras, pulso, destaques entre outros importantes pontos de estudo musical. Entendi o grupo de flautas como uma escola. Desenvolvi habilidades de leitura de partitura, prática de conjunto, escrita de partitura, arranjos musicais e divisão de vozes.

As práticas de conjunto em música oferecem aos músicos a oportunidade de trabalhar em equipe. Os ensaios eram momentos de colaboração, onde cada membro do grupo desempenhava um papel específico, contribuindo para a criação de uma experiência musical coesa. Isso requer escuta ativa, comunicação e respeito pelas contribuições dos outros membros, promovendo o desenvolvimento de habilidades musicais e interpessoais do grupo. O trabalho em conjunto exige precisão, sincronia e coordenação, o que nos leva ao processo de superação e aperfeiçoamento das habilidades individuais. Além disso, a prática constante durante os ensaios aprimorava a leitura de partituras, a compreensão da teoria musical e a capacidade de adaptação a diferentes estilos e gêneros musicais.

A experiência de participar de práticas de conjunto é enriquecedora também do ponto de vista artístico e criativo. A interação com outros músicos traz novas perspectivas e abordagens musicais, estimulando a criatividade e a inovação. Os músicos aprendem a equilibrar a expressão individual com a contribuição para o todo, resultando em interpretações musicais mais ricas.

Destaco ainda os momentos de apresentações musicais nos recitais de fim de ano, momento rotineiro na escola desde seu surgimento, como também em abertura de eventos da universidade e convites externos, como por exemplo, Feira do Livro de Mossoró, Momentos festivos do Sindicato dos Técnicos Administrativos da UERN, Eventos da Ordem dos Advogados do Brasil da Subseção de Mossoró. Foram momentos de experiências formativas. As apresentações ao vivo são o ápice das práticas de conjunto, oferecendo aos músicos a oportunidade de compartilhar sua música com o público. Isso não somente aumenta a autoestima e a confiança dos músicos, como também, cria uma conexão emocional com a plateia. As apresentações são momentos de celebração da música, unindo músicos e ouvintes em uma experiência única.

Durante o início e ao mesmo tempo em que os caminhos eram vivenciados, nesses dois primeiros anos de intensas atividades, passei a

compor um duo instrumental de flauta e teclado, sendo meu parceiro o flautista Paulo Roberto, mais conhecido como Segundo, e, também, com estudos e experiências iniciais no instrumento, assim como eu. Iniciamos um trabalho de tocar em casamentos. Não recordo qual o primeiro casamento que tocamos, mas lembro que foi o pontapé inicial para que tivéssemos convites pelo menos duas vezes por mês. Sem cachê, nosso pagamento se resumia ao convite. Nossos pais eram os maiores entusiastas desses momentos.

Fomos contratados para realizar uma cerimônia na cidade de Areia Branca para um casal desconhecido. Talvez tenha sido indicado por alguém que nos tenha visto em alguma cerimônia. O valor cobrado foi de trezentos reais e, por sugestão do contratante e por inexperiência de nossa parte sobre o funcionamento do mundo dos negócios, o pagamento seria realizado após a cerimônia. Os noivos decidiram qual seria o repertório de cada entrada, detalhes, etc. Viajamos para o casamento, executamos nossa parte do acordo e os noivos. Depois de momentos de insistência, foi conseguido um cheque para nos pagar. Quando da troca do cheque junto ao banco, não havia fundos. Hoje rememoro esse momento com muitos risos e boas gargalhadas, mas, em tempo, foi muito tenso. Talvez fosse nosso primeiro recurso vindo de apresentações. Após várias ligações e insistências, conseguimos nosso sonhado e suado cachê. Acredito que realizamos juntos cerca de vinte e cinco ou trinta casamentos.

Ainda nesse contexto de parceria musical, criamos uma escola de Música chamada “Meu piano é divertido” aulas de teclado e piano. Com 12 ou 13 anos de idade, entre os anos de 2001 ou 2002, tivemos o atrevimento de ensinar um instrumento que há pouco tempo havíamos iniciado o processo de estudo. Como sempre, nossos pais nos apoiaram, fizeram uma faixa de ráfia com alguns dizeres, pregamos na fachada da casa do meu amigo e assim, tivemos nossos primeiros alunos. Acredito que uns cinco ou seis interessados fizeram parte desse sonho. Passamos pouco tempo com essa atividade, pois nossas rotinas de estudos passaram a ficar bem intensas.

As lembranças por mim descritas neste momento estão apoiadas, ao mesmo tempo em que dialogam com as discussões descritas por Halbwachs (1990) quando, por meio da memória, ele apresenta as histórias vividas a partir das experiências da infância que são confrontadas com as práticas da vida

adulta e resultam em ações práticas inseridas no cotidiano prático do indivíduo, sobretudo, estabelecendo relações entre as impressões pessoais e os pensamentos coletivos.

1.2 - Da cadência final ao *ritonello*: voltando aos estudos musicais

As aprendizagens podem ser significadas a partir de experiências e valores diferentes e que são indicadas por nós mesmo, por entender que as subjetividades inerentes a cada uma delas sugerem novas aprendizagens e novas experiências. É certo dizer que algumas delas podem, de certa forma, colocar em questão os valores que são significados a cada uma delas e como esse resultado interfere diretamente no valor de novas aprendizagens, novos caminhos, determinando novas transformações e suas subjetividades, práticas e identidades.

Experiências marcantes definem novas aprendizagens e suas influências sobre as novas práticas sociais e culturais. Entender que esse processo é natural e inerente à formação da pessoa, me faz sobrevoar mais uma vez em fatos e momentos que estremeceram as bases experienciais até então muito bem estabelecidas por meios da influência do conjunto social, aqui me referindo ao meio que me incentivou e apoiou na construção desse percurso musical, sobretudo, meus pais e professoras.

Os caminhos até então trilhados apontavam uma reta onde se visualizava apenas nuances próprias da caminhada, o cansaço, o descansar, subir, descer, novas rotas, mas nunca se passou pela compreensão desse conjunto social, a parada da caminhada. Nem eu mesmo percebi o tamanho e as consequências daquela decisão.

Neste contexto, serão abordadas as vivências musicais e os percursos que foram fundamentais para um hiato com a música, os fatos ocorridos dentro desse espaço temporal de distanciamento, bem como as decisões que viriam a ser tomadas para que em seis ou sete meses depois, houvesse o retorno definitivo para o ambiente artístico musical.

Rememoro as diversas situações familiares ocorridas em detrimento do meu afastamento com a música, o descontentamento de meus pais, as discussões e momentos de tensão em relação ao meu distanciamento da

música. Todo o zelo e cuidado que eram empreendidos por meus pais para que esse distanciamento de fato não se consolidasse, fato este que gerou diversos desconfortos e momentos de angústia. O apoio familiar sempre foi uma máxima na condução desse processo, talvez por entender que esse ofício fosse capaz de transformar e me desviar de caminhos e situações que não fossem desejadas por meus pais.

A obstinação me parece que tem sido uma máxima força motriz que me persegue desde as primeiras percepções de mundo, de relações e das experiências. Empenho e dedicação não me faltam quando possuo prazer em desenvolver alguma atividade. Isso se aplica para todas as experiências vividas até os dias atuais, momento em que me debruço ao escrever essas linhas. Determinado a estudar música com oito anos de idade e seguir os caminhos já descritos aqui, sempre foi um prazer para mim, nunca foram momentos de tensão. Imprimo fortemente em minhas práticas cotidianas a implicação no desenvolvimento de qualquer atividade. Esse modo de agir e pensar me fazem ser determinado e firme na tomada de decisões.

Já passados dois anos de estudos no Conservatório de Música, iniciando o terceiro ano, em 2003, mais uma vez houve uma mudança de sede da escola. O novo endereço era localizado no Centro da cidade, vizinho à Faculdade de Enfermagem e à Reitoria da UERN, localização ainda próxima de minha residência.

Na composição da melodia da vida nos deparamos com novas sonoridades, novas texturas e esse processo não seria diferente comigo. Próximo de minha casa, na mesma rua, conheço uma moça chamada Otávia Regina, que tivera recentemente sido aprovada no teste de seleção do Conservatório. Travamos uma relação de amizade de forma muito rápida, pois sempre estávamos juntos conversando sobre música e tocando. Seu instrumento era o violão. Dado o início das aulas no ano de 2002, íamos juntos a pé conversando. Nosso horário de saída era às 13h, em um sol de “rachar a cabeça”, como diz o nordestino. Nos dias em que Otávia não tinha aula, eu percorria o caminho de bicicleta.

Haviam planos de comprar instrumentos e montar um grupo de música nordestina. Nossos sonhos eram esses: tocar e apresentar. Recordo que em uma folha de papel em branco inserimos uma instrumentação e os valores de

cada instrumento musical, em seguida fizemos uma soma que girava em torno de oito mil reais, um valor muito alto para a época como também distante da nossa realidade financeira. Como sonhar não se paga nada por isso, continuamos nosso desejo de tocar e estudar. Cada dia que surgia, nossa amizade se tornava mais sólida e musical.

Estar juntos conversando sobre música, ir para o Conservatório e tocar música era uma alegria para nós dois. Mesmo sendo instrumentos diferentes e níveis de aprendizagem musical também distintos, nos unimos para tocar um para o outro, tirar dúvidas entre outros assuntos que percorriam o ambiente musical.

Trago à memória, no ano de 2003, os dias de aula: segunda-feira e quarta-feira. Não sei ao certo quais disciplinas Otávia estudava e em quais dias, mas minha lembrança imprime a seguinte configuração: segunda-feira havia aula de solfejo e teclado e na quarta-feira aula de teoria com o professor Wanderley Silva. Pouco a pouco estava me envolvendo em outras práticas musicais da escola. Recordo que havia a obrigatoriedade de o aluno estudar apenas um instrumento e mesmo assim insisti muito junto a direção e dos professores, até conseguir estudar piano, ao mesmo tempo que estudava flauta (flauta doce soprano, flauta doce contralto, pífaro e flauta transversal)⁴. Com todas essas práticas, minha presença no Conservatório era permanente de segunda a sexta, todas as tardes. Ainda nesse percurso, estou tocando no Grupo de flautas, quarteto composto pela professora, dois amigos e eu. Os dias eram fortemente marcados pela música.

O ano de 2002 foi marcado pela efervescência musical vivenciada diariamente, sentia muito gosto e minha percepção musical se ampliava em vários aspectos: minha leitura de partitura foi ampliada para a clave de fá, conhecimento de teoria musical, conseguia ouvir melodias e transcrevê-las sem apoio de um instrumento musical para a partitura, desenvolvi habilidades técnico-musicais na execução dos instrumentos que estava me propondo a estudar.

Senti um grande avanço na minha formação a partir de minhas experiências cotidianas. Sempre muito atento e observador, detive meus olhos

⁴ Os únicos instrumentos que possuía eram o teclado e a flauta doce soprano, as demais, eram da escola ou emprestadas de um outro professor. Fatos que serão contados mais adiante.

e ouvidos aos caminhos da música, perseguindo toda e qualquer vivência que me possibilitasse o contato com o ambiente sonoro.

As práticas e vivências no contexto do Conservatório de Música eram momentos no qual existia uma enorme vontade de querer fazer música, tocar instrumentos e participar das diversas atividades que eram realizadas, seja como espectador ou executante musical. Momentos ricos de experiências compartilhadas pelos professores que organizavam recitais e outras ações que favoreciam um intenso trânsito de atividades musicais.

Num canto sereno da cidade, onde a melodia do vento se mistura com o murmúrio das folhas, há um lugar que brilha com uma luz única. Refúgio de notas e acordes, onde os sonhos dançam em compasso perfeito. A participação nesse encantado reduto é como uma sinfonia que enriquece nossas vidas, revelando segredos que somente a música pode desvelar.

Os sonhos são como sementes lançadas em solo fértil. Os alunos, jovens ou experientes, encontram ali o terreno propício para que sua paixão pela música floresça e cresça, um convite para explorar os recantos da criatividade, um convite para se conectar com a beleza que a música tem a oferecer.

Cada sala de aula é uma porta para um mundo mágico. Lá, os dedos ansiosos dançam sobre as teclas de um piano, as cordas de um violino ou as cordas vocais. É uma celebração da expressão pessoal, onde a alegria se entrelaça com o som, e os alunos se tornam intérpretes de suas próprias emoções. As melodias formam um abraço coletivo de vozes, um eco de esperança e solidariedade, descobrindo a incrível harmonia que surge quando muitos sons se unem.

Uma dança constante entre o professor e o aluno, uma troca de sabedoria e paixão. Os professores não apenas ensinam música, eles inspiram uma vida de apreciação e descoberta, mostrando que a música é mais do que notas e linhas no papel, é a linguagem da alma.

Como um jardineiro que cultiva flores no deserto, o Conservatório de Música transforma vidas, espalhando sementes de amor e criatividade. A participação nesse mundo encantado é como uma canção que nunca termina, uma melodia que nos guia em nossa jornada pela vida, onde as notas são

como sonhos que se tornam realidade, e onde a música nos leva a um lugar de beleza eterna, onde nossas almas dançam em harmonia com o universo.

Deixo, nas linhas escritas acima, minhas impressões, sentidos e sentimentos por ter iniciado uma formação significativa em música em um ambiente repleto de envolvimento humano com sensibilidade e afeto.

A área de conhecimento musical é diversa e plural. Além da Performance musical, área que se concentra no estudo e prática da execução sonoro musical, outra área que sempre me chama atenção é da Estruturação musical, com disciplinas que buscam o estudo e prática das notas, figuras, valores, harmonias e outros elementos que alicerçam a construção teórico-prática da música.

As aulas de teoria musical ministradas pelo professor Wanderley eram pautadas na leitura dos textos que estavam apresentados do Livro de Teoria da Música de Maria Luiza Priolli e na resolução exaustiva de exercícios teóricos. Quanto mais o nível do curso avançava, menos pessoas participavam das turmas. Tenho a lembrança de que essa turma de terceiro ano de Teoria musical era composta apenas por mim e por Genival da Paz, músico clarinetista da Banda de Música Municipal Artur Paraguai, da cidade de Mossoró. Minha referência ao modelo exaustivo não quer imprimir uma situação de desconforto, mas um momento de repetição e entendimento dos conteúdos por ele ministrados. A prática leva à perfeição. Acredito que esse era seu lema.

Houve alguns momentos de pouca compreensão dos conteúdos musicais em sala de aula e como a turma era bem reduzida, algumas perguntas e resolução dos exercícios me deixavam desconfortável, pois não conseguia atender ao professor e responder de forma correta. Sentia vergonha ao mesmo tempo uma vontade de sair da sala para não ter que responder o que eu não sabia. Associada aos momentos de sala de aula, a grande quantidade de exercícios para casa deixavam-me angustiado, até o momento de eu ter que pedir para Genival da Paz responder os trabalhos, apenas para receber a nota, mesmo sem eu ter compreendido os conteúdos, a famosa “cola”.

Os tensos momentos em sala de aula e as atividades para casa estavam, de forma decisiva, imprimindo uma nova realidade num mundo que

até então vibrava com melodias e acordes consonantes. Permaneci o primeiro semestre de dois mil e dois participando das aulas, mas visualizava com muito desejo o recesso do meio do ano como uma forma de escapar daqueles momentos que para mim estavam sendo muito desagradáveis. Eis que chega o final do semestre e meu sentimento de liberdade se torna meu abraço, meu afago.

Chega o momento da renovação de matrículas, momento em que meus pais se deslocam até ao Conservatório de Música e realizam esse processo. Dias depois seria o início do segundo semestre.

De forma clara, objetiva e irredutível, informo aos meus pais que não possuía o desejo de continuar com meus estudos musicais. Foi um espanto. A compreensão deles se chocava com uma trajetória passada não distante e presente repleta de desejos, sonhos e atividades musicais. Até que chega o dia de retorno da aula, uma segunda-feira à tarde. Logo após o almoço, fui determinado por meu pai que eu deveria tomar banho, se arrumar e que ele me levaria para o Conservatório.

Com idade entre 12 e 13 anos, em junho do ano de 2003, obstinado e de forma inflexível, afirmei que não iria. Houve um momento de longa discussão, choros de minha parte e, mesmo diante de todo o momento de pressão, pois esse era meu sentimento, não “arredei o pé”⁵ de minha decisão.

Com bastante lucidez relembro os minutos que antecederam o horário da minha possível partida para o Conservatório para assistir aula. Meu pai, com firmeza disse que ou deveria optar entre estudar música e ir para as aulas ou trabalhar no Mercado Central vendendo roupas com a esposa do meu tio, irmão do meu pai. Mantive meu posicionamento, afirmei que não iria assistir às aulas de música.

Mais uma vez ele brigou comigo e disse que iria até a casa de meu tio para organizar meu local de trabalho e que voltaria para me buscar e me deixar no Mercado Central para a venda de roupas. Fiquei muito nervoso, pois não queria realizar aquela atividade, mas me mantive obstinado em minha decisão. Assim, meu pai saiu no carro para, supostamente, ir resolver essa questão

⁵ Termo nordestino utilizado para indicar não mudança de opinião, não sair do lugar ou não ceder em algo ou para alguém.

junto ao meu tio, mas ele nunca voltou para me buscar. De fato, ele foi para o trabalho dele.

Maurice Halbwachs (1990) nos leva a refletir sobre esse processo de estranhamento levando em consideração caminhos que foram previamente definidos pelo conjunto social daquele contexto e suas implicações a partir de mudanças impostas por situações diversas, o que nos leva a compreender, por parte dos meus pais, seus sentimentos por força de fortes decisões tomadas por mim: a descontinuidade nos estudos musicais.

Há aliás, através de toda a infância, muitos momentos em que encaramos assim o que não é mais da família; ou porque nos chocamos, ou porque nos ferimos ao contato dos objetos, ou porque devamos nos submeter e vergar à força das coisas, ainda que passemos inelutavelmente por uma série de pequenas experiências que são como que uma preparação para a vida adulta: é a sombra que projeta sobre a infância a sociedade dos adultos, e mesmo mais do que uma sombra, uma vez que a criança pode ser chamada a tomar sua parte em cuidados e responsabilidades cujo peso recai de ordinário sobre ombros mais fortes dos seus; e que ela é, pelo menos temporariamente e por uma parte de si mesma, colocada dentro do grupo daqueles que são mais velhos do que ela. É por isso que dizemos algumas vezes de alguns homens que eles não tiveram infância, porque a necessidade de ganhar seu pão, impondo-se a eles muito cedo, forçou-os a entrar nos domínios da sociedade um dos homens lutam pela vida, enquanto que a maioria das crianças nem sabem que essas regiões existem; ou porque em consequência de uma morte reconheceram uma espécie de sofrimento de ordinário reservado aos adultos e tiveram que enfrentá-lo no mesmo plano que eles (Halbwachs, 1990, p. 27-28).

Halbwachs (1990) nos aproxima de uma complexa discussão na qual demonstra muito preciosismo em dialogar em mundos distintos, o da criança e do adulto e o confronto de ideias que foram planejadas pelo conjunto social, podendo haver ou não, por parte de pessoas que compõem esse ambiente, a tomada de novas decisões, confrontando com os planos iniciais. É sabido que as experiências formativas geram outros modos de pensar e agir, mesmo que essas experiências tenham sido desagradáveis.

Aponta ainda que as responsabilidades geradas por essas decisões são transferidas para quem assim de fato deve recair, não havendo nenhum meio de reflexão sobre o entendimento e se as consequências implicadas ali são compatíveis com o nível de amadurecimento e experiência social.

A morte apresentada por Halbwachs (1990), por força de aproximação com o recorte histórico de minha história de vida, relaciono com o “meu

desistir” que, para meus pais, talvez tenha sido um momento enorme de dor, e por consequência dos fatos já descritos, atuaram por meio de suas decisões.

Após a composição de várias melodias de experiências musicais, acordes de amizades e outros tantos momentos de formações significativas, eis que surge então a Cadência final, momento de meu desligamento com a música.

Após todo o processo de discussões, desgastes e conflitos, começava um novo momento, agora longe da música. Minha rotina se resumia aos estudos escolares e ao encontro com os amigos da rua. Por vezes, em dias distantes um do outro, me colocava ao teclado para executar alguma música e talvez uns poucos exercícios, realidade longe daquela que meses antes preenchia o meu dia por horas.

Outro contexto musical muito importante para mim, para não haver o total distanciamento da música foi uma série infantil chamada Castelo Rá-tim-bum, exibido desde 1994 e reprisado a partir de 1998, programa apresentado na TV Futura. Além do enredo de cada episódio que chamava atenção de crianças e adultos e por ter um viés educacional e formativo muito bem tecido, em um dos quadros da série haviam os “passarinhos”, momento em que algum instrumento musical era executado pelos pássaros músicos que moravam no galho da árvore de Celeste, uma cobra falante.

Haviam duas “patativas (passarinhas cantoras)” e o “João de Barro (músicos convidados)”, que apresentava/executava o instrumento musical. Era o momento mais esperado por mim, pois queria ver, conhecer e ouvir o som de novos instrumentos musicais. As experiências significativas que essa série imprimiu em minha vida trago até os dias atuais.

Mesmo não participando ativamente do cenário musical, assistindo recitais e participando das ações, ainda mantinha contato com amigos músicos que relataram suas práticas diárias com estudos em casa, ensaios no Conservatório, grupos de estudo, etc. Percebi em mim uma mistura de sentimentos, para os quais buscava compreender cada um deles e uma pergunta sempre surgia: melhor perto ou longe da música? Não sabia responder, talvez ainda pelo pouco tempo de afastamento dos ambientes musicais ou por não compreender/visualizar o futuro.

Vivenciei uma curta caminhada de seis ou sete meses, resultante em processos de reflexão e de percepção, pois vi amigos e amigas seguindo seus estudos na música, realizando recitais entre outras ações que me fizeram perceber uma nova realidade e me deu condições de visualizar que longe da música não seria o caminho.

A música se apresenta como um oásis de serenidade, uma janela para a expressão mais profunda da alma humana. Como um abraço invisível, a música nos envolve em uma teia de emoções, muitas vezes indizíveis, mas que fazem parte do nosso entendimento humano. Através das notas e acordes, podemos compartilhar tristezas, alegrias, amor e saudade, estreitando laços com aqueles que nos rodeiam. Além de ser um veículo de comunicação emocional, a música também é um catalisador da criatividade.

Com suas infinitas combinações de ritmo, melodia e harmonia, ela desafia o pensamento humano a criar e inovar, alimentando a chama da imaginação. Ao tocar um instrumento ou compor uma canção, somos transportados para um mundo onde os limites desaparecem, dando lugar à expressão pura e ao florescimento da mente.

O envolvimento com a música nos permite viajar em uma jornada interior, uma oportunidade de autodescoberta e crescimento pessoal. À medida que nos sintonizamos com os sons, nos conectamos mais profundamente conosco mesmos. Ela é um espelho que reflete nossas almas, tornando-nos mais conscientes de quem somos. Fonte inesgotável de consolo e inspiração. Ela nos acompanha nos momentos de tristeza, nos eleva nos momentos de felicidade e nos guia nos caminhos da vida.

A música nos oferece um refúgio onde podemos encontrar paz e serenidade. Com a música, torno-me um agente de harmonia, propagador de amor e entendimento. A música transcende as divisões e nos lembra da nossa humanidade compartilhada.

Como notas de um prelúdio, construo um ambiente reflexivo e preliminar que, para mim, denota importância pois, crédito à essa reflexão, minhas impressões, antes mesmo de descrever os momentos pós retorno ao ambiente musical.

Descrevo meu retorno às atividades musicais em março de 2003, voltando a estudar com o mesmo professor de teoria que me fez desistir,

entendendo todo aquele processo como pedra fundamental para minha formação enquanto estudante de música. Josso (2010, p. 62) permite uma importante reflexão sobre a compreensão sobre nós mesmos em detrimento da reflexão sobre as experiências transformadoras e suas necessidades. “[...] a formação supõe trazer novidade, portanto, transformação, mudança. E as aprendizagens novas exigirão desaprendizagens: livrar-se de hábitos mais ou menos antigos que, por diferentes formas de tomada de consciência se revelam como freios [...]”.

A tarefa da transformação exige reflexão e amadurecimento ao ponto de compreender que novas resistências podem surgir em detrimento de percepções já vivenciadas e/ou modificadas. Precisamos estar atentos aos novos caminhos e perceber que a mudança, a transformação, exige que estejamos acessíveis para novas experiências ou até mesmo experiências já vivenciadas, mas que sejam revisitadas com um novo olhar para que se permita prosseguir com o caminho. Importante ainda destacar que esses percursos precisam de um esforço consciente, mas que nem sempre é colocado como partida para o entendimento e compreensão da transformação.

O momento de retornar para as aulas de música e todo aquele trânsito musical me causou enorme alegria. Mesmo tendo havido, de minha parte, resistência em vivenciar novamente os ambientes musicais, estava deseioso em reencontrar os sons amigáveis, corredores melodiosos e encontros harmoniosos. Havia, dentro de mim, a certeza que não existia outro caminho senão aquele, mesmo sem amadurecimento para isso, hoje percebo que precisei refazer conceitos e atitudes para poder seguir em frente e construir o caminhar musical com todas as suas possibilidades.

Debrucei-me mais uma vez em todas as atividades que pude participar. Tenho a impressão que esses passos dados para trás foram importantes para unir forças e esforços para uma retomada que não teria mais pausas, cadências finais ou finalizações.

O processo (auto) biográfico oportuniza o reconhecimento de cada um de nós em nossas subjetividades, desejos, potencialidades, fragilidades, portanto, precisamos ter consciência que podemos unir as possibilidades de poder, querer e ter (Josso, 2010) para aquisição de práticas que são fundamentais para construir o desconstruir, frente às mudanças, ao encontro

do oculto e desconhecido que pertence ao nosso ambiente de experiências significativas.

O distanciamento ou nova significação sobre algo implica para o conjunto social, num primeiro momento, a abdicação de práticas comuns contextualizadas e “definidas” para ser o caminho adotados por todos, contudo, esse entendimento, para todo o conjunto, quando mergulhado na intenção de fazer, pensar, ouvir, refletir, avaliar, perseverar, projetar, desejar, possibilita novas reconfigurações e potencialidades para o entendimento e amplificação consciencial, do novos caminhos, novas sonoridades (Josso, 2010).

Essa discussão evoca em mim reflexões que me permitem compreender que as experiências significativas são complexas e conectadas com situações diversas e contextualizadas, “[...] são terrenos férteis para aproximar os processos vitais e a criação de uma identidade que faz sentido para si, sentido partilhável com outros no seio desse território específico” (Josso, 2010, p. 66). Dito isso, retorno ao campo da minha memória para narrar experiências que permearam os caminhos que ainda estavam por conquistar.

Nesse momento de escrita, exatamente no dia doze de outubro de dois mil e vinte e três, embalado por muitas lembranças e boas memórias afetivas, ao som de Richard Clayderman, encho-me de lágrimas invisíveis aos olhos de outros, mas que banham cada pedaço de minha memória e de minha alma na doce melodia do piano que inunda meus ouvidos com afeto e paixão, possibilitando minha mais profunda viagem ao meu interior, na busca por notas que somente eu consigo achar dentro dos meus acordes da vida.

As melodias lacrimais são impossibilitadas de sonorizar seus caminhos físicos pelos arredores de meus olhos em resposta biológica do meu corpo ao consumo de fortes e dissonantes fármacos, motivo pelo qual me levou ao afastamento de minhas atividades laborais desde junho de dois mil e vinte e três.

Com a alma e a memória marejadas, trago as experiências que compuseram a finalização de um ciclo e o início de outro. O retorno aos ambientes musicais foi bálsamo para minha alma, mas restava ainda sentir os aromas que estariam aspergidos nas aulas de teoria musical. Qual seria minha sensação? Qual seria minha reação? Foi a melhor possível. Participei ativamente de todas as aulas, nas discussões teóricas, com perguntas, na

resolução dos exercícios em sala com também os propostos para casa. Tornei-me um aluno exemplar, palavras do próprio professor.

O contexto escolar possui um trânsito natural de muitas ações sendo realizadas ao mesmo tempo. No Conservatório de Música não era diferente, pois tratava-se também de uma escola. Estava mergulhado em cada trabalho musical desenvolvido, participando de aberturas de eventos com o Grupo de Flautas, fazendo apresentações solo, convites externos, aberturas de eventos da UERN com a execução do Hino Nacional Brasileiro, dentre outras ações que fazem parte dos atributos de um jovem estudante de música.

Estabelecer a construção das narrativas por meio de minhas memórias imprime tempos, práticas, contextos e costumes, aos quais apoio-me mais uma vez nas discussões elaboradas por Halbwachs (1990) por meio das conexões com as lembranças da infância e dos tempos de jovem e minhas práticas, ações fundamentais para compor minha identidade. O autor apresenta a partir das lembranças reconstruídas, a participação da infância em distintos grupos e situações e quando adulto, sem perceber, sua atuação nestes ambientes torna-se distinta e refletida, influenciando suas ideias e práticas.

1.3 - Contrapontos: práticas e experiências para a composição da minha vida

Semelhante à uma composição musical contrapontística, que possui em sua estrutura duas ou mais melodias que simultaneamente são regidas por padrões e princípios organizacionais, conduzem à criação de caminhos melódicos e sem pretensão harmônica, produz sonoridades de linhas melódicas individuais que se unem ao mesmo tempo na intenção de provocar uma textura polifônica ainda mais bela, assim, são nossas vivências cotidianas. Comparo as experiências diárias às melodias que juntas compõem uma partitura, soando, reverberando, dando sentido aos nossos caminhos, esse conjunto de partituras, à nossa memória e nossas experiências significativas.

As práticas são caminhos importantes para que possamos estruturar ou pelo menos estabelecer parâmetros para a construção de nossa identidade, as finalidades de nossas existencialidades por força de nossas expressões,

nossas percepções de visão de mundo mediante nossas próprias análises e como dialogamos com as interpretações intentadas e construídas a partir desse plural de práticas conectados ao nosso ambiente, por consequência, após o ato reflexivo, delinea e forma nossas significações. Josso (2010, p. 68) constrói um caminho para a formação da identidade por meio das referências sociais e pela “[...]tomada de consciência de que a questão identitária deve ser concebida como processo permanente de identificação/diferenciação e de definição de si através de identidades evolutivas, como emergências socioculturais visíveis de existencialidade”.

O caminho aqui intentado será a descrição de momentos significativos de minhas práticas e experiências musicais que contribuíram efetivamente para meu desenvolvimento profissional, como também os laços sociais que harmonizaram as diversas melodias que foram sendo compostas ao longo de minha jornada enquanto aprendiz da música, aprendiz da vida.

O Conservatório de Música, como pode ser percebido a partir de minhas linhas já escritas, foi a pedra fundamental para que eu pudesse viver experiências marcantes, repletas de conceitos, estruturas, práticas musicais e sociais, como também sentir a sensibilidade das vibrações que produzem o som e que nos torna seres humanos afetuosos.

O teclado começou a ser um instrumento em segundo plano. A flauta pouco a pouco começava a ocupar os espaços de estudo como também de apresentações musicais. Meu envolvimento com o Grupo de Flautas me fez perceber algumas potencialidades que não eram vistas por mim. Além de obstinado, me encontro diariamente na condição de querer fazer, contribuir, idealizar, o que me possibilitou a abertura de diversas oportunidades. Nesse movimento antecipado de ação, no contexto do grupo ao qual estava me envolvendo de corpo e alma, havia a seguinte estrutura: a professora, coordenadora do grupo e mais três integrantes, todos alunos do Conservatório.

Cada componente executava um tipo de flauta doce diferente, possibilitando a composição de um genuíno quarteto de flautas. Nessa estrutura a coordenadora executava a flauta doce soprano, a flauta doce contralto estava sob minha responsabilidade, Gisele Lima atuava na flauta doce tenor, enquanto Leopoldo Galtieri estava na flauta doce baixo. Cada flauta

possui uma narrativa melódica que, no conjunto simultâneo de sons, juntam-se e produzem lindas harmonias.

Muito embora, as tarefas de organização de repertório e demais atribuições da coordenação do grupo deveriam ser da professora coordenadora, por entender que eu podia desempenhar bem algumas dessas funções, me foi dada essa responsabilidade. Nossos ensaios eram realizados na segunda-feira pela manhã, iniciando às oito horas e seu término por volta das dez horas. Eu realizava a busca pelo repertório sugerido pelo grupo; quando necessário, realizava adaptações nas partituras para que todas as flautas pudessem executar o repertório; estudava as demais melodias das outras flautas para contribuir na condução do ensaio, dentre outras tarefas cotidianas de um grupo musical.

Essas experiências foram marcantes pois contribuíram diretamente para meu desenvolvimento musical. Minha sensibilidade auditiva era ampliada a cada nova prática, a cada novo ensaio. Meus olhos conseguiam enxergar, ao mesmo tempo em que eu tocava as melodias em minha flauta, novas possibilidades musicais por intermédio dos ouvidos atentos, ouvidos fascinados por cada nota vibrada em meu íntimo.

Os momentos de ensaios são, de fato, uma sala de aula, um laboratório sonoro musical; discutimos, experimentamos, divergimos, aprendemos e no final, por objeto da própria necessidade inerente à prática musical coletiva, harmonizamos nossas melodias e percepções e construímos nossas impressões sonoras musicais e humanas nos sons que serão transmitidos e internalizados por outras pessoas.

As apresentações musicais públicas são compreendidas, por mim, como outro ambiente de aprendizagem. Como se portar? O que falar? Como se vestir? Qual repertório tocar naquela ocasião? Qual deverá ser meu nível de concentração para que interferências externas não prejudiquem a execução musical? Qual será meu nível de nervosismo? Como será minha interação com o público? Meus objetivos foram atendidos em função da plateia? São muitos fatores que simultaneamente interagem no momento da performance, para além da própria execução musical. Mesmo assim, estava atento aos detalhes para que tudo ocorresse da melhor maneira possível, e entendendo que o

máximo conseguido não era o desejado por nossos planejamentos durante os ensaios.

Foram muitas apresentações realizadas no Conservatório de Música em eventos musicais diversos; aberturas de solenidades e cerimônias acadêmicas da UERN; convites de instituições externas, como, por exemplo, Maçonaria, Centro espírita, Feira do Livro de Mossoró, ONGs, ações sociais em espaços diversos da cidade.

Para além das práticas musicais, destaco as contribuições que foram permitidas a partir das relações afetivas entre os integrantes do grupo como também com o ambiente em que estávamos inseridos. Josso (2010), descreve esse contexto como uma dimensão que contribui para a expressão evolutiva e de identidade social.

As situações educativas, territórios bem tangíveis, sobre esse ponto, são igualmente um lugar e um tempo nos quais o sentido das situações e acontecimentos pessoais, sociais e profissionais pode ser abordado nesses diferentes registros a fim de facilitar uma visão de conjunto, de aumentar as capacidades de intervenção pertinente em sua existência e de otimizar as transações entre os atores mobilizados pela situação do momento (Josso, 1990, p. 69).

Esses processos potencializam o que costumamos entender por socialização, que vai além do “estar com o outro”, mas, permitir que esse contato seja provocado a partir das subjetividades do outro em relação à nossa e como esse processo contribui de forma significativa para a relação existente e com o ambiente social.

Outro ambiente musical que contribui de forma singular para ampliação de minha visão de mundo musical e percepções sociais foi a Escola de Música Municipal Dr. Pedro Ciarline, localizada à Rua Alberto Maranhão, no Centro da cidade de Mossoró. Minhas vivências foram oportunizadas, neste ambiente, a partir do ano de dois mil e quatro.

Inicio descrevendo minhas experiências musicais com a flauta doce. Por iniciativa do professor Marcondes Menezes, ao qual tenho enorme admiração pelos ensinamentos musicais, a idealização de um grupo de flautas doce. Houve alguns encontros, mas a rotatividade dos integrantes era tanta que a intenção do trabalho foi desfeita em virtude das ausências e descontinuidade de um trabalho musical que precisa de assiduidade e compromisso. Ao perceber que esse trabalho não renderia frutos, acabou por não continuar com

a atividade. Para mim foi frustrante pois tratava-se de outra condução, outras pessoas, outro repertório, outras experiências sonoras que se somariam às minhas experiências adquiridas recentemente no Conservatório de Música.

Por indicação do professor Marcondes passo a integrar a Banda mista, trabalho conduzido pelo Maestro Dermival Pinheiro (*in memoriam*) e que tinha como objetivo a montagem de uma banda de música com instrumentos de sopro e percussão. Recordo claramente da composição instrumental: saxofones, clarinetes, trompa, trompete, trombone, flauta transversal e instrumentos de percussão. Havia em média uns vinte alunos participando da atividade. Pouco tempo depois, o Maestro Dermival foi substituído pelo professor Marcondes, momento que passo a receber orientações na flauta transversal.

“Mas a história ainda nem começou”. Eu não tinha flauta transversal. Então, como eu poderia estar num grupo tocando um instrumento que eu não possuía? Meus primeiros ensaios na Banda mista foram realizados com a flauta doce, logo quando da mudança de coordenação, o professor me emprestou uma flauta transversal da marca Weril. Seu estado de conservação era quase que precário. O som era muito difícil de ser produzido, alguns abafadores⁶ estavam rasgados, a flauta estava com um cheiro muito estranho e havia algumas ligas amarelas daquelas de dinheiro segurando algumas chaves⁷. Não hesitei. Levei a flauta para casa, fiz uma limpeza da forma que eu acreditava que era possível e iniciei minhas primeiras tentativas de soprar o instrumento.

Dentro de dois ou três dias estava iniciando a construção do som na flauta. Por se tratar de um instrumento de embocadura livre, a formação sonora é também produzida pelo músico, diferente da flauta doce, por exemplo, onde o músico precisa “apenas” soprar para haver emissão de som. Na flauta transversal precisa-se direcionar a coluna de ar que sai pela boca ao encontro

⁶ Os abafadores são peças fabricadas em material macio (couro, feltro, etc.) e que ficam localizadas dentro das chaves, fechando os orifícios, vedando-os e permitindo a produção do som.

⁷ As chaves são “teclas” onde ficam localizados os dedos do músico. É um mecanismo que nos permite abrir e fechar os orifícios localizados no corpo do instrumento, produzindo notas/sons musicais diferentes.

da parte interna da chaminé⁸, outra parte do ar se perde pela parte externa, havendo o corte do ar e por consequência a emissão do som. Foram dias difíceis, mas consegui meus primeiros barulhos musicais “sujos”, cheios de sons de sopro, de ar.

Rapidamente transferi o repertório que estava executando na flauta doce para a flauta transversal e iniciava minhas primeiras melodias junto do instrumento que viria a ser divisor de experiências musicais. Não recordo o motivo, mas em pouco tempo, talvez quatro ou cinco meses, esse trabalho deixou de ser desenvolvido. Muito embora as vivências tenham sido curtas, as experiências foram significativas, pois eu estava ouvindo novas sonoridades, até então desconhecidas aos meus ouvidos, novas afinações, novos termos e práticas musicais em grupo, que ampliaram minhas percepções e vivências musicais.

Ao mesmo tempo em que essas experiências eram vivenciadas por mim, participei ativamente do grupo que carrego muitas boas lembranças e aprendizagens musicais, sociais e afetivas. O Grupo Flauta Mágica foi umas das melhores experiências musicais da minha vida. Além das percepções sonoras, aprendi muito sobre a condução de grupos musicais. Coordenado pelo professor Marcondes Menezes, seu trabalho era de instrução musical para flautistas, violonistas e percussionistas. Na época, me debruçava no estudo do píforo⁹, instrumento de maior expressão no grupo. Havia cerca de vinte e cinco crianças e jovens tocando esse instrumento; um violonista e talvez uns oito ou dez percussionistas.

O grupo além de configurar um trabalho de performance musical, havia também a conotação de um trabalho social. Participavam crianças e jovens de diversos bairros diferentes da cidade, classes sociais, religiões, como também de poder aquisitivo distintos. Todos eram igualados em um mesmo patamar ao se concentrar para fazer música. O poder da música é incrível quando, de forma natural que lhe é implicada, harmoniza e iguala os diferentes.

⁸ Orifício localizado na cabeça da flauta/bocal da flauta e serve para realizar a emissão sonora do instrumento.

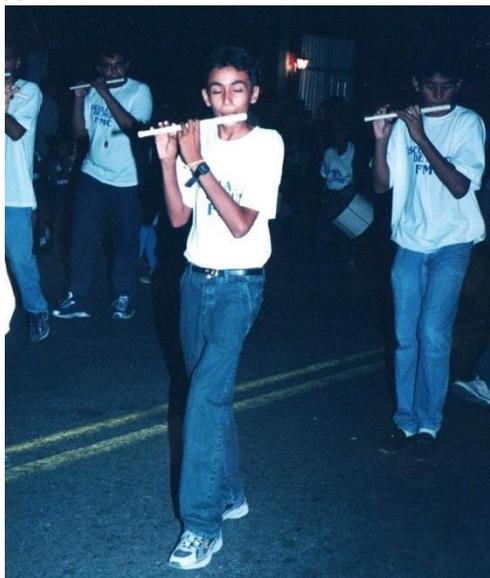
⁹ Flauta transversal de tamanho menor, sem chaves e fabricada em material de resina. Com som agudo e estridente, assemelha-se com o flautim, instrumento da família da flauta transversal.

Minha participação foi efetiva. Não haviam atrasos ou faltas de minha parte. Minha assiduidade e comprometimento com o grupo eram totais, assim como nas outras atividades musicais. Havia muito prazer e desejo em tocar naquela prática musical. Os ensaios eram realizados todas as quintas e sextas-feiras, das 17h até às 19h. O repertório executado era quase que integralmente de músicas nordestinas.

Atento aos sinais registrava em minha memória, sem exceção, as indicações dadas pelo professor, seja para os pífaros, violão ou percussão. Eis que mergulhava em outra sala de aula totalmente prática, com vida e trânsito musical. Sempre sentava à esquerda do professor, na cadeira da ponta, permitindo que toda e qualquer necessidade do professor sobre a condução das músicas, fossem visualizadas em minhas partituras. Passei a ser o único ou um dos únicos flautistas que executava todo o repertório sem falhas. Isso foi dito, na época, pelo professor Marcondes. Para mim foi uma honra receber um elogio do meu professor, meu mestre, a quem eu segui vários de seus passos musicais. Os ensaios sempre foram momentos de muito aprendizado em práticas musicais em grupo. Vi e ouvi muito sobre como organizar e conduzir ações dessa natureza: regência, ritmos, práticas, costumes e regras.

Os momentos de apresentação eram muito bons, além de todo o repertório ser bem diversificado, o professor sempre realizava interações com a plateia e o resultado não poderia ser diferente: sempre um sucesso. Crianças e jovens tocando música em um bom nível de execução, não era muito comum em nosso contexto social, tampouco musical. Recordo-me dos desfiles cívicos nos dias sete e trinta de setembro, momentos em que se comemora, respectivamente, o Dia da Independência do Brasil e a comemoração da Libertação dos escravos na cidade de Mossoró, cinco anos antes da Lei Áurea. Nossas apresentações eram realizadas em escolas públicas, escolas particulares, eventos particulares, inaugurações de obras públicas da Prefeitura de Mossoró, nos festejos juninos e natalinos da cidade como também nos Recitais de final de ano da Escola de Música Dr. Pedro Ciarline.

Fotografia 01 – Apresentação musical no desfile cívico da cidade de Mossoró, em 30 de setembro de 2002.



Fonte: Arquivo pessoal, 2002

Eventualmente, quando havia a necessidade, alguns flautistas tocavam percussão para ajudar na execução das músicas ou por alguma necessidade do arranjo musical. Houve uma solicitação de uma apresentação para a praia de Canoa Quebrada, cidade localizada no Estado do Ceará, vizinho do Rio Grande do Norte, distante cerca de noventa quilômetros. A necessidade da apresentação era de um grupo de percussão que realizasse uma intervenção musical na principal rua, onde ficam bares, restaurantes e a maior parte dos turistas do mundo inteiro. Juntamente com outros flautistas, fizemos parte da composição dessa grande orquestra de percussão, com cerca de trinta crianças e jovens, fizemos nosso percurso na Broadway, rua mais visitada na praia de Canoa Quebrada.

Outra marcante apresentação foi na cidade de Natal, capital do Estado do RN. Viajamos num sábado pela manhã para tocar no maior evento científico da Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN, a Semana de Ciência e Tecnologia da UFRN, no ano de 2001. Realizamos nossa apresentação para um público de mais de duas mil pessoas. Foi mágico. Após a apresentação retornamos para a AABB, local onde estávamos hospedados e, no dia seguinte, domingo, retornamos para Mossoró.

O Grupo Imburana Mororó foi outro ambiente de experiências musicais. Juntamente com minha professora de flauta do Conservatório, meu professor

de flauta da Escola de Música, dois percussionistas, um flautista e o violonista do Grupo Flauta mágica, fazíamos a composição de outro grupo musical com execuções de músicas integralmente nordestinas. Foram muitos momentos de ensaios, apresentações e trabalhos realizados. Rememoro um chuvoso dia de sábado de São João na cidade de Mossoró, dentro da Programação do Mossoró Cidade Junina, em um palco localizada à frente da Estação das Artes, tocamos por mais de três horas seguidas, todos embaixo da grande tenda, dançando e se divertindo. “Era forró pra não se acabar mais”. Chegou um momento em que o lábio não respondia mais às necessidades físicas de pressão para emissão do som, pois a musculatura facial estava muito cansada. Foi um excelente e memorável momento.

No ano de 2004, não preciso exatamente o mês, mas no meio de tantas práticas musicais, me envolvo em mais uma nova experiência. Passo a integrar o corpo do Coral Carcará, famoso grupo da cidade que com irreverência realizava belíssimas apresentações na cidade como também em outras e estados vizinhos. Muito embora o grupo fosse composto por cantores e eu não possuía nenhuma prática musical nesse contexto, minha participação se deu como flautista, para conduzir o processo de memorização das vozes de cada grupo de vozes. Assim como na formação do Grupo de Flautas, as vozes soprano, contralto, tenor e baixo, eram respectivamente as vozes do coral. Como já possuía habilidades de leitura musical nas claves de sol e fá, tudo aconteceu de forma muito natural. Todas as terças e sextas-feiras estávamos ensaiando.

Os ensaios eram conduzidos da seguinte maneira: os grupos de vozes se dividiam em espaços diferentes para estudar suas respectivas melodias, sendo guiados por um chefe de naipe, pessoa responsável pela execução musical daquele grupo, até o momento de unir todas as vozes em um só momento e simultaneamente. Normalmente, eu passeava por todos os grupos para, com auxílio da flauta, “passar” as vozes para os cantores. Em pouco tempo, estava integrando o naipe dos tenores e sendo chefe de naipe, mas ainda assim, continuava com esse trabalho de contribuir com os outros grupos.

Além da grande e significativa experiência musical, estive participando ativamente da parte administrativa, na qual passei a ser o secretário do grupo. Minhas responsabilidades eram: fazer chamadas de presença, enviar torpedos

online para todos os coralistas informando algum comunicado, como ensaios, apresentações, etc., como a organização de repertório e documentos do grupo. O grupo também atuava na participação de editais para os quais concorriam com a proposição de shows musicais, onde eu participava contribuindo na elaboração dos projetos, planejamento das planilhas financeiras, execução das ações, prestação de contas entre outras atividades que eram pertinentes à condução de um projeto.

Rememoro dois momentos marcantes que se desdobram em muitas viagens: participação no Encontro de Corais de Natal - ENCONAT em vários anos seguidos e participação no Festival Internacional de Música Eleazar de Carvalho em Fortaleza/CE. Podíamos assistir corais de diversos níveis de maturidade musical, repertório erudito, popular, intervenções, momentos ricos e apaixonantes junto do canto coral.

Além dessas experiências as participações nos shows musicais sempre foram uma enorme alegria, além de ensaios repletos de muitas risadas todo o grupo era bastante unido, o que favorecia uma unidade afetiva muito importante para os processos de socialização e pertencimento do grupo. Aprendemos a cantar, dançar, montar cenários, sugerir cenas. Fazíamos de tudo para o movimento musical acontecer. Durante cerca de seis ou sete anos integrei esse grupo, até o fechamento de seu ciclo. Foi uma escola que me ensinou bastante sobre produção musical, cultural, administração e escrita de projetos culturais.

Fotografia 02 – Momento de apresentação no Show musical “Paradoxo”.



Fonte: Arquivo pessoal, 2008.

As narrativas impressas aqui nestas linhas emitem as mais doces melodias surgidas de processos reflexivos, sensíveis, criativos e afetivos que conduzem para a complexa atividade de percepção sobre as mutações sociais e culturais para o individual e para o coletivo, estabelecendo relações com os contextos sociais e profissionais. Josso (2010, p. 69) nos caminha para o entendimento dessas práticas refletindo que “[...] essa narrativa nos informa a partir do interior com tanta pertinência quanto essa abordagem puder abranger a totalidade da pessoa na articulação das dinâmicas psicossocioculturais ao longo de sua vida”.

A narrativa, partindo desta análise, passa para o *status* de significação ativa no sujeito, sendo um caminho para a mediação do encontro consigo mesmo, em suas potencialidades, subjetividades, existencialidades e sobre sua tomada de consciência sobre os diferentes conjuntos de práticas e representações que orientam a formação.

Ainda como registro para este tópico, trago as influências de todos esses processos de aprendizagens e práticas musicais descritos como forma de incentivo para a realização do vestibular para concorrer a uma vaga junto ao curso de música na UERN, em 2007. Iniciava-se outro importante processo: a qualificação profissional em nível superior.

Os dois ou três últimos anos do ensino médio talvez tenham sido um dos momentos que tenho pouco registro na memória. Com exceção de algumas amizades, não me recordo de momentos que eu pretenda deixar relatados aqui. Talvez não tenha havido processos de significação e aprendizagens efetivas para que eu pudesse trazer de meu íntimo, as memórias daqueles dias. Contudo, meu sentimento era um só: quero sair daqui e estudar música. Já não suportava as aulas de química, física, geografia, matemática e outras tantas. Isso não servirá para mim. Era o meu pensamento.

Em meio a tantas práticas musicais, sempre fui incentivado, pelas pessoas que faziam parte desses contextos, a ingressar no curso de Música da UERN. Quando o curso surgiu no ano de dois mil e quatro, vibrei, pois, meu objetivo era finalizar o ciclo de estudos na escola regular e em seguida, estudar música na universidade.

No ano de 2006, com dezesseis anos de idade, já no terceiro ano do ensino médio, dou início aos preparativos para o vestibular. Me inscrevi em um

cursinho pré-vestibular para assistir às aulas das disciplinas específicas que estariam na prova: português, redação, língua estrangeira, geografia e história. Contudo, só poderia concorrer para o vestibular de música caso eu fosse aprovado do Teste de aptidão em música, seleção realizada anteriormente ao vestibular. Mesmo pertencendo a mim tantas práticas e experiências que possivelmente me fariam ser aprovado nesse teste, achei, por bem, me inscrever num outro curso preparatório para o teste de música, oferecido por alguns professores do Conservatório de Música. Assisti aulas de teoria, solfejo, percepção, história da música e conselhos para a prova de leitura à primeira vista. Preparei-me como um soldado a caminho da guerra.

Quando da abertura das inscrições para o vestibular, me dirigi até a COMPERVE¹⁰, setor da Universidade responsável pelas inscrições e seleções da instituição, localizada em uma grande casa de primeiro andar, alugada à universidade, próxima da Catedral de Santa Luzia. Realizei minha inscrição para o curso de música. Não me recordo se havia a escolha de uma segunda opção caso não houvesse êxito na primeira. Caso existisse, acredito que teria preenchido Música, novamente. Ainda possuo os comprovantes de inscrição, provas e outros documentos do processo de seleção.

Chegou o dia do teste de aptidão, realizado em um dia de semana ao qual não me recordo. Identifiquei-me e aguardei ser chamado. Entramos para a sala de número um do Conservatório de música e iniciamos o processo. Quando do término, fomos para outra sala para executar uma música e a leitura de partitura à primeira vista. Executei na flauta doce contralto, para a temida professora de piano Nara Vasconcelos o Minuet em Sol maior de Johann Sebastian Bach. Não recordo mais detalhes sobre o processo. Concluí e fui para casa. Minha vida de estudante da escola regular ainda continuava. Um dos dias mais aguardados por mim foi o do vestibular. Fiz as provas e aguardei os resultados. Fui aprovado no teste de aptidão em música em terceiro lugar. Quando foi divulgado na rádio os nomes dos aprovados no vestibular para o curso de música, também obtive aprovação em terceiro lugar na classificação geral para o curso. Estava nos passos finais para conclusão do ensino médio e

¹⁰ Comissão Permanente de Vestibular da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

para minha surpresa, ou não, fiquei reprovado em duas disciplinas: física e português.

Foram momentos de muita tensão. Havia passado para o curso de nível superior e estava comprometido por causa de duas disciplinas do ensino médio. Eu e minha mãe nos direcionamos para a escola e buscamos resolver essa situação. Havia um regulamento que previa esse tipo de situação e assim, pude refazer as provas e obtive as notas suficientes para minha aprovação e conclusão do ensino médio. Todo processo concluído em dois mil e seis, restava agora aguardar a chamada para ingresso no segundo semestre.

Ainda no ano de 2006, meu pai realiza um empréstimo financeiro para poder me presentear com a tão desejada flauta transversal, pois durante todo esse percurso, além daquela flauta já citada, outra flauta que usei para participar de um festival foi emprestada por uma professora de flauta chamada Regina Lima, a quem eu tenho total admiração e respeito pelos eternos ensinamentos para a vida. Ganhei de presente uma flauta Yamaha. Todos os meus amigos e professores ficaram muito felizes com essa conquista, pois sabiam do meu desejo. Até hoje tenho essa flauta e não pretendo me desfazer dela. Pois além de ser um bom instrumento, possui um laço afetivo muito importante para mim.

Aos vinte e sete dias de novembro de 2007, aos 18 anos de idade, chego aos bancos da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, na condição de aluno do Curso de licenciatura em Música, sendo, a minha, a quarta turma de ingresso após a criação do curso.

Recordo, para fins de registro neste tópico, as inúmeras experiências no ensino, na pesquisa, quando muito incentivado pelo amigo Micael Martins, hoje arquiteto e o Professor Paulo Braga (*in memoriam*) e a minha escola da vida: a extensão universitária, por onde me enveredei e mergulhei de forma muito profunda. Vera Porto e Telmir Soares, pilares nesse processo de aprendizagem. Escrever, pensar, refletir, executar, refazer, perseguir, são os verbos que contextualizam a força desse casal forte na extensão da UERN e que tem valor simbólico e prático na minha vida. Junto dessa dupla, estava Etevaldo Almeida, outro entusiasta da extensão universitária.

Deparei-me com inúmeras experiências de grande importância para minha vida acadêmica e por consequência profissional. Crédito aos meus

professores eles serem os melhores que pude ter. De fato, agora envolvido com o ambiente acadêmico, e outras demandas que chegavam a cada dia, me distanciei um pouco das práticas musicais já citadas anteriormente, pois o curso era desenvolvido nos turnos manhã e tarde.

Logo quando iniciei minhas atividades na universidade ingressei, no ano de 2008, no Projeto de Extensão Filosofarte, do curso de Filosofia. Por intermédio desse projeto, fui bolsista, ministrando aulas de flauta doce no regime fechado junto ao Complexo Penal Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio. A ação foi financiada, em tempo, pelo maior edital de financiamento da extensão universitária, Edital PROEXT, do Governo Federal. Registro essa ação tendo em vista ela ter sido fundamental para eu compreender os passos acadêmicos, pois Vera e Telmir foram dois coordenadores extensionistas “fora da curva”. Todos os ensinamentos e práticas possíveis no âmbito da extensão, nos permitiram vivenciar, desde a elaboração de um projeto até o momento de aplicação de um questionário em campo, por exemplo. Minha eterna gratidão pelos ensinamentos e persistência.

O Grupo de Pesquisa do curso de Música teve seu início quando eu estava talvez no segundo ou terceiro semestre e pude fazer parte das primeiras discussões, estudos, escritas de artigos e apresentações de trabalhos em eventos locais, regionais e nacionais. Paulo Braga era um grande amante do ser professor e sabia fazer com muita maestria. Outros professores foram importantes nesse processo de construção e entendimento do ser profissional, aqui destaco o professor Alexandre Náder, ao qual tive a satisfação de tê-lo como orientador em dois trabalhos de conclusão de curso e pude aprender sobre caminhos leves e livres de amarras no processo de ensinar. Ele abriu portas.

Como finalização de um ciclo, salvo neste registro, os momentos de tensão, angústias e comprometimento com o concurso público que seria, para mim, o emprego mais desejado e motivo de conquista profissional. Em dois mil e dez, um ano antes de meu processo de conclusão do curso de graduação em música, conquistei a aprovação no concurso público para provimento de vagas efetivas na escola onde tive uma sólida e significativa formação, para a qual fui selecionado em primeiro lugar para professor de flauta: enfim, professor do Conservatório de Música D’alva Stella Nogueira Freire.

Aos três dias de mês de março de 2011, houve a convocação dos aprovados no concurso. Li atentamente todo o edital, preparei os documentos e viajei para Natal, juntamente com meu tio Antônio Pereira que estava com a missão de dirigir o carro de meu pai, e Guido Alves, amigo e, também, recém-concursado para professor de violão. Juntos, realizamos todo o processo e retornamos à Mossoró para a entrega dos documentos finais. Na mesma tarde, realizando a entrega dos documentos a servidora Mirian Pinto, recebemos nosso Termo de Posse, com função de Instrutor musical lotado na Pró-Reitoria de Extensão/Conservatório de Música D'alva Stella Nogueira Freire. Passei a trabalhar e dividir os mesmos corredores com meus professores da época em que eu era aluno. A alegria era imensa.

Mesmo sendo um dia bastante representativo, não recordo quando foi a data do primeiro dia de aula, mas tenho a clareza que encontrei e ministrei aula para meus três primeiros alunos de flauta transversal, na sala de número dois, às 15:20h. Lucas Cota, Lídia Costa e um terceiro aluno que não me vem à memória. Ministrava aulas de flauta transversal, flauta doce, teoria, solfejo e musicalização infantil, além da coordenação do Grupo de flautas e participação como flautista no Grupo de Choro do Conservatório de Música.

No ano de 2013, eu, com pouco mais de 24 anos, ao primeiro dia de outubro, fui empossado pelo então Reitor Pedro Fernandes como Diretor do Conservatório de Música D'alva Stella Nogueira Freire, trabalho conduzido com muito afinco juntamente com uma equipe desejosa de sucesso e por meus companheiros musicais e da vida, Bruno Farias e Guido Alves, juntamente com a secretária da instituição, que contribuiu de forma efetiva para a organização dos trabalhos burocráticos da escola, Patrícia Daniele da Paz Bezerra (*In memoriam*). Permaneci nessa função por dois anos e meio, até junho de dois mil e quinze. Volto integralmente para minha sala de aula e condução de meus projetos de extensão.

Por volta de um ano e meio distante dos cargos de gestão, fui convidado em agosto de 2017, para assumir, direção da Diretoria de Educação, Cultura e Artes, setor da Pró-Reitoria de extensão responsável pela implementação de políticas e realização de ações culturais no âmbito da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Aceitei o convite e desde o primeiro dia de outubro de 2017 desempenho essa função.

Aos vinte e três dias do mês de junho de 2023, em uma sexta-feira, após um longo processo de internamentos, consultas e exames médicos, recebo do médico psiquiatra um documento que indicava o afastamento imediato de todas as minhas funções laborais. Foi um susto. Quis resistir, mas compreendi que seria o melhor caminho. A partir de então, tenho realizado um tratamento psiquiátrico e psicológico associado ao uso de três fármacos que me auxiliam na recuperação de meu adoecimento mental. Aliado a esse processo, realizo diariamente atividades físicas que contribuem muito para minha qualidade de vida.

Por fim, não menos importante, deixo em forma de escrita as palavras que sustentam, como alicerce de tudo que foi escrito acima, minha eterna gratidão ao apoio implicado por meus familiares, amigos e amigas mais próximos, que me deram forças no meu momento mais frágil de saúde mental. Não os nominarei, mas eles se encontrarão aqui quando dessa leitura. Eles sabem.

O processo tem sido dolorido e de forma paradoxal, tem sido muito bom para eu entender mais de mim, conhecer mais sobre meu eu interior e refletir sobre minhas práticas. Consigo perceber mudanças que considero significativas. Sigamos na viagem. As melodias nem sempre são as mais doces de se ouvir, mas compreendo que essa construção acontece quando, de nota a nota, compomos a partitura da experiência, ouvimos as mais diferentes harmonias e assim escrevemos as mais belas obras musicais: as nossas vidas.

As lembranças apresentadas trazem fortes características das memórias por mim vivenciadas, dialogando de forma íntima com Halbwachs (1990), sobretudo nos momentos de conexões com as experiências estabelecidas em práticas e grupos, no entanto, procuro dialogar num contexto formativo a partir das minhas experiências, me autoformando. Trazemos Freire (2021) e suas discussões sobre como nossas práticas possibilitam a aprendizagem com nossa própria história. Seus diálogos trazem a compreensão de como nossas experiências, independente da forma que se relacionam com nossas vivências, sejam elas mais ou menos agradáveis, proporcionam caminhos formativos significativos.

1.4 - Modulações sonoras: construindo a partitura profissional da vida, a composição do UERN Ação e o encontro com a (Auto) biografia

A construção de uma formação social e de uma carreira profissional é uma jornada que se entrelaça com as complexas teias da existência humana, onde sonhos e aspirações se mesclam com desafios e realizações. É um percurso repleto de encruzilhadas, no qual indivíduos e sociedade se unem em uma dança harmônica, desenhando o contorno de um futuro que se revela como a própria essência da nossa jornada terrena.

A formação social é o alicerce de uma comunidade que floresce na interação, na compreensão e no compartilhamento de valores e ideais. É através desse processo que as pessoas se tornam parte de uma tessitura mais ampla, em que o coletivo emerge das singularidades. A educação, pilar da formação social, é a lente pela qual a sociedade observa o passado e projeta o futuro. Ela é um tributo à sabedoria acumulada e à crença no poder da mente humana, que pode iluminar o caminho das gerações vindouras. A construção da formação social é como um mosaico de culturas, valores e tradições, cada peça contribuindo para o todo, criando uma sinfonia de vozes que ecoam através do tempo. Freire (2022, p. 13-14) dialoga sobre as relações coletivas que provocam liberdade e crítica social. “Liberdade e crítica que não podem se limitar às relações internas de grupo, mas que necessariamente se apresenta na tomada de consciência que este realiza em sua situação social. [...] se reconheçam a si próprios, no transcurso da discussão, como criadores de cultura”.

A carreira profissional, por sua vez, é a manifestação da individualidade em busca de autossuficiência e realização. É a trajetória em que talentos pessoais, paixões e esforços se convertem em contribuições para a sociedade. A carreira é a realização de sonhos, a materialização de projetos que nasceram da imaginação. Ela é como um caleidoscópio de ambições, cada giro criando novos padrões e perspectivas. Cada passo na carreira é um ato de coragem, de determinação e de autodescoberta, uma busca contínua pela excelência e pelo propósito.

A idealização de uma carreira e de uma formação social não pode ser desvinculada, pois cada indivíduo é uma engrenagem que move a máquina da sociedade. A carreira é o elo que conecta o eu ao nós, um canal através do qual conhecimento e talento são compartilhados, e o progresso da humanidade é alcançado. A formação social, por sua vez, molda a sociedade que, por sua vez, cria oportunidades para o indivíduo. Essa dança constante entre o coletivo e o individual é como um rio que flui ininterruptamente, alimentando e sendo alimentado por suas margens.

É importante, entretanto, reconhecer que a construção de uma formação social e de uma carreira não se limita ao sucesso material. Ela é, igualmente, uma busca por significado, por um legado que transcenda a efemeridade da existência. É um ato de contribuição para o mundo, uma maneira de deixar marcas indelévels na areia do tempo. É, em última análise, a expressão da nossa humanidade, uma ode à nossa capacidade de sonhar, aprender e criar. Freire (2022, p. 15) revela que a participação ativa no contexto social perpassa por fatores variados, mas que a posição de transformação deve estar em evidência, “a compreensão desta pedagogia em sua dimensão prática, política ou social requer, portanto, clareza quanto a este aspecto fundamental: a ideia da Liberdade só adquire plena significação quando comunga com a luta concreta dos homens por libertar-se”.

Registro o contato com outras frentes educacionais, diferentes dos contextos até então vivenciados. Após a aprovação e posse no concurso público na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, passo a desenvolver ações diretas com a extensão universitária, recitais didáticos, concertos, aulas e outras atividades que demandavam a expertise extensionista. Um novo mundo de oportunidades, dúvidas e experiências estava surgindo.

As práticas por mim vivenciadas no contexto da extensão universitária dialogam fortemente com as discussões provocadas por meio da educação que Freire (2022) aponta como importante para a liberdade e crítica na formação social, possibilitadas não somente pelos padrões pré-estabelecidos, sobretudo a partir de sua situação e práticas sociais.

A experiência da extensão universitária é uma trilha luminosa na jornada do conhecimento, onde os horizontes da arte oficial se expandem e se

conectam com as realidades do mundo ao nosso redor. É um mergulho profundo na alma da educação superior, um tributo à interação entre a academia e a sociedade, uma sinfonia de aprendizados e serviços que ecoam como um hino da relevância e da integridade da universidade. Transcende os caminhos institucionais acadêmicos, rompe as barreiras da teoria e se lança nas correntes vivas da prática.

É a encarnação da responsabilidade social da universidade, que se transforma em um farol de engajamento cívico e desenvolvimento comunitário. Por meio dela, os estudantes têm a oportunidade de aplicar seus conhecimentos e habilidades em contextos significantes, onde teoria e prática se entrelaçam como melodias contrapontísticas. É um convite à aplicação das lições da academia no mundo concreto, um chamado para a responsabilidade social e a mudança positiva.

A importância da experiência com a extensão reside não apenas no que se pode oferecer à sociedade, mas também, no que recebem em troca. São partituras de melodias significativas, onde o conhecimento acadêmico se enriquece com a sabedoria da experiência prática. Os sujeitos aprendem a ouvir, a compreender e a se adaptar às necessidades reais. A extensão universitária é como uma ponte entre a academia e o mundo, uma passagem de mão dupla, onde o fluxo de informações e experiências é contínuo.

Por meio da extensão, os envolvidos têm a oportunidade de se tornar cidadãos mais conscientes e ativos. Eles desenvolvem empatia, senso de responsabilidade social e um compromisso com o bem comum. A extensão universitária é como um laboratório da cidadania, onde os valores de justiça, igualdade e solidariedade são experimentados e internalizados. É um ato de educação para a cidadania, onde todos se tornam agentes de mudança e defensores de uma sociedade mais justa e inclusiva. Além disso, essas experiências são uma jornada de autodescoberta. Os estudantes têm a oportunidade de explorar seus interesses, paixões e vocações. Eles descobrem talentos e capacidades que talvez nunca tivessem percebido em uma sala de aula convencional. É como um espelho que reflete o potencial latente, incentivando o florescimento de aptidões individuais para o favorecimento coletivo.

A extensão universitária é um tributo à sinergia entre a academia e a sociedade, uma celebração da educação que transcende as fronteiras da teoria e se lança na prática. É um ato de responsabilidade social, uma oportunidade de aprendizado mútuo e um caminho para a cidadania consciente. Quando se estende suas asas inclusivas em direção às pessoas com deficiência, se transforma em um jardim de flores diversas, cada pétala representando um talento singular. Como uma ponte entre o conhecimento acadêmico e a sociedade, a extensão se torna a voz que clama pela igualdade, abrindo portas e derrubando barreiras que há muito tempo impediram o pleno engajamento de todos.

Na inclusão de pessoas com deficiência, a universidade se torna uma sinfonia de aprendizado e compreensão, onde as limitações se transformam em oportunidades de inovação. Cada passo no caminho da extensão é um convite à diversidade, à quebra de estigmas e à celebração das habilidades únicas que cada indivíduo traz consigo. A extensão universitária, assim, se torna uma promessa de um mundo mais inclusivo, onde todos os sons, cores e talentos se fundem em um mosaico brilhante de sabedoria e compreensão, uma celebração poética da verdadeira riqueza da experiência humana.

É uma experiência poética na qual a universidade e a sociedade dançam juntas, criando uma melodia de transformação e de caminhar para o progresso. Josso (2010), narra sobre as relações tempo e experiência e suas relações com o ser e suas implicações ao longo do caminhar.

A escolha do verbo caminhar sugere que se trata, de fato da atividade de um sujeito que empreende uma viagem ao longo da qual ela vai explorar o viajante, começando por reconstruir seu itinerário e os diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas no decurso do caminho, os encontros, os acontecimentos, as explorações e as atividades que lhe permitem não apenas localizar-se no espaço-tempo do aqui e agora, mas, ainda, compreender o que orientou, fazer o inventário da sua bagagem, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos. Em outras palavras, ir ao encontro de si visa à descoberta e à compreensão de que viagem viajante são apenas um (Josso, 2010, p. 84).

Talvez por força do intenso trânsito de atividades e práticas durante minha jornada formativa, igualmente, em meu momento de condução ativa, sempre me propus a desenvolver ações para que as pessoas menos favorecidas pudessem ter a experiência de ver, ouvir e sentir outras realidades,

outras sonoridades. A realização de recitais musicais em praças, hospitais, centros de saúde, casas de idosos, escolas da rede básica sempre foi uma prática que me ensejou prazer. O contato com outros mundos, ampliam nossa visão e percepção enquanto integrante de um ambiente que estabelecemos nossas relações.

Pude perceber, desde muito cedo, que as oportunidades que surgiram em minha jornada foram importantes para eu conquistar cada espaço desejado por mim. Compreenda esse processo como uma ação de oportunizar acesso e igualdade social, dando possibilidades para que esse público tivesse as mesmas oportunidades em relação a outras pessoas que possuem maiores possibilidades de vivências culturais e de acesso à cultura, realizando por meio de ações extensionistas de cunho didático e musical a aproximação desse distanciamento histórico, social e cultural.

A experiência do ensino de música na extensão universitária sempre esteve presente na minha trajetória e isso sempre me incentivou a proporcionar experiências formativas e significativas. Ter a compreensão de que essas práticas me proporcionaram caminhos aos quais eu pude escolher qual seguir e que puderam de certa forma, estruturar quem eu sou hoje, foi um marco decisivo em minha forma de pensar e agir. Todas as minhas ações possuem um público alvo: as pessoas menos favorecidas, gerando oportunidades de acesso ao contexto cultural, bem como caminhos de escolha.

Relato outro importante momento da minha vida: a gestão universitária, que, em tempo, eu estava desenvolvendo atividades de sala de aula e ações musicais para o público externo. Outro mundo chegava de forma abrupta em minhas mãos. Não diferente das outras oportunidades, agarrei e juntamente com uma equipe de professores, compomos juntos as melodias memoráveis na vida de muitas outras pessoas. Foram momentos desafiadores e incríveis. Aqui, descrevo como as ações extensionistas foram desenvolvidas e suas principais implicações junto aos professores, alunos e comunidade externa que estava sendo atendida e beneficiada com as atividades ora desenvolvidas.

O primeiro desafio era realizar a condução pedagógica, artística e administrativa em uma escola com mais de vinte anos de atuação no cenário musical e todo esse trabalho agora concentrado em uma única pessoa. Antes, duas pessoas assumiram essas funções e responsabilidades. Havia também a

necessidade de provocar na escola um ambiente literalmente musical, sonoro, onde os alunos pudessem tocar seus instrumentos musicais nos corredores, nas rampas, nas escadas ou em qualquer lugar que fosse desejado além da sala de aula. Era desejoso um espaço vivo e vibrante. O envolvimento dos alunos em grupos e a criação de novas práticas musicais era urgente. Dar visibilidade à produção musical como também provocar a interação das práticas desenvolvidas com os alunos, familiares e agentes externos à escola era outra tarefa necessária para os desejos ansiosos dos professores e comunidade ali presente.

Com seu surgimento no ano de 1989, o Conservatório de Música foi e é uma importante instituição de ensino musical que permitiu e permite que muitas pessoas adquiram sua formação musical e percorra outros caminhos, sejam musicais ou não. Dada sua relevância, o desafio era permanecer com seu nível de excelência e quiçá, elevá-lo. Assumindo três papéis na instituição, me senti com a necessidade de compartilhar minhas facilidades e angústias entre os professores que ali compunham aquele espaço educacional, houve sensibilização de todos em contribuir, cada um à sua maneira, jeito e tempo. Até então a equipe gestora era composta por mim e pela secretária, já nominada em linhas anteriores.

Ampliando esse quadro, inicialmente esteve comigo o professor Bruno Farias que assumiu uma espécie de vice direção, mesmo sem existir oficialmente esse cargo na escola. A função era de contribuir na gestão administrativa juntamente com a secretária, enquanto eu guiava meu olhar para as ações pedagógicas e artísticas. Alguns meses após o diálogo com os professores, juntou-se à gestão, o professor Guido Alves, conduzindo a ações artísticas, planejando e executando apresentações, grupos, atendimentos aos professores e ações correlatas com o ambiente musical e artístico. Agora com uma gestão que atendia às necessidades da escola e o desenvolvimento das ações juntamente com a parceria de todos os professores foi de fundamental importância para que o ambiente se tornasse um espaço vivo para o pleno desenvolvimento musical.

Para provocar a entrada e permanência dos alunos no ambiente físico da escola, propusemos ações como, por exemplo, cursos preparatórios para o teste de seleção, ensaios de grupos em horários diferentes, criação de novos

grupos musicais, salas de aula livres para estudos, cinema aberto com filmes e documentários temáticos sobre música, recitais mensais, dentre ações pontuais que promoviam um trânsito de atividades bastante intenso.

Intento a descrição dessas ações creditando valor aos processos desenvolvidos que foram pensados, planejados e executados a partir da proposição coletiva, partindo das práticas e percepções individuais de cada professor que desejava contribuir com o desenvolvimento musical da escola.

Voltado para as práticas musicais com viés social, aproximo, neste tópico, as experiências por mim desenvolvidas junto a um novo desafio: a pós-graduação *stricto sensu*. Sempre identificado com esse tipo de atividade, desenvolvi ações de cunho sócio musical.

Alguns meses antes da minha posse como diretor do Conservatório, prestei uma seleção para Mestrado em Música junto ao Programa de Pós-graduação da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Acredito, a partir de minhas percepções e lembranças, que, por força de “pressões” impostas pelo ambiente acadêmico, eu deveria ter mestrado e doutorado. Realizei algumas leituras e realizei o processo seletivo ao qual não obtive aprovação. O resultado já era esperado por mim. Não mergulhei, não houve envolvimento nem tampouco implicação de minha parte para participar desse processo, como era de costume quando havia desejo em fazer algo.

No ano de 2013, por força do meu querer, me inscrevo na seleção para aluno especial do Programa de Pós-graduação em Educação - POSEDUC da UERN. Rememoro os momentos quando fui selecionado para cursar a disciplina sobre educação popular. Tive como professoras a Dra. Ana Lúcia Aguiar e a Dra. Maria Antônia Teixeira, duas mestras no que diz respeito aos movimentos sociais e populares, cujos conteúdos nessa temática foram ministrados na disciplina. Foi uma excelente experiência, pois se alinhava diretamente com meu tipo de prática musical.

A experiência na pós-graduação em educação foi uma jornada singular, uma alvorada na qual os horizontes da aprendizagem se expandiram como um céu estrelado, um mergulho profundo nas vibrações mais intensas do conhecimento, um tributo ao aprimoramento do pensamento crítico e à inovação no campo educacional, uma sinfonia de pesquisa e reflexão que ecoa

como uma canção da transformação e da iluminação no mundo da educação. Josso (2010) significa o grau de relativização entre os momentos e experiências e a transformação sociocultural gerada por meio das narrativas.

O que está em jogo nesse conhecimento de si mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências, ao longo da nossa vida, mas sim tomar consciência de que esse reconhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo o passivo, conforme as circunstâncias, permite a pessoa, daí em diante encarar o seu itinerário de vida, os seus investimentos e os seus objetivos na base de uma auto-orientação possível, que articule de uma forma mais consciente em suas heranças, suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar, criar e explorar, para que surja um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade. *Transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita construir*, guiada por um aumento de lucidez, tal é objetivo central que oferece a transformação da abordagem "Histórias de Vida" (Josso, 2010, p. 84).

As experiências significativas no contexto da pós-graduação em educação residem não apenas na aquisição de conhecimentos avançados, mas na capacidade de influenciar positivamente o campo educacional como um todo, um espaço onde soluções criativas para os desafios educacionais podem ecoar, como notas musicais agrupadas com o propósito de tornar-se música.

Em 2017, agora diretor em outro setor da universidade, na Diretoria de Educação, Cultura e Artes - DECA da Pró-Reitoria de Extensão da UERN, descrevo outras práticas culturais que foram desenvolvidas buscando aproximação do contexto acadêmico com a comunidade externa.

Antes de iniciar a descrição das ações, como um abraço às linguagens artísticas, descrevo suas relações sensoriais e subjetivas, ao criar, no íntimo de cada pessoa, os sentimentos mais verdadeiros que possam existir.

As atividades culturais, em sua diversidade de formas e expressões, são como pétalas coloridas que perfumam a alma da sociedade. Elas desempenham um papel fundamental na construção do tecido social, formando laços que transcendem barreiras geográficas, culturais e temporais. Essas atividades não são meramente entretenimento; são a essência da nossa humanidade, uma celebração das riquezas culturais que moldam nossas identidades individuais e coletivas.

A diversidade cultural é um dos maiores tesouros da humanidade, e as atividades culturais são a maneira pela qual essa riqueza se desdobra diante de nossos olhos. A música, a dança, o teatro, a literatura e as artes visuais são formas de expressão que refletem o espírito de diferentes povos, eras e crenças. Elas nos permitem viajar no tempo e no espaço, compreender outras culturas e apreciar a multiplicidade de perspectivas que enriquece nosso mundo.

Ao participar dessas atividades, as pessoas se tornam embaixadoras da diversidade cultural, promovendo o respeito e a compreensão mútua. Elas permitem que as histórias, os valores e as tradições sejam transmitidos de uma geração para a seguinte. São um espelho que reflete a evolução da sociedade ao longo do tempo, um registro da nossa jornada como seres humanos.

As atividades culturais também desempenham um papel vital na promoção do bem-estar emocional e na construção de comunidades mais fortes. Elas oferecem refúgio para a alma, um espaço onde as pessoas podem encontrar consolo, inspiração e alegria. A música pode curar as feridas da alma, a literatura pode alimentar a mente faminta, e a dança pode liberar as tensões do corpo. Além disso, as atividades culturais são um ímã que atrai as pessoas, criando laços sociais e fortalecendo o senso de pertencimento e significações.

A Diretoria de Educação, Cultura e Artes da Pró-Reitoria de Extensão da UERN tem como missão promover a integração da universidade com a comunidade, expandir o acesso à educação, fomentar a cultura e as artes, e contribuir para o desenvolvimento social e cultural da região em que a universidade está inserida. Suas atividades desempenham um papel fundamental na formação cidadã e no enriquecimento cultural da comunidade acadêmica e da sociedade em geral.

São desenvolvidas ações como Coordenação de projetos, programas e eventos que buscam promover a produção cultural por meio do envolvimento de alunos, técnicos e professores da instituição juntamente com parceiros externos, contribuindo para o desenvolvimento cultural da universidade, como, por exemplo, exposições, recitais, saraus, mostras, espetáculos, palestras, oficinas e capacitações. Incentiva e apoia o desenvolvimento de ações culturais desenvolvidas no âmbito dos departamentos acadêmicos por meio da

concessão de bolsas e outros apoios institucionais; realiza ações que buscam dialogar com a comunidade externa.

Destacamos algumas ações desenvolvidas pela PROEX e que possuem caráter importante pela abrangência e sua relação com a sociedade: o Festival de Teatro da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - FESTUERN; a Escola de Extensão da UERN - EDUCA; o Grupo de Teatro - GRUTUM; o Grupo de Dança - GRUDUM; a Pinacoteca José Gurgel e; o Programa de extensão UERN Ação: arte e educação.

Por meio da memória e alguns registros documentais, descrevo a criação do Programa de extensão UERN Ação, contexto de nosso estudo.

Os Grupos de Dança e Teatro vinculados à DECA possuíam dois bolsistas cada um deles. Suas funções eram designadas por seus respectivos coordenadores, atividades que perpassavam pela atuação artística em cada área de atuação dos referidos grupos bem como a realização de atividades administrativas quando requeridas pelos coordenadores ou pela direção do setor.

No ano de 2017, com a greve deflagrada pelos professores da universidade, todas as ações de ensino, pesquisa e extensão foram paralisadas. Grande parte dos componentes dos grupos eram alunos dos mais diversos cursos de graduação e oriundos de outras cidades vizinhas. Com a paralisação, os grupos de Teatro e Dança também suspenderam suas atividades. No entanto, diferentemente dos servidores, que estão assegurados por seus direitos trabalhistas, os bolsistas deveriam permanecer realizando suas atividades. O que poderia ser desenvolvido se a instituição estava sem pessoas e sem atividades? Enquanto diretor do setor, fui incumbido pelos Pró-reitores Emanuel Márcio e Fabiano Mendes para pensar em alguma estratégia para que os bolsistas estivessem em atividade, uma vez que não se pretendia fazer a suspensão da bolsa, por entender que esse recurso era importante para a permanência dos alunos na instituição bem como suas importantes contribuições para o desenvolvimento das ações de cultura e arte da PROEX.

Após alguns dias pensando nas diversas possibilidades, apresentei a seguinte sugestão: desenvolver cursos de teatro, dança e música para crianças e jovens; acreditando ser a melhor opção, e defendida com bastante entusiasmo, a proposta era a realização das atividades dentro da UERN

(Campus Central), com o objetivo de provocar um movimento de pessoas e ocupação cultural; a segunda e despreziosa opção, que acreditava não ser nada favorável, era realizar os cursos no Projeto Esperança, projeto social vinculado à Igreja de São José, localizado no Bairro Bom Jardim, bem próximo do Centro da Cidade, da Reitoria da UERN e do Conservatório de Música. Após minha apresentação o Pró-reitor me pergunta: “como sua segunda opção não pode ser a melhor? Fazer extensão dentro da comunidade. Essa é a melhor ideia”.

Em relação às atividades de música, no período dessas discussões, eu estava com um bolsista de um projeto meu, desenvolvido pelo Conservatório de Música conquistado por meio do Edital de carga Horária e Bolsistas, no qual, concorri e conquistei esse aluno para fazer parte do projeto para desenvolver ações de ensino de flauta doce.

Realizamos uma visita ao Projeto Esperança, que no momento estava sem a realização de atividades por falta de recursos, mas dispunha de espaço físico. A proposta foi recebida com muita alegria. Assim, elaboramos um Programa de extensão com oficinas de teatro, dança e música chamado, inicialmente, de ExtensArte (hoje UERN Ação). Seu objetivo, desde as primeiras ideias sempre foi de, por meio da realização de atividades artísticas, promover acesso à cultura e a inclusão social de crianças e jovens.

Elaboramos o edital, publicamos, divulgamos na missa da Igreja de São José, nos rádios, canais de TV da cidade, Imprensa local e redes oficiais da Universidade e do Projeto Esperança. Foram ofertadas cem vagas para os cursos: ballet infantil (três a cinco anos); ballet infantil (seis a oito anos); dança para terceira idade; flauta doce (dez e onze anos); teatro básico (quatro a seis anos) e; iniciação ao teatro (sete a doze anos). Para nossa surpresa, tivemos quase setenta inscrições. Elaboramos um aditivo prorrogando as inscrições e tivemos mais algumas pessoas inscritas. Em junho de dois mil e dezessete dávamos início às atividades do Programa de Extensão ExtensArte.

Pouco a pouco o programa foi se desenvolvendo, sendo ampliado com a inserção de novas modalidades de oficinas, havendo a necessidade de mudança de nome, em virtude de não haver somente atividades artísticas. Xadrez, natação, artesanato, alfabetização, informática, King-Fu entre outras

foram incorporadas à ação, surgindo, então, o Programa de Extensão UERN Ação: arte e educação.

Em 2022, buscando uma nova aproximação com a pós-graduação, intento uma nova participação em outra disciplina em caráter especial no Programa de Pós-Graduação em educação/POSEDUC da Faculdade de Educação da UERN. Tendo sido aceito por meio de uma carta de intenção, passo a conhecer uma nova abordagem metodológica: a Metodologia (Auto) biográfica. A disciplina ministrada pela profa. Dra. Ana Lucia Aguiar. A minha percepção, conexão e relativização com minhas práticas educacionais, formativas e extensionistas foram imediatas.

O ser humano é um livro em constante escrita, uma narrativa em desenvolvimento que se tece a cada dia, a cada escolha e a cada experiência. O contato com a metodologia (auto) biográfica surge como uma janela para a exploração do meu eu e das histórias que moldam a minha existência. É uma busca leve e significativa, uma jornada introspectiva que nos permite compreender quem somos e como chegamos ao ponto em que estamos.

A metodologia (auto) biográfica é como um espelho que reflete a nossa trajetória, uma ferramenta que nos permite olhar para trás e identificar os fios que entrelaçaram os capítulos da nossa vida. Ela nos convida a mergulhar nas águas profundas da memória, a resgatar fragmentos de experiências que, muitas vezes, permanecem ocultos em nosso interior. É um ato de autodescoberta, uma exploração da nossa própria história que nos ajuda a entender nossas escolhas, nossos valores e nossos sonhos.

A (auto) biográfica não se restringe apenas ao passado. É também uma ferramenta para compreender o presente e vislumbrar o futuro. Ao reconstruir nossa história, podemos enxergar padrões e tendências que nos permitem tomar decisões mais conscientes e alinhadas com nossos objetivos. É como um farol que ilumina o caminho à frente, ajudando-nos a navegar com clareza e propósito. Uma celebração da complexidade da existência humana, uma jornada que abraça as nuances da vida.

Nos permite apreciar as histórias que não são apenas feitos grandiosos, mas também, os pequenos momentos de beleza e significado que muitas vezes passam despercebidos. É uma busca da essência do ser, daquilo que nos torna únicos, e da conexão com os outros por meio da partilha das nossas

experiências. Josso (2010) apresenta de forma implicada como o contexto (auto) biográfico se relaciona com os ambientes e com nós mesmos.

O processo de caminhar para si apresenta-se, assim como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural. Esse conhecimento de si não se especializa em um ou em vários registros das ciências do humano; tenta, pelo contrário, aprender as suas complexas implicações no centro da nossa existencialidade. Procura, pois, envolver os nossos diferentes modos de estar no mundo, de nos projetarmos nele e de o fazermos na proporção do desenvolvimento da nossa capacidade para multiplicar, alargar, aprofundar as nossas sensibilidades para nós mesmos e para o mundo, para questionar as nossas categorias mentais na medida em que se inscrevem numa historicidade e numa cultura (Josso, 2010, p. 85).

É um convite à autenticidade, à aceitação de quem somos e à valorização das nossas vivências. É uma jornada que se desenrola com leveza, sem julgamentos, onde as palavras fluem como notas suaves em uma melodia pessoal. É uma oportunidade de escrever nossa própria história, de abraçar a complexidade da existência e de dançar com a vida em harmonia com o nosso eu mais profundo. É um diálogo constante com a própria alma, uma busca pela verdade que reside em nosso interior, um ato de amor próprio e autocompreensão que nos guia na aventura da vida.

Visualizando que esses percursos e reflexões atendem de forma muito íntima minhas ações e percepções de mundo, por força do querer desejoso de mergulhar no mais profundo sou que a (auto) biografia pode permitir que ouçamos dentro de nós mesmos, me impliquei ao processo para seleção como aluno regular do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, tendo como orientadora a Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, grande mestra dos ensinamentos da vida, do caminhar e do viver a quem compartilho momentos de aprendizado não somente na caminhada acadêmica, mas na construção das melodias da partitura da vida.

Por fim, mas não concluso, trago um poema do músico, cantor e compositor Raul Seixas: *Metamorfose ambulante*, que retrata os fluxos das certezas ou das incertezas, desafirmando a verdade absoluta que é arraigada em nós enquanto coletivo social ou formador de um conjunto de padrões que nós mesmos procuramos nos afirmar diariamente por meio deles, como

também o rompimento desses padrões sociais pré-determinados e determinantes, que narram as trajetórias de vidas de todos nós. Raul expressa, como um baixo contínuo¹¹, a possibilidade a constante mudança, que é sua certeza para a liberdade.

Metamorfose ambulante
Raul Seixas (1945-1989)

Prefiro ser essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Sobre o que é o amor
Sobre que eu nem sei quem sou
Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
Eu sou um ator

É chato chegar a um objetivo num instante
Eu quero viver nessa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Sobre o que é o amor
Sobre o que eu nem sei quem sou
Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
Eu sou um ator

Eu vou desdizer aquilo tudo que eu lhe disse antes
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

¹¹ Parte instrumental mais grave e não interrompida de uma composição, destinada a sustentar sua tonalidade de forma constante.

A canção reflete a postura e o estilo reflexivo do compositor, que era conhecido por suas letras provocativas e muitas vezes com críticas à sociedade e à cultura da época. O contexto da música "Metamorfose Ambulante" pode ser interpretado como uma expressão da inquietação e da busca por identidade que eram características da contracultura dos anos 1960 e 1970. Ele canta sobre como sua personalidade é como um quebra-cabeça com peças soltas, uma metáfora para a complexidade de sua própria identidade e existência.

Na (auto) biografia, encontramos um espelho de notas, um caleidoscópio de melodias que se entrelaçam na construção singular de uma identidade sonora. Cada melodia é uma experiência, composta com as narrativas que se tornaram o tecer da nossa jornada. Como artífices do autorretrato, escolhemos as notas e os acordes que comporão a partitura da nossa história. Nessa escuta entre o passado e o presente, as palavras se tornam sons e os momentos se transformam em composições, criando uma linha melódica única de quem somos e de como chegamos a ser. A (auto) biografia é o fio que tece a trama da identidade, celebrando as complexas metamorfoses que nos definem, à medida que nos desvendamos e nos reconstruímos, uma página de cada vez.

TESSITURAS MUSICAIS E SOCIAIS NO PROGRAMA DE EXTENSÃO UERN AÇÃO E SUAS NUANCES NA ORQUESTRA DE VIOLÕES

Não é possível, diz Paulo Freire, “dar aulas de democracia e, ao mesmo tempo, considerarmos como ‘absurda e imoral’ a participação do povo no poder”. A democracia é, como o saber, uma conquista de todos. Toda a separação entre os que sabem e os que não sabem, do mesmo modo que a separação entre as elites e o povo, é apenas fruto de circunstâncias históricas que podem e devem ser transformadas.

Paulo Freire - Educação como prática da liberdade - 2022

As universidades e a extensão universitária no tecido social podem ser percebidas como reflexos do próprio propósito da existência humana: a busca pelo conhecimento e pelo aprimoramento constante. As instituições acadêmicas são centros onde o pensamento crítico floresce, e o saber é passado de uma geração para outra. Elas simbolizam a materialização da aspiração humana por compreender o mundo, desvendar mistérios e iluminar os caminhos da sociedade.

A extensão universitária, por sua vez, suaviza essa luz do conhecimento para além dos confins acadêmicos. Ela é a ponte entre o universo acadêmico e a sociedade em geral, permitindo que os frutos da pesquisa e do ensino se traduzam em ações concretas, melhorando o curso da vida das pessoas. Em sua essência, a extensão universitária é um ato filosófico de generosidade intelectual, onde a sabedoria adquirida nas universidades se transforma em um serviço gentil à humanidade, enriquecendo com suavidade a vida das comunidades e fortalecendo os laços sociais.

A relevância dessas instituições e práticas transcende a simples transmissão de conhecimento; elas nutrem com leveza a alma da sociedade. As universidades e a extensão universitária são como sementes do progresso, cultivando o pensamento crítico com ternura, inspirando inovação, acolhendo a diversidade de ideias e incutindo com delicadeza o espírito de cidadania ativa. É um doce lembrete onde o conhecimento é um bem comum, uma herança compartilhada unindo as pessoas em uma busca conjunta por um futuro mais

sereno e promissor. Representa o ideal filosófico, a busca pela verdade e o serviço à humanidade são fundamentos essenciais para uma sociedade justa e compassiva.

Nas próximas linhas, compartilharei brevemente o contexto da extensão universitária desde suas primeiras aparições no meio acadêmico, com o surgimento da primeira universidade do Brasil, destacando suas relações com a sociedade e suas formas de implicação nos mais diversos espaços sociais. Abordarei a formação da estrutura acadêmica e destacarei as múltiplas funções entrelaçadas no ato de praticar a extensão, especialmente sua capacidade de contribuir para o desenvolvimento cultural, econômico, político, social e educacional.

Abordaremos a trajetória política da extensão universitária no contexto da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e as ações desenvolvidas, registrando as práticas e contextos de atuação dos projetos junto às comunidades assistidas.

Serão apresentados aspectos inerentes ao processo de criação do programa de Extensão UERN Ação, caracterizando os objetivos de seu surgimento e suas características. Intenta-se, ao discorrer sobre o assunto, apresentar as práticas diárias sobre o desenvolvimento da ação, tipificando os sujeitos e ambientes sociológicos estruturantes da ação.

Por consequência do estudo, apresentaremos os envolvidos no processo e suas formas de participação e interação dentro do grupo e como suas práticas efetivam as relações estabelecidas no contexto da Orquestra de violões, a fim de caracterizar as práticas desenvolvidas no Grupo musical Orquestra de violões.

2.1 - As melodias da Extensão Universitária e suas implicações sociais

Desde o surgimento das primeiras universidades no Brasil, na década de 1920, quando as Faculdades de Medicina, Direito e a Escola Politécnica se unificaram na cidade do Rio de Janeiro, o então Presidente da República, Epitácio Pessoa, por meio do Decreto n. 4.343 de 07 de setembro de 1920,

criou a Universidade do Rio de Janeiro. Nesse mesmo período, na Europa e nos Estados Unidos, centros de produção científica já usufruíam desse modelo de instituição (Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira, 2018).

Nos séculos XVII e XVIII, inspirados pelos movimentos iluministas e pelas diversas correntes de estudo em educação e ciência política, diversas universidades floresceram na Europa. No século XIX, em meio a grandes movimentos sociais e revoluções, testemunhamos o nascimento de universidades em diversos países. Nos Estados Unidos, as primeiras instituições de nível superior surgiram nos séculos XVII e XVIII (Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira, 2018)

O Brasil, buscando harmonizar-se com os avanços educacionais internacionais, escolheu criar sua primeira universidade. Os espaços físicos onde funcionavam os cursos de Medicina, Direito e a Escola Politécnica eram distintos e sem integração entre suas áreas, apenas o decreto os unia. No entanto, a partir da experiência da Universidade do Rio de Janeiro, foi elaborado, 11 anos depois, o Estatuto das Universidades Brasileiras, delineando o modelo a ser seguido em todo o país (Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira, 2018)

A criação da Universidade do Rio de Janeiro, em seu Ato normativo, não fornecia orientações sobre a realização da extensão universitária, especialmente para atender às classes sociais menos favorecidas, muitas vezes distantes da realidade acadêmica. O quadro se desenhava, uma universidade serena, elitista, acessível a poucos. Como promover espaços e práticas inclusivas compartilhados com as classes minoritárias? Como conceber uma educação para todos?

Até então, se chamava de extensão universitária palestras, conferências e eventos abertos ao público, com temáticas pouco interativas em relação às problemáticas sociais, como educação, política, economia, saúde, etc. Ainda nos anos 1920, as Escolas Agrícolas de Lavras e Agricultura e Veterinária de Viçosa, ambas em Minas Gerais, tiveram suas primeiras experiências com a extensão universitária, influenciadas diretamente pelas práticas norte-americanas, realizando atendimentos, prestação de serviços, visitas, entre

outras ações de natureza extensionista voltada aos agricultores e pecuaristas da região de MG.

Em 1931, onze anos após a criação da Universidade do Rio de Janeiro, o então Presidente da República Getúlio Vargas sancionou o Decreto n. 19.851, de 11 de abril de 1931, um documento compreendido como o Estatuto das Universidades, apresentando, entre outras providências, as primeiras impressões sobre a institucionalização das práticas extensionistas nas Instituições de Ensino Superior. Conforme estabelecido pelo Decreto, seguem as normativas (*sic*) com tais práticas:

Art. 23. Constituem atribuições do Conselho Universitario:
XVII, organizar de acordo com proposta dos institutos da Universidade, os cursos e conferencias de extensão universitaria;
Art. 35 Nos institutos de ensino profissional superior serão realizados os seguintes cursos:
f) cursos de extensão universitaria, destinados a prolongar, em beneficio colectivo, a actividade technica e scientifica dos institutos universitarios.
Art. 42. A extensão universitaria será effectivada por meio de cursos e conferencias de caracter educacional ou utilitario, uns e outras organizados pelos diversos institutos da Universidade, com prévia autorização do Conselho Universitario.
Art. 99. A vida social universitaria terá como organizações fundamentaes:
c) extensão universitaria;
Art. 109. A extensão universitaria destina-se á diffusão de conhecimentos philosophicos, artisticos, litterarios e scientificos em beneficio do aperfeiçoamento individual e colectivo.
§ 1º. De acordo com os fins acima referidos, a extensão universitaria será realizada por meio de cursos intra e extra-universitario, de conferencias de propaganda e ainda de demonstrações praticas que se façam indicadas.
§ 2º. Caberá ao Conselho Universitario, em entendimento com os Conselhos technico-administrativos dos diversos institutos, effectivar pelos meios convenientes a extensão universitaria (Decreto n. 19.851 de 11 de abril de 1931).

Percebe-se o favorecimento da prática extensionista em vários contextos, incluindo a aproximação com o ambiente social, distante do elitismo científico e acadêmico, sugerindo um formato de extensão universitária voltado para o contexto social, para as práticas acadêmicas. A aproximação da universidade, junto à comunidade, se aproximava a partir das práticas ora regulamentadas e correspondentes aos anseios sociais. “O movimento, dessa forma, acreditava que as atividades de extensão universitárias elevariam, de modo eficaz, o nível de cultura geral da população” (Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira, 2018, p. 5)

Trinta anos depois da criação do documento que, dentre outras atribuições, regulamenta a extensão universitária, temos a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei n. 4.024, de 20 de Dezembro de 1961, cita em apenas um artigo, especificamente o 69, no qual apresenta, de forma muito tímida, a inserção da prática da extensão no âmbito acadêmico, denota certa fragilidade para a implementação de políticas e práticas favoráveis ao desenvolvimento das ações de extensão. Contudo, esse tempo foi marcado por diversos movimentos importantes para a aproximação da universidade junto à sociedade. Conforme descrito no Parecer n.608/2018 do Conselho Nacional de Educação da Câmara de Educação sobre as Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira:

Esse período também foi marcado por mobilização popular, reformas sociais e ações de extensão, o qual passa do enfoque da difusão do conhecimento para o de inserção na realidade socioeconômica, política e cultural do país, à procura de respostas que contribuíssem para a transformação social. Com o regime militar de 1964, a extensão assume a concepção nitidamente assistencialista e se incorpora ao ideal de desenvolvimento de segurança do território nacional (Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira, 2018, p. 6).

Percebe-se, a partir dos movimentos políticos e sociais realizados pela sociedade civil, a busca pelo acesso à educação bem como a luta constante pela melhoria e inserção das pautas sobre justiça social, em detrimento de pessoas mais necessitadas ou não tem nenhuma forma de estar pautada em contextos até então somente transitado pelas elites. Pouco a pouco as discussões acadêmicas se voltam para questões sociais, por entender que a diversidade de perspectivas presentes nos ambientes acadêmico e social, enriquecem as discussões e promovem o respeito à pluralidade de ideias e experiências.

O ano de 1967 torna-se um marco para os novos rumos da extensão. O Decreto-Lei n. 252/1967, especificamente em seu artigo décimo, parágrafo único, faculta às universidades a criação de coordenações de extensão nas Instituições de Ensino Superior. Até então, as instituições realizavam suas ações de forma livre, atendendo ao normatizado pelo Estatuto das Universidades. Essa nova configuração, começa a indicar uma nova estrutura organizacional, possibilitando outro formato para a extensão.

Contudo, em 1968, com a aprovação da nova LDB, por meio da Lei n. 5.540/1968, de 28 de Novembro de 1968 e a retificação do Decreto-Lei 252/1967 por meio de seu vigésimo artigo, alínea “a” estabelece que as universidades deverão possibilitar a participação dos alunos em ações de extensão que tenham como objetivo a melhoria e o desenvolvimento da sociedade.

Dessa forma, tendo como função o atendimento à comunidade, a universidade não poderia se voltar apenas ao ensino e a pesquisa, mas deveria se dedicar também às atividades de extensão. Em virtude da sua própria natureza, a universidade teria que "se estender a", sair de si e prestar seus serviços à comunidade (Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira, 2018, p. 7).

A partir desse momento configurava-se uma nova realidade na prática extensionista. A participação discente ativa e implicada sob a orientação docente, imprimem um novo contexto acadêmico, valorizando as discussões sociais, sobretudo, transcendendo o espaço físico da sala de aula, refletindo no desenvolvimento pessoal e de formação profissional dos estudantes, na construção de uma comunidade acadêmica mais inclusiva e na contribuição para o progresso e a transformação positiva da sociedade como um todo.

A década de 1980 foi um momento político de grande importância para o Brasil tendo em vista os diversos acontecimentos recentes; o fim do regime militar, o retorno ao país dos exilados políticos, artistas e militantes anistiados; o surgimento de novos partidos; o movimento “Diretas já” e; a Constituinte, movimento marcante para o movimento social no país com a promulgação da Constituição Federal, datada de 05 de outubro de 1988.

Um ano antes da promulgação da Constituição Federal, com o fortalecimento dos debates e movimentos sociais, as universidades também se voltavam para discutir e compreender os (novos) caminhos marcados por mudanças acadêmicas, avanços tecnológicos, desafios econômicos e um maior engajamento estudantil, buscando maior participação na gestão universitária e a defesa da liberdade acadêmica. Esses elementos contribuíram para moldar o cenário que conhecemos hoje.

A década de 80 foi marcada pelo ressurgimento dos movimentos sociais. Neste contexto, a discussão da extensão ganhou destaque no meio universitário, e, em 1987, na Universidade de Brasília (UnB), aconteceu o I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. O evento marcou a criação do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), e, ainda, por importantes deliberações

envolvendo o conceito e a institucionalização da extensão (Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira, 2018, p. 7).

Nos dias 04 e 05 de novembro de 1987, no contexto do I Encontro de Pró-Reitores, a partir do documento redigido como instrumento normativo para as Instituições de Ensino Superior, os Pró-Reitores de extensão e pessoas que ocupavam cargos possuíam similaridade de gestão, se reuniram para discutir os caminhos da extensão universitária. O documento, aprovado nas sessões de Plenária do Encontro reforçou as seguintes discussões: a conceituação da extensão universitária; institucionalização da extensão; financiamento da extensão; criação dos fóruns regionais e suas respectivas atribuições; e o regimento do Fórum. Participaram do Encontro 32 instituições. Como marco regulatório, define-se, a partir de Fórum, o conceito da extensão universitária, segue:

A extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. A extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade da elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Este fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados/acadêmico e popular, terá como consequência: a produção de conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; e a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social (Forproex, 1987, p. 11).

O conceito estabelecido pelo FORPROEX indica de forma clara orientações para as instituições de nível superior bem como a sociedade civil, valorizando ainda mais a importância da extensão universitária e suas propostas de transformação social.

A prática da extensão universitária frequentemente visa abraçar grupos em situação de sub-representação na sociedade, nutrindo a inclusão e promovendo a equidade. Isso engloba programas de acesso à educação, iniciativas cuidadosas de fortalecimento para minorias e esforços serenos para fomentar a igualdade de gênero e a diversidade cultural. São nesses grupos minoritários e distantes do convívio social onde a universidade se transforma

em um refúgio, oferecendo espaços acolhedores para interação e uma possibilidade de inclusão.

Os programas de acesso à educação são como suaves convites para a ampliação de horizontes, enquanto as iniciativas para minorias são sementes, quando regadas com compreensão e apoio, florescem em fortalecimento e resiliência. Esforços para promover a igualdade de gênero e a diversidade cultural são como brisas suaves, criando um ambiente propício para a expressão autêntica e a celebração da riqueza das diferenças.

Dentro desse contexto terno, a universidade se torna um refúgio inclusivo, oferecendo conhecimento e, também, um espaço caloroso para a troca de experiências, o aprendizado mútuo e o cultivo de uma comunidade que valoriza a diversidade em todas as suas formas. Assim, a extensão universitária se torna uma dádiva suave, estendendo braços acolhedores para aqueles que anseiam por participação, pertencimento e oportunidades enriquecedoras.

A experiência de homens, mulheres e crianças em situação de desigualdade social traz à tona, de maneira acentuada, questões merecedoras atenção de diversos setores da sociedade, especialmente aqueles engajados em ações e "soluções" para os problemas sociais. Já se reconhece a importância da interação entre os aprendizados da sala de aula, a pesquisa e a envolvente relação multifacetada com a sociedade, percebendo suas valiosas contribuições nas mudanças de contexto, assim como na colheita de novos entendimentos a partir dessas conexões estabelecidas.

Nesse cenário, as experiências desses indivíduos em desigualdade social se tornam como delicadas pinceladas que revelam as nuances de uma realidade clamante por empatia. A atenção dedicada a essas questões sensíveis se torna vital, gerando uma atmosfera de compreensão e responsabilidade social. As ações e "soluções" propostas, ao invés de serem imposições rígidas, podem ser moldadas, levando em consideração as necessidades específicas de cada grupo vulnerável.

A interação entre os aprendizados da sala de aula e a pesquisa não apenas enriquece o conhecimento acadêmico, mas também, proporciona uma abordagem mais holística para lidar com os desafios sociais. Essa relação delicada com a sociedade não se resume a uma via de mão única, mas sim a

uma troca constante, onde a comunidade contribui para o desenvolvimento da academia e, por sua vez, é beneficiada pela aplicação prática dos conhecimentos adquiridos.

Neste diálogo entre teoria e prática, entre academia e sociedade, as barreiras são suavemente dissolvidas, permitindo uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e das necessidades específicas dos grupos em desigualdade. Dessa maneira, a atenção delicada voltada para essas questões responde às demandas sociais imediatas e se transforma em um ciclo de aprendizado constante e enriquecedor para ambas as partes envolvidas. Sandra de Deus (2020), professora, extensionista e pesquisadora, descreve esse processo e o trânsito de conhecimento gerado por essa relação:

Ouso dizer que a Extensão é transformadora quando articula o “fazer” da sala de aula - leia-se Ensino - com a Pesquisa, levando este acúmulo para a sociedade, onde recolhe contribuições, mudanças, novos olhares e, até mesmo, críticas ao trazer este novo aprendizado para o interior da universidade. Pois de que outra forma pode haver um franco diálogo entre duas visões de mundo? (Deus, 2020, p. 58-59).

A ponderação oferecida nos conduz a uma compreensão mais suave sobre a presença de dois cenários: a universidade e a sociedade externa, ambos sendo elementos de uma mesma unidade social. Essa diferenciação emerge não como uma divisão, mas como uma delicada distinção que ressoa na ação transformadora social. O processo revela-se como algo "complexo e multidimensional, ou seja, a transformação social através da Extensão se dá em vários aspectos e várias dimensões diferentes" (Deus, 2020, p. 59).

Nesse tecido social, a universidade e a sociedade externa entrelaçam-se de maneira harmoniosa, reconhecendo a complementaridade de seus papéis. A distinção, longe de criar barreiras, proporciona uma rica interação, onde a troca de conhecimentos e experiências se dá de forma gentil e enriquecedora. A universidade, com sua luz acadêmica, e a sociedade externa, com suas vivências singulares, convergem para criar um espaço de aprendizado mútuo.

A ação transformadora social vista através da lente da Extensão, desdobra-se suavemente em vários matizes e dimensões, como uma pintura em constante evolução. Cada interação, cada projeto, cada esforço revela-se como uma pincelada delicada nesse quadro em transformação. É a compreensão sensível dessas nuances que permite a construção de uma

ponte suave entre a academia e a sociedade, promovendo um diálogo que transcende fronteiras e promove uma mudança positiva e gradual.

Assim, o entendimento desses dois contextos como partes integrantes de uma mesma unidade social nos convida a trilhar um caminho de colaboração e compreensão mútua. Em meio a essa dança suave entre a universidade e a sociedade externa, surge uma oportunidade não apenas de transformação, mas de cocriação de um futuro mais equitativo, inclusivo e enriquecedor para todos os envolvidos.

O valor que a sociedade deposita nas universidades cria um vínculo de responsabilidade e zelo na concepção, realização e avaliação, refletindo as verdadeiras contribuições dessas instituições por meio de suas diversas iniciativas. Dentro desse contexto, o processo interacional revela-se como um elo, considerando as formas de envolvimento de todos os participantes no processo de transformação: professores, alunos, técnicos, indivíduos, sociedade e o próprio processo, retroalimentando-se e evoluindo de forma contínua.

A sociedade, com seu olhar, enxerga nas universidades não apenas centros de aprendizado, mas espaços de conhecimento, colaboração e cooperação. A responsabilidade assumida pelas instituições é como um suave compromisso, uma promessa de contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento coletivo.

Dentro desse tecido interacional, os professores, alunos e técnicos desempenham papéis importantes, entrelaçando seus conhecimentos e habilidades para criar um ambiente propício ao crescimento mútuo. A sociedade, por sua vez, se torna parte ativa desse diálogo, influenciando e sendo influenciada por cada interação. É uma dança suave de troca constante, onde todos os agentes envolvidos contribuem para a evolução do processo de transformação. “Não há lado forte nessa relação, todos se transformam mutuamente no processo” (Deus, 2020, p. 59).

O próprio processo, como uma entidade dinâmica, responde com sensibilidade às interações e se transforma de maneira fluida. É um ciclo harmônico onde cada participante, com sua delicadeza única, contribui para a melhoria contínua. Assim, as universidades, reconhecendo a importância desse processo interacional, assumem a responsabilidade de serem catalisadoras de

mudanças positivas, promovendo uma jornada em direção ao desenvolvimento integral da sociedade.

As relações estabelecidas entre a universidade e sociedade carecem de colaboração mútua, reciprocidade, caindo à ideia de assistencialismo e acentuando-se a necessidade de construção e aprendizagem coletiva, práticas muito comuns nas primeiras cadências da extensão.

A extensão Universitária representa a troca de necessidades e de benefícios entre a universidade e a sociedade. Ambos são beneficiários por meio de projetos, convenções e reuniões, melhorando a qualidade de vida na região onde a universidade atua. A universidade, no cumprimento de sua responsabilidade social, promove o processo de comunicação cultural com a sociedade (Deus, 2020, p. 59).

Percebe-se a forte relação - ensino, pesquisa e extensão - sustentadora do fazer acadêmico, legítimo de suas ações, implicadas, transformadoras e contextualizadas, contudo, a experiência social de transformação ganha notável força quando da execução de atividades compartilhadas, no entendimento dos espaços, das periferias urbanas, dos problemas coletivos. Partindo dessa cosmovisão, a extensão universitária, com efeito, realiza ações de impacto social transformador, refletindo e modificando os espaços.

Porém, quando a pergunta é qual é, efetivamente, o papel da extensão, a complexidade aumenta porque é preciso entender claramente a missão da universidade pública brasileira na construção da sociedade e nesse contexto muito particular o papel da extensão Universitária na formação acadêmica, no crescimento econômico de comunidades, na preservação da cultura, inclusive na manutenção do ente público denominado universidade. A transformação está na gênese das atividades universitárias, especialmente da extensão, que carrega uma visão de mundo construída no contexto acadêmico que transforma, e se transforma reforma e se reforma constantemente. A universidade não pode deixar de ver nem de ouvir as diferentes demandas da sociedade. Talvez seja possível dizer que a transformação é a essência da extensão (Deus, 2016, p. 94).

Estabelecer parcerias com as comunidades locais tece laços mais robustos entre a academia e seu entorno, assim como desempenha um papel crucial na superação dos desafios enfrentados por essas comunidades. Além de nutrir projetos de desenvolvimento social, essas colaborações têm um impacto significativo na promoção da educação e na atenuação das desigualdades educacionais.

Ao colaborar com esses espaços, as universidades conseguem identificar e abordar desafios específicos, contribuindo para a melhoria da

qualidade de vida e o fortalecimento socioeconômico. Isso pode incluir o desenvolvimento de programas de educação e treinamento adaptados às necessidades locais, abordando lacunas educacionais e promovendo a aquisição de habilidades relevantes para o mercado de trabalho.

Além disso, as ações de extensão universitária desempenham um papel crucial na ampliação do acesso à educação para grupos sub-representados, como comunidades rurais, populações de baixa renda ou grupos étnicos minoritários. As parcerias oferecem oportunidades tangíveis para a inclusão e a equidade educacional, ajudando a superar disparidades no acesso à aprendizagem.

Concentrando esforços em comunidades sub-representadas, as universidades contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Além do acesso à educação formal, essas parcerias frequentemente proporcionam oportunidades para o desenvolvimento de habilidades práticas e profissionais, capacitando os membros da comunidade a participarem ativamente na economia local e global.

Dessa forma, as parcerias entre universidades e comunidades locais fortalecem o tecido social e econômico dessas áreas, desempenhando, assim, um papel vital na promoção da equidade educacional e na superação de desafios específicos enfrentados por diferentes grupos na sociedade. Essa abordagem colaborativa representa uma ferramenta poderosa para impulsionar o desenvolvimento sustentável e construir sociedades mais justas e inclusivas.

Como se observa nas previsões constitucionais, infraconstitucionais e nas diretrizes contidas nas resoluções do CNE/CES, muito já se avançou na proteção normativa da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão nas instituições de ensino superior, em especial, a extensão universitária. Entretanto, muito além da mera visualização das políticas para a consecução da extensão no decorrer da história, as quais foram importantes para amadurecimento e consolidação da temática, é primordial a compreensão da extensão como troca de conhecimentos e experiências entre docentes/discentes/comunidade, através do diálogo em torno do desenvolvimento do ensino-aprendizagem coadunadas com o cotidiano para fins de aprimoramento de (novas) ideias que possam, cada vez mais, possibilitar que a universidade trespasse seus muros e se integre à comunidade, de modo que a iniciativas que fortalecem (e aceleram) as ações de extensão universitária sejam cada vez mais sólidas, [...] (Silva; Albuquerque, 2022, p.96-97).

A transformação social muitas vezes começa com a conscientização sobre questões sociais, políticas e culturais, pelas quais os cidadãos exercem sua cidadania ao se informarem sobre essas questões e participarem ativamente em processos democráticos. Esse envolvimento é essencial para a transformação do contexto, pois permite a expressão de opiniões e a tomada de decisões.

O exercício da cidadania envolve a responsabilidade individual e coletiva de contribuir para o bem-estar da sociedade. Isso inclui o respeito pelos direitos dos outros, a promoção da diversidade e a participação em ações que melhorem a qualidade de vida das comunidades.

Não é possível, diz Paulo Freire, “dar aulas de democracia e, ao mesmo tempo, considerarmos como ‘absurda e imoral’ a participação do povo no poder”. A democracia é, como o saber, uma conquista de todos. Toda a separação entre os que sabem e os que não sabem, do mesmo modo que a separação entre as elites e o povo, é apenas fruto de circunstâncias históricas que podem e devem ser transformadas (Freire, 2022 p.20).

Para além da transformação social, as práticas extensionistas se desdobram em verdadeiros exercícios cidadãos, abraçando um compromisso constante com o bem-estar coletivo. Essas iniciativas não só expandem os horizontes educacionais, mas também, têm o encanto de fomentar a cultura e as artes, enchendo os espaços com exposições, eventos culturais e programas de apoio aos artistas locais.

Os delicados esforços de extensão universitária estendem-se ainda à preservação do patrimônio cultural, trazendo à tona as riquezas históricas e tradicionais das comunidades atendidas. Nesse cenário, a importância dessas ações transcende as fronteiras do ensino, tendo um impacto suave, porém profundo, no desenvolvimento social, educacional, econômico e cultural.

Essas atividades ecoam positivamente na sociedade, gerando transformações e fortalecendo os laços comunitários. O exercício cidadão, moldado por iniciativas de extensão universitária, torna-se uma sinfonia harmoniosa de contribuições para o bem comum, onde cada nota representa um passo em direção ao aprimoramento coletivo.

O resultado é uma tapeçaria cultural que celebra a singularidade de cada comunidade, fortalecendo os alicerces do entendimento mútuo e da cooperação, refletindo a verdadeira essência do exercício cidadão em sua

forma mais leve e suave. Essas iniciativas, em última instância, contribuem para o bem-estar geral, irradiando um caloroso e positivo impacto na sociedade que persiste ao longo do tempo.

A extensão deve ser concebida como uma práxis transformadora, um mecanismo que a universidade dispõe para cumprir sua responsabilidade social. Portanto, a universidade deve estabelecer como meta em seu plano de gestão uma política de extensão universitária condizente com sua missão e sua visão, ou seja, uma política propositiva em relação às ações humanitárias do ponto de vista da responsabilidade social universitária (Ribeiro, 2011, p. 86).

O cultivo do exercício da cidadania emerge como uma suave e valiosa ferramenta, repleta de nuances que fortalecem tanto indivíduos quanto comunidades. Essa prática permite a cada pessoa o desfrute de uma voz melodiosa, uma influência harmônica e uma participação ativa nas decisões que moldam o tecido de suas vidas, tecendo, assim, um cenário de inclusão e igualdade.

Ao explorar o exercício da cidadania, encontramos uma dança fluida entre direitos e responsabilidades, uma coreografia que se desenha em cada gesto de participação ativa na vida política, social e cultural. É uma prática que se revela como uma sinfonia encantadora de envolvimento cívico, onde cada cidadão se torna um músico, contribuindo com sua nota única para a harmonia coletiva.

Esse suave exercício é uma peça essencial no quebra-cabeça de uma democracia saudável e desempenha um papel crucial no funcionamento equitativo de uma sociedade. É um convite à celebração das diversidades culturais, um lembrete carinhoso de que a verdadeira riqueza de uma nação reside em sua tapeçaria cultural única.

As experiências de responsabilidade social universitária devem estar relacionadas à extensão universitária, como um compromisso social e uma forma de estabelecer um diálogo dinâmico entre a instituição e a sociedade, desenvolvendo nela um sentimento de pertença social. Portanto, a extensão universitária deve assumir uma postura construtivista, desenvolvendo tanto nos alunos quanto nos professores, uma atitude investigativa de aprender fazendo, intervindo na realidade, construindo e reconstruindo o conhecimento, para que seja possível dar respostas à sociedade quanto às questões próprias de seu tempo (Ribeiro, 2011, p. 87).

Ao estender essa filosofia à extensão universitária, encontramos um terreno fértil para o florescimento das práticas culturais e da formação cultural. As instituições de ensino superior, com sua sensibilidade e compromisso com o

desenvolvimento integral, tornam-se os jardins onde as sementes do exercício cidadão germinam suavemente, cultivando um ambiente onde as diferentes expressões culturais são valorizadas e celebradas. Nessa jornada harmoniosa, a extensão universitária capacita os indivíduos para participarem ativamente da sociedade, contribuindo para uma trama cultural rica e diversificada. Cada ação reverbera na construção de uma sociedade onde o respeito, a compreensão e a participação cultural fluem como notas suaves em uma melodia inspiradora de cidadania plena.

2.2 - A cadência da extensão universitária na UERN

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, com mais de cinco décadas de existência, floresceu no interior do estado, na cidade de Mossoró. Desde o seu surgimento em 1964, quando as primeiras sementes do conhecimento foram plantadas, a UERN já manifestava seu compromisso com a comunidade externa, mesmo sem uma política específica para guiar os passos da extensão universitária, até porque essa normatização surgiria anos depois, no I Fórum de Pró-Reitores de Extensão das instituições públicas de ensino superior brasileiras, em 1987.

Naquele momento, mesmo antes de estabelecer as diretrizes formais, a UERN já contava com o Centro de Desenvolvimento Regional do Rio Grande do Norte – CENDERN. Este centro realizava ações de assistência técnica para as prefeituras locais, incluindo Mossoró, oferecendo apoio às atividades agroindustriais e contribuindo para o desenvolvimento econômico regional. Além disso, promovia diversas ações comunitárias, semeando os primeiros frutos da interação entre a universidade e a comunidade externa (Uern, 2024).

Diante da crescente demanda por iniciativas do CENDERN, surgiu, quatro anos após sua criação, o Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária - CRUTAC. Esse novo setor buscava contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento de "atividades sociais, educativas e culturais nas comunidades rurais" (Uern, 2024), cultivando uma conexão mais profunda entre a universidade e os diversos matizes da sociedade.

Em um ano emblemático para a expansão da extensão universitária na instituição, 1973, nasceu a Pró-Reitoria de Extensão - PROEX, marcando um capítulo significativo na evolução acadêmica. Nesse período, a instituição adotava o nome de Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte, solidificando sua missão de ser uma fonte para o desenvolvimento educacional, social e cultural da região. O compromisso com a comunidade se tornava cada vez mais evidente, transformando a UERN em um oásis de aprendizado e cooperação mútua.

O ano de 1973, através do Ato Executivo nº. 006/73 ASFURRN, de 13 de junho de 1973 é marcado pela criação da Pró-Reitoria de Extensão com a composição dos seguintes órgãos: Centro de Desenvolvimento Regional do Rio Grande do Norte – CENDERN, Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária – CRUTAC, Centro de Estudo do Menor e Integração da Comunidade – CEMIC e Centro Experimental de Estudos e Pesquisas sobre o Sal – CEPS (Uern, 2024).

É notável que em um curto período de atividades, a Universidade se envolveu com as comunidades e setores externos à instituição, promovendo de maneira significativa o seu desenvolvimento institucional. Nesse cenário, prevalecem os valores sociais, tornando-se elementos fundamentais para a construção de uma universidade que se compromete de forma sensível em atender às demandas da sociedade. Essa rápida imersão da Universidade no convívio com as comunidades revelou-se como uma dança suave, onde os laços se fortalecem por meio de interações sociais. Os valores, como fios sutis, foram tecidos nas práticas e na essência da instituição, gerando um ambiente que transcende as barreiras tradicionais entre academia e comunidade.

Nesse enlace, a Universidade não apenas absorve conhecimento, mas também, compartilha sua expertise, criando uma simbiose entre as necessidades da sociedade e as respostas institucionais. O desenvolvimento institucional, impulsionado por essa relação, reflete o compromisso de uma universidade que não se limita aos muros físicos, mas se estende como uma presença importante na construção do bem-estar social. A Universidade emerge não apenas como uma entidade educacional, mas como um parceiro engajado, moldando-se e sendo moldada pelo entrelaçar contínuo com as comunidades. É uma jornada suave, onde valores sociais florescem e a instituição se transforma em um espaço enriquecido pela compreensão mútua, colaboração e contribuição para o progresso coletivo.

Ao longo dos anos, a Pró-Reitoria foi se desdobrando em uma nova estrutura organizacional, cultivando delicadamente os alicerces de sua expansão. Além dos já estabelecidos setores, três órgãos foram concebidos para atender às demandas locais. Em 1985, surge o Centro de Estudos e Programação Cultural, como um campo de saberes e expressões artísticas, imprimindo nuances suaves ao cenário acadêmico. Em 1989, o Conservatório de Música D'alva Stella Nogueira Freire foi criado como uma sinfonia de oportunidades para o desenvolvimento musical, propagando notas suaves que ecoam até hoje. Em 1995, surgiu o Departamento de Programas e Cursos de Extensão – DPCE, como um catálogo de aprendizado diversificado, oferecendo uma paleta de oportunidades educacionais para enriquecer a vida de todos os envolvidos. Cada órgão, como pétalas suaves de uma flor em crescimento, foi concebido com sensibilidade para atender às necessidades específicas da comunidade e contribuir para a riqueza cultural e educacional da região. Essa expansão suave reflete o compromisso contínuo da Pró-Reitoria em ser um agente de transformação, onde cada iniciativa é como uma nota suave, adicionando harmonia ao tecido vibrante da instituição (Uern, 2024).

Para além desses setores, surgem projetos e grupos culturais que se tornaram como doces melodias soando pelo ambiente acadêmico: o Grupo de Teatro – GRUTUM (1989), o inspirador Projeto Outras Falas (1990), a graciosa dança do Grupo de Dança – GRUDUM – (2003) e a magia do Festival de Teatro da UERN – FESTUERN (2003). Nesse cenário de crescimento e celebração da riqueza cultural, a Pró-Reitoria de Extensão, sensível às demandas e potencialidades diagnosticadas, expande com suavidade sua estrutura funcional, transformando seus departamentos em Diretorias.

A Diretoria de Desenvolvimento Social – DIRDES, como um feixe de luz para iniciativas que fortalecem os laços comunitários e promovem o bem-estar social. A Diretoria de Educação, Cultura e Artes – DECA, por sua vez, é como um pincel suave, pintando a paisagem acadêmica com a diversidade de expressões culturais e artísticas. A Diretoria de Institucionalização de Ações de Extensão – DIA, é como o alicerce sólido que sustenta as iniciativas extensionistas, garantindo sua integração harmoniosa na vida universitária. E o Conservatório de Música D'alva Stella Nogueira Freire é a melodia suave que ressoa, encantando mentes e corações (Uern, 2024).

Cada uma dessas Diretorias, como notas de uma melodia, contribui para a vibração contínua da extensão universitária na UERN, tornando-a não apenas um espaço de aprendizado, mas uma partitura onde a cultura, a arte e a comunidade se entrelaçam em uma sonoridade harmoniosa. Essa expansão suave reflete o compromisso eterno da UERN em ser não apenas uma instituição de ensino, mas um celeiro de crescimento integral e bem-estar para todos que cruzam seus caminhos.

Hoje, após todos os momentos de reestruturação setorial, planejamentos, discussões internas e externas, fóruns entre outras ações que possibilitaram o diálogo e o fortalecimento da extensão, a UERN dispõe de uma estrutura normativa sólida e madura que delinea as ações na instituição, não obstante inferir que as atualizações documentais são uma possibilidade contínua de desenvolvimento acadêmico. Apresentaremos de forma sumária cada um deles¹², suas competências no âmbito institucional e suas implicações nos contextos interno/externo.

Organizando todo o tecido estratégico da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, com suas diretrizes, metas e ações, a Resolução nº 34/2016 - CONSUNI que aprova o Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI entre os anos de 2016 e 2026 traz em sua complexa rede as ações administrativas, pedagógicas, de ensino, pesquisa, ensino e extensão. Sobre essa pretensa e importante ação, o PDI (2016) nos traz a seguinte discussão:

O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) é o mapa do futuro da Instituição, uma vez que pretende explicitar o que ela deseja ser nos próximos dez anos. Como o ensino, a pesquisa e a extensão são as funções essenciais da universidade, coube ao PDI traçar diretrizes, metas e ações relativas a essas três áreas. E como essas atividades-fim não se fazem sem o concurso de pessoas e de equipamentos, ele também se pronuncia a respeito das políticas de gestão institucional, assistência estudantil, intercâmbio e internacionalização, de inclusão e atendimento às pessoas com deficiências (Pdi, 2016, p. 16).

O PDI é um documento que delinea as orientações, alvos, propósitos e abordagens da instituição para os próximos períodos. Sua elaboração parte de uma análise profunda do ambiente em que a universidade está situada e das necessidades apresentadas pela comunidade, considerando os princípios

¹² **Resolução nº 34/2016 - CONSUNI** - Aprova o Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI - 2016-2026; **Resolução nº 14/2017 - CONSEPE** - Regulamento Geral da Extensão Universitária da UERN; **Resolução nº 25/2017 - CONSEPE** - Regulamenta a curricularização das atividades de extensão; **Resolução Nº 08/2018 – CONSEPE** - Institucionaliza o Plano Institucional de Cultura – PIC.

fundamentais e a visão da instituição. Além disso, também estabelece as políticas e iniciativas que serão aplicadas para assegurar o aprimoramento constante da excelência no ensino, pesquisa, extensão e administração universitária.

No item 2.6 do PDI (2016) que trata da visão de uma universidade para o futuro, a extensão universitária é posta como um agente agregador no plano das ações educativas e institucionais que possibilita a instrumentalização de ações com vistas ao amanhã.

A UERN do futuro deverá manter as atividades de extensão de cunho cultural e educativo, de modo a garantir amplificação e multiplicação de suas ações junto à sociedade. Incluem-se nessas ações contratos e convênios com instituições públicas e privadas, contanto que contribuam para a formação de estudantes, comprometida com a indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e extensão e o fortalecimento da relação com a sociedade (Pdi, 2016, p. 25-26).

A inserção da extensão universitária nesse contexto evidencia sua capacidade de ser um instrumento facilitador na consecução de metas e aspirações de longo prazo. Ela se revela como um canal privilegiado para a aplicação prática do conhecimento acadêmico, promovendo uma ponte efetiva entre a academia e a sociedade. Nesse sentido, a extensão se configura como um veículo dinâmico para a disseminação do saber, contribuindo para a formação acadêmica dos estudantes e a construção de uma relação mais estreita e colaborativa entre a universidade e a comunidade em que está inserida.

Além disso, a ênfase dada à extensão como agente agregador sinaliza para a importância da integração entre os diversos setores da instituição. Ao se posicionar como um elo entre a academia e as demandas sociais emergentes, a extensão universitária propicia uma sinergia que enriquece o processo educacional e contribui para a projeção da instituição como um agente transformador e ativo na construção de soluções para desafios contemporâneos. Ao reconhecer a extensão universitária como um componente vital no panorama das ações institucionais, o PDI visa enriquecer a experiência acadêmica, fortalecendo o compromisso da universidade com a sociedade, impulsionando um futuro mais dinâmico, inclusivo e alinhado com as demandas em constante evolução.

No ponto (item 4.3) de abordagem específica sobre a Política de Extensão Universitária no âmbito da UERN, o PDI reafirma a importância e conexão estabelecida entre a universidade e a sociedade por meios das ações de extensão, o que contribui para um constante trânsito de adequação de suas políticas às próprias demandas institucionais e à comunidade externa, com a “valorização da diversidade e de inclusão das pessoas com deficiência; assistência e permanência estudantil; intercâmbio e internacionalização; pesquisa e inovação; e ensino” (Pdi, 2016, p. 69).

Ao longo dos últimos anos, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte dedicou-se a alinhar suas normas de extensão com as demandas da sociedade, consolidando assim seu compromisso com uma política extensionista robusta. Nesse contexto, a extensão universitária emerge como uma dimensão fundamental, desempenhando um papel significativo no processo de consolidação da instituição como uma universidade de excelência acadêmica. Simultaneamente, demonstra uma sensibilidade apurada em relação às políticas nacionais de educação, reforçando a posição da universidade como uma entidade atenta e comprometida com os direcionamentos educacionais estabelecidos em nível nacional.

A agenda do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras (FORPROEX), diante da necessidade de constante atualização e planejamento, tem debatido as normas extensionistas nas universidades públicas brasileiras, de maneira a harmonizar diretrizes e a compor uma política de extensão fortalecida e coadunada. Face ao exposto, a UERN decidiu rever toda sua legislação referente à extensão, transformando-a em instrumento capaz de atender a todo o campo de aplicação extensionista de forma efetiva e responsável. A PROEX entendeu que a conjuntura dos últimos anos representou o melhor cenário, não apenas para a atualização das normas, mas para a criação de um novo regulamento geral da extensão na UERN. Este regulamento não só atualizou as normas existentes, mas criou novos mecanismos e regras para os desafios da extensão universitária (Pdi, 2016, p. 69-70).

O reconhecimento dessa conjuntura favorável evidencia a perspicácia da PROEX em identificar oportunidades de aprimoramento, ressalta sua visão proativa para enfrentar os desafios contemporâneos na área de extensão. Ao aliar a revisão das normas existentes a uma iniciativa de criação de novos instrumentos regulatórios, a PROEX demonstra um comprometimento em promover uma extensão universitária dinâmica, capaz de responder de forma

eficaz às demandas da sociedade e do cenário educacional em constante evolução.

Esse importante passo, a experiência adquirida diante da dinâmica inerente à gestão das ações extensionistas e unidades de extensão e a constante atenção às demais políticas da Universidade foram a base para que se chegasse às diretrizes, metas e ações expostas a seguir. I - Consolidação e ampliação da extensão universitária como mediadora entre a universidade e a sociedade; II - Implantação, em articulação especialmente entre PROEX e PROEG, da curricularização/creditação da extensão nos cursos de graduação, com base no Plano Nacional de Educação e a legislação em vigor, a partir da implantação de Programas e Projetos; III - Fortalecimento da política de extensão estruturada em programas, planos institucionais e unidades de extensão (núcleos de extensão, escolas de extensão, grupos artísticos e centros de prestação de serviços); IV - Concretização da gestão de qualidade acadêmica da extensão universitária (Pdi, 2016, p. 70).

Essas atualizações refletem as necessidades atuais, mas também, se projetam como ferramentas estratégicas para guiar a extensão universitária da UERN rumo a um patamar mais robusto e alinhado com as melhores práticas do setor. Ao incorporar inovações e ajustes, a PROEX busca manter-se em sintonia com as exigências contemporâneas e liderar o caminho para a excelência na promoção da extensão acadêmica. Esse esforço proativo reitera o compromisso da UERN em se destacar como uma instituição comprometida com a qualidade, a relevância social e o desenvolvimento constante em sua missão educacional.

O Regulamento Geral da Extensão, cuja aprovação foi formalizada pela Resolução nº 14/2017 - CONSEPE, destaca-se como um pilar normativo essencial que delinea e orienta os rumos da prática extensionista na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Esse documento, dotado de significativa importância, transcende seu caráter regulatório para se tornar um guia fundamental para todos os envolvidos na extensão universitária. O Regulamento Geral da Extensão torna-se não apenas uma série de diretrizes formais, mas um marco orientador que estabelece os fundamentos e as bases para a implementação de ações extensionistas na UERN. Essas diretrizes, estruturadas sob a égide dessa resolução, delinham o panorama regulatório, proporcionando uma visão abrangente e alinhada com os princípios e objetivos institucionais.

A relevância desse regulamento se manifesta na sua capacidade de catalisar a atuação do extensionista, oferecendo um arcabouço claro e preciso

que norteia suas atividades. Ao estabelecer parâmetros e critérios, o regulamento visa garantir a integridade, a eficácia e a qualidade das iniciativas de extensão, contribuindo assim para a consolidação da missão da UERN de promover a interação entre a academia e a sociedade. Cabe destacar que, para o extensionista, o regulamento não é apenas um conjunto de normas burocráticas, mas um recurso valioso que oferece suporte e orientação na concepção, planejamento e execução de projetos extensionistas. Ele se configura como um aliado indispensável, proporcionando um ambiente regulatório claro e transparente que permite ao extensionista concentrar seus esforços na criação e implementação de iniciativas que efetivamente atendam às demandas da comunidade.

A extensão universitária desempenha um papel crucial na promoção da interação entre a academia e a sociedade, abrangendo diversas áreas temáticas que refletem a diversidade e a abrangência do conhecimento. Estas áreas incluem Comunicação; Arte e Cultura; Direitos Humanos e Justiça; Educação; Meio Ambiente e Planejamento Urbano e Rural; Saúde, Esporte e Lazer; Tecnologia e Produção; e Trabalho e Renda. Através de uma variedade de ações, a extensão se materializa em Programas, Projetos, cursos, eventos, Prestação de serviços, Produtos acadêmicos e Unidades Curriculares de Extensão. A participação na extensão é um convite aberto a professores, técnicos, alunos e membros da comunidade externa, revelando a amplitude e o caráter inclusivo dessa dimensão universitária. Neste contexto, a extensão não apenas enriquece a formação acadêmica dos estudantes, mas também, contribui para a construção de uma ponte vital entre a academia e a sociedade, promovendo uma troca de conhecimentos e experiências significativas.

A elaboração de projetos de extensão na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) constitui um processo meticuloso, sendo as unidades acadêmicas peças-chave nesse cenário. O desenvolvimento de propostas de projetos é submetido a uma análise criteriosa, levando em consideração uma ampla gama de elementos que refletem a qualidade acadêmica, o compromisso com a sociedade e a excelência nas ações extensionistas. Ao submeter uma proposta de projeto, os proponentes são desafiados a demonstrar o caráter extensionista do projeto, evidenciando como a iniciativa irá se traduzir em benefícios práticos e tangíveis para a comunidade. A

relevância social é um critério essencial, exigindo uma compreensão clara das necessidades e demandas locais que o projeto se propõe a abordar. Além disso, a área de abrangência e o impacto social são criteriosamente avaliados para garantir que o projeto alcance e beneficie efetivamente o público-alvo (Regulamento Geral da Extensão, 2017).

A participação ativa da comunidade e a busca por parcerias institucionais são fatores que enriquecem a proposta, reforçando o caráter colaborativo e a conectividade do projeto com as demandas reais. O envolvimento dos discentes é valorizado, sendo considerado um aspecto crucial para a formação acadêmica, proporcionando aos estudantes uma experiência prática enriquecedora e alinhada com os princípios da extensão universitária. A abordagem interdisciplinar é incentivada, reconhecendo a complexidade e a interconexão dos desafios contemporâneos. A integração harmoniosa do projeto com as atividades de ensino e pesquisa da instituição visa promover uma sinergia entre as diferentes dimensões acadêmicas. A geração de produtos acadêmicos, como pesquisas, relatórios e publicações, é incentivada como um indicador de sucesso e contribuição para o conhecimento. Aspectos técnicos relacionados à estrutura da proposta, incluindo sua viabilidade operacional, são minuciosamente analisados para garantir que o projeto possa ser implementado de maneira eficaz. Essa atenção aos detalhes reflete o compromisso da UERN em garantir a qualidade e a efetividade de suas iniciativas de extensão, consolidando sua posição como uma instituição comprometida com a transformação positiva da sociedade (Regulamento Geral da Extensão, 2017).

Quanto à avaliação, é imperativo destacar que os processos adotados pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte são abrangentes e englobam tanto aspectos qualitativos quanto quantitativos. A intenção é realizar uma análise aprofundada para identificar, de maneira abrangente, os impactos e contribuições efetivas das diversas ações de extensão promovidas pela instituição. Essa abordagem avaliativa é fundamental para assegurar a conformidade com os critérios preestabelecidos e garantir que tais iniciativas alcancem resultados concretos, mensuráveis e, acima de tudo, significativos (Regulamento Geral da Extensão, 2017).

Os indicadores qualitativos aplicados buscam compreender a profundidade e a qualidade das interações estabelecidas entre a universidade e a comunidade, avaliando o nível de envolvimento, a efetividade na resolução de problemas e o impacto percebido pelos participantes. Essa análise qualitativa proporciona uma visão mais rica e detalhada sobre como as ações de extensão estão contribuindo para a melhoria da qualidade de vida, o desenvolvimento local e a promoção do bem-estar social.

Paralelamente, os critérios quantitativos são essenciais para mensurar a extensão e a amplitude das ações, oferecendo dados concretos sobre a quantidade de participantes, a extensão geográfica dos projetos e o volume de atividades realizadas. Esses números são cruciais para fornecer uma visão mais abrangente e tangível do impacto numérico das ações de extensão, corroborando a eficácia e a relevância das iniciativas implementadas.

Dessa forma, essa abordagem avaliativa abrangente não apenas valida a conformidade das atividades de extensão com os padrões estabelecidos, mas, mais importante ainda, reforça o compromisso da UERN com a excelência acadêmica e a relevância social. Ao buscar constantemente melhorar e adaptar suas práticas, a universidade solidifica sua posição como agente de transformação positiva, contribuindo de maneira expressiva para o desenvolvimento sustentável e o fortalecimento das relações entre a academia e a sociedade.

Outra grande inspiração para o desenvolvimento da extensão nas universidades é o Plano Nacional de Educação - PNE, aprovado em 2014 por meio da Lei nº 13.005/2014 e descreve importantes diretrizes para a melhoria do ensino em todos os níveis de ensino, educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e nível superior, buscando, em cada uma das áreas, estabelecer caminhos que venham a renovar as propostas de ensino como também a erradicação do analfabetismo no país. Em específico para o ensino superior, foco deste estudo, temos a implementação da creditação da extensão, sugerida pelo plano como uma ferramenta de caráter importante para a formação dos estudantes em formação. Entendendo que a extensão possui características que impactam diretamente na qualidade intelectual e técnica, o PNE, em sua décima segunda meta, especificamente no item 12.7, traz uma grande marco para a extensão, a inserção de créditos obrigatórios para todos

os cursos de graduação, como segue, “assegurar, no mínimo, dez por cento do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social (Pne, 2014, p. 74).

A partir dessa regulamentação, volto-me para o campo da extensão no âmbito da UERN, para destacar como a implementação da creditação da extensão tem sido realizada e quais seus efeitos e impactos no planejamento, elaboração, realização e avaliação da extensão.

O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - CONSEPE da UERN aprova por meio da Resolução n. 25/2017 a regulamentação para a curricularização da extensão nos cursos de graduação da instituição. Em seu preâmbulo, destaca, inicialmente, as leis que referendam o novo contexto da extensão. A indissociabilidade apresentada pelo artigo 207 da Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, as metas estabelecidas pelo Plano Nacional de Educação, a Política nacional de extensão universitária e os documentos internos, Regulamento dos cursos de graduação da UERN e o Regulamento Geral da Extensão. Esses documentos descrevem os passos que devem ser seguidos pelas instituições de ensino superior e como sua regulação implica na formação profissional, intelectual e acadêmica de todos os envolvidos no fazer extensionista.

O documento é constituído em sumários quatro capítulos que indicam os processos normativos da institucionalização da creditação da extensão na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Em seu primeiro capítulo, a Resolução indica os objetivos do documento:

Art. 1º Regulamentar a curricularização das atividades de extensão nos cursos de graduação da UERN. Parágrafo único. As atividades de extensão de que trata o caput são obrigatórias e correspondem a, no mínimo, 10% da carga horária total do Curso (Curricularização da Extensão - Uern, 2017, p. 2).

O segundo e terceiro capítulos apresentam o funcionamento técnico sobre como serão ofertadas as disciplinas, denominadas Unidade Curricular de Extensão - UCE, sua dinâmica de vinculação entre os programas de curso e as mudanças dos Projetos pedagógicos de cada curso, adaptando as cargas-horárias ao novo trânsito institucional para a inserção da extensão como

componente curricular em todos os cursos da instituição. Por conseguinte, a carga horária de cada UCE e como será dada a oferta semestral de cada componente. Em seu último capítulo são apresentadas as disposições gerais, incluindo um item de grande importância, o estabelecimento do prazo para os cursos de graduação reestruturarem seus projetos a contar 36 meses a partir da publicação da Resolução, datada de junho de 2017.

A natureza deste estudo está implicada na compreensão sobre como práticas extensionistas realizadas por meio de ações culturais desempenham papel de transformação humana e inclusão social de seus participantes. Dentro desse contexto, para além das características gerais que imprimem as funções da extensão universitária, trago documentos e contextos culturais fortemente desenvolvidos pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, a fim de caracterizar, conceituar e imprimir os caminhos desenvolvidos pela instituição.

Em 2018, a UERN tem em sua história mais um grande marco para o desenvolvimento cultural da instituição, a aprovação, por unanimidade, pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - CONSEPE, da Resolução n. 08/2018 - CONSEPE, que trata sobre a institucionalização do Plano Institucional de Cultura - PIC. O documento, amplo e estruturante, intenta apresentar os passos a serem perseguidos no sentido de estruturar, ampliar e qualificar os recursos humanos, materiais e de estrutura material e imaterial no âmbito da UERN.

Nos intrincados caminhos acadêmicos, desenha-se um horizonte vibrante, onde a Cultura e a Arte não são meramente disciplinas, mas sim pulsantes expressões que ecoam nos corredores do conhecimento. Nesse cenário, entre os anos de 2018 a 2024, erguem-se as bases conceituais de uma Política de Cultura e Arte que, como fios invisíveis, se entrelaça harmoniosamente com o tecido mais amplo do Plano de Desenvolvimento Institucional da UERN (PDI/UERN), o Plano Estadual de Educação (SEEC-RN), o Plano Estadual de Cultura (FJA/SEEC-RN), o Plano Nacional de Educação (MEC) e o Plano Nacional de Cultura (MINC).

É nesse contexto que se almeja não apenas estabelecer diretrizes, mas criar uma sinfonia cultural, uma narrativa que ressoa a diversidade latente nas raízes locais, regionais e nacionais. O propósito é claro e ousado: desenvolver programas e projetos que transcendem os limites do acadêmico, lançando

pontes que fortaleçam e difundam a riqueza cultural em todas as suas nuances. Aqui, a arte não é mera contemplação, mas um convite à inclusão, à celebração da multiplicidade de linguagens artísticas, ao exercício do direito de manifestação cultural e ao respeito pela expressão única de cada criador.

Mais que uma política, é um chamado para o diálogo entre saberes distintos, uma conversa entre a academia e os conhecimentos tradicionais e populares. É um convite à integração social, à sustentabilidade, à inovação e à celebração da diversidade cultural que permeia nosso tecido social. Nesse encontro, florescem conexões que ultrapassam barreiras, tecendo uma tapeçaria única, onde o passado dialoga com o presente, e ambos vislumbram o futuro com esperança e compreensão.

A Política de Cultura e Arte da UERN não se restringe a meros registros, mas busca ser o próprio catalisador de uma nova era de reconhecimento e preservação. Em suas mãos, há a missão de transformar os espaços acadêmicos em locais onde a riqueza do patrimônio cultural do Rio Grande do Norte seja não apenas apreciada, mas vivenciada. O mapeamento, identificação, catalogação, guarda, estudos, divulgação e acesso a esse legado tornam-se não apenas tarefas, mas celebrações de uma herança viva, uma fonte inesgotável de inspiração que enriquece o presente e molda o futuro.

Nesse pulsar cultural, a UERN estabelece-se como um farol, guiando os passos de uma comunidade acadêmica comprometida com o ensino, a pesquisa, a preservação e a celebração do inestimável patrimônio cultural que nos cerca. Que cada ação, cada iniciativa, seja como uma nota em uma partitura, contribuindo para uma melodia de conhecimento, respeito e harmonia que ecoa para além dos muros da academia, reverberando no coração de uma sociedade enriquecida pela cultura e pela arte.

Suas cinco diretrizes, pensadas de forma coletiva a partir dos fóruns realizados em todos os *campi* da UERN, objetivam, além de seus conteúdos específicos sobre o fazer cultural, indicam processos de formação intelectual, humana e social, corroborando com as determinações que são estabelecidas desde as políticas nacionais até os contextos locais.

As diretrizes que compõem o PIC/UERN foram pensadas no sentido de: (a) promover a cultura numa perspectiva de cidadania e diversidade; (b) viabilizar a implantação e o desenvolvimento de bases para a economia da cultura; (c) preservar a memória artístico-

cultural e patrimonial; (d) ampliar as redes da cultura e das artes; (e) implantar redes de economia criativa (Pic, 2018, p. 3).

As diretrizes, metas e ações indicadas pelo PIC orientam as ações culturais com viés extensionista indissociáveis das atividades de ensino e pesquisa, contribuindo para o fortalecimento da tríade bem como da produção e circulação de bens culturais no âmbito da instituição e o trânsito de ações dentro e fora da universidade. Esse movimento imprime uma significativa relação com a comunidade “com a perspectiva da construção de uma rede para dinamizar e revelar potencialidades, e assim promover a inclusão social, a sustentabilidade, a inovação e a diversidade cultural” (Pic, 2018, p. 5).

Com a devida concisão, apresentarei as cinco diretrizes delineadas pelo PIC, oferecendo um panorama abrangente sobre as metas e ações que constituem as impressões fundamentais norteadoras desse plano estratégico. Cada diretriz, em sua essência, representa um pilar sólido e bem fundamentado que orienta as atividades em prol da integridade e do cumprimento das normas.

A primeira diretriz “Promoção da cidadania e da diversidade através das artes e da cultura” traz seis metas que se desdobram na discussão que segue.

A Universidade, em seu compromisso inabalável com a cultura e a arte, empenha-se vigorosamente na criação, realização e apoio a uma multiplicidade de eventos culturais e artísticos em todos os campi. Essa iniciativa abraça a diversidade, manifestando-se por meio de espetáculos, mostras, seminários, exposições e outras estruturas que tornam cada campus um palco vibrante de expressões culturais permanentes.

Consciente do poder transformador da arte, o Plano incentiva a formação de grupos artísticos em todos os campi e faculdades. Esses grupos, representativos de diversas linguagens artísticas, florescem como espaços de criação, expressão e fortalecimento da identidade cultural, enriquecendo a vida acadêmica e proporcionando um ambiente propício à expressão artística.

No desejo de ampliar horizontes e proporcionar uma experiência acadêmica única, a Universidade almeja a implementação do curso de Graduação em Teatro no Campus Central, alinhado ao compromisso de oferecer uma formação acadêmica sólida e diversificada. Ademais, a intenção

é criar e implementar cursos de artes nos demais campi, aproveitando as potencialidades específicas de cada região.

Consciente da importância do apoio institucional, a Universidade estabelece políticas de fomento e estruturas dedicadas à realização de atividades artístico-culturais. Essas iniciativas visam impulsionar a produção artística local, promovendo, dessa forma, intercâmbios culturais e colaborações que transcendem fronteiras acadêmicas.

Comprometida com a formação integral, investe em ações de formação que despertam e fortalecem os interesses pelo fazer artístico. Essas ações abrangem diferentes manifestações culturais, fomentando um ambiente acadêmico que valoriza e celebra a diversidade artística, promovendo, assim, uma educação enriquecedora e inclusiva.

Em uma busca constante pela excelência, se propõe a reformular o Programa Interdisciplinar de Teatro na Escola – FESTUERN. Essa iniciativa visa aprimorar a integração entre teoria e prática, fortalecendo os laços entre a academia e a comunidade, e proporcionando uma plataforma dinâmica para a promoção da cultura teatral nas escolas e na sociedade em geral.

A segunda diretriz “Implantação e desenvolvimento de bases para a economia da cultura” traz a seguinte discussão.

Na incessante busca por uma vivacidade cultural e artística em cada canto da UERN, a instituição empenha-se em promover iniciativas que transcendam os limites acadêmicos, enraizando-se profundamente na comunidade. Nesse contexto, uma proposta audaciosa ganha forma: a criação, em cada Campus da UERN, de Escolas de Extensão dedicadas à arte e à cultura. Estas Escolas de Extensão, pulsando em cada Campus, surgem como centros vibrantes de criatividade, propiciando um terreno fértil para a formação artística e cultural de estudantes e membros da comunidade local. Elas se tornam faróis, guiando o caminho para uma vivência cultural rica e diversificada, proporcionando não apenas educação, mas uma imersão plena na expressão artística.

Reconhecendo que a força transformadora da cultura não se limita apenas aos palcos e às telas, a UERN se propõe a desenvolver ações formativas destinadas aos agentes culturais. Essa iniciativa visa consolidar uma política de economia da cultura, fomentando a compreensão de que a arte

enriquece a alma, é uma força econômica vital. Formar agentes culturais não consiste somente em aprimorar habilidades artísticas, mas também, capacitar indivíduos a contribuírem ativamente para o desenvolvimento de uma economia cultural próspera.

Ciente de que a produção cultural vai além de espetáculos e exposições, empenha-se em fomentar a criação de bens culturais, tanto materiais quanto imateriais. Essa abordagem abrangente busca estimular a produção de arte, música, literatura, manifestações folclóricas, entre outras expressões culturais. Ao fazê-lo, a UERN reconhece e valoriza os objetos tangíveis, as tradições, conhecimentos e expressões que compõem o rico mosaico da cultura. Assim, a UERN assume o compromisso de ser um catalisador para a efervescência cultural, formando profissionais e acadêmicos e cultivando uma atmosfera na qual a arte e a cultura floresçam, ecoando em cada Campus e permeando as vidas da comunidade local. Nesse horizonte cultural dinâmico, a universidade se posiciona como uma fonte de inspiração, conhecimento e transformação para todo o Estado do Rio Grande do Norte.

A terceira diretriz “Implantação, ampliação e recuperação do patrimônio e da memória artístico-cultural” apresenta um compromisso firmado com o enriquecimento do cenário artístico-cultural. A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte vislumbra uma jornada dedicada à criação, recuperação e expansão de estruturas físicas e virtuais. Essas estruturas, concebidas como espaços dinâmicos e inspiradores, destinam-se à realização de atividades artístico-culturais que transcendem as barreiras físicas e se conectam com a riqueza intrínseca da criação e da expressão. O esforço em criar, recuperar e ampliar tais estruturas físicas e virtuais não se limita a fornecer meros palcos e plataformas, mas busca construir ambientes que favoreçam a interação, a experimentação e a celebração da diversidade artística. Sejam espaços virtuais que conectam mentes criativas em uma rede global ou locais físicos que ecoam com a energia dos artistas, cada estrutura se torna um elo essencial no tecido cultural da instituição.

Em paralelo, a UERN incentiva a produção do conhecimento sobre o patrimônio e a memória artístico-cultural, uma rica tapeçaria que reflete a identidade e a história da comunidade acadêmica e do entorno. Essa iniciativa abrange o estudo aprofundado, a pesquisa minuciosa, a catalogação precisa e

o registro permanente desses elementos, com o intuito de preservar e valorizar a riqueza cultural que permeia a universidade. Incentivar o estudo, a pesquisa, a catalogação e o registro do patrimônio e da memória artístico-cultural não é apenas uma medida preservacionista, mas um investimento na compreensão da própria identidade cultural. Cada obra de arte, cada expressão, carrega consigo uma narrativa única que, ao ser estudada e preservada, enriquece o presente e lança uma ponte para as gerações futuras.

Ao alinhar suas aspirações com a preservação do patrimônio artístico-cultural e a expansão de suas estruturas, tece uma trama enriquecedora que estabelece uma conexão vital entre passado, presente e futuro. Essa visão ampla e abrangente fortalece a integridade da cultura acadêmica, reforçando o papel da UERN como guardião do patrimônio artístico-cultural e como um farol inspirador na construção de um legado cultural duradouro.

Em sua quarta diretriz “Ampliação de canais e redes de comunicação da cultura e das artes”, temos a discussão que segue.

No horizonte da Universidade, a arte e a cultura emergem como catalisadores poderosos da expressão e da identidade. Nesse contexto, a instituição se propõe a criar uma atmosfera rica e dinâmica, onde as manifestações artísticas e culturais prosperem, alcancem os mais diversos públicos. Esse compromisso é respaldado por ações concretas que abrangem três pilares fundamentais. Em primeiro lugar, a universidade busca incentivar a produção de programas nos veículos de comunicação institucionais voltados à arte e à cultura. Essa iniciativa visa transformar os canais de comunicação em plataformas vibrantes, onde a expressão artística seja difundida de maneira ampla e acessível. Programas televisivos, radiofônicos e online tornam-se veículos que amplificam a voz da cultura, proporcionando uma vitrine para artistas, eventos e iniciativas que moldam o cenário cultural da instituição.

Em paralelo, a universidade compromete-se a fortalecer a realização de eventos culturais em todos os seus *campi*. Esses eventos, concebidos como celebrações efervescentes, oferecem uma plataforma para artistas e grupos culturais, enriquecendo a vida acadêmica e fortalecendo os laços entre a instituição e a comunidade local. O palco é expandido para além dos muros da universidade, transformando cada campus em um epicentro pulsante de experiências culturais diversificadas.

Além disso, a universidade assume o papel de apoiar ativamente a divulgação e veiculação de atividades culturais e artísticas. Esse suporte amplifica o alcance das iniciativas, promove uma conexão mais ampla e profunda entre a comunidade acadêmica e a sociedade em geral. Mídias, redes sociais e outros canais de comunicação tornam-se aliados nessa missão de disseminar as riquezas da cultura e da arte produzidas na instituição. Dessa forma, a universidade traça um caminho que vai além do ensino e da pesquisa, abraçando a cultura e a arte como pilares fundamentais de sua identidade. Essas ações fomentam a expressão artística, consolidam a instituição como um centro dinâmico de criação, inovação e celebração cultural, irradiando influência positiva para além de seus limites físicos.

Em sua quinta e última diretriz “Implantação de redes de produção e difusão das artes e linguagens”, temos a discussão que segue.

No compromisso inabalável com a disseminação e democratização da riqueza artístico-cultural, a UERN traça um caminho inclusivo, onde a comunidade externa é não apenas convidada, mas assegurada no acesso a esse vasto universo criativo. Essa visão abrangente permeia uma série de iniciativas fundamentais. Primeiramente, empenha-se em garantir à comunidade externa a acessibilidade à sua produção artístico-cultural. Os eventos, exposições, espetáculos e demais expressões culturais tornam-se portas abertas, convidando a comunidade acadêmica e a todos os que desejam vivenciar e apreciar as manifestações artísticas que emanam da instituição. A arte, assim, transcende os limites físicos da universidade, estendendo seus braços para acolher um público diversificado. Em consonância com essa abordagem, a UERN procura estabelecer parcerias estratégicas para a criação e manutenção de bancos de dados. Esses repositórios não são apenas arquivos estáticos, mas sim fontes vivas que documentam e preservam a riqueza cultural produzida. Ao unir forças com parceiros externos, a universidade amplia a disseminação dessas informações, fortalecendo a construção de um legado cultural acessível e compartilhado.

Adicionalmente, a instituição direciona seus esforços para buscar meios e formas de incentivo à produção artístico-cultural. Essa busca incessante envolve a identificação de oportunidades de financiamento, parcerias estratégicas e programas de estímulo à criatividade. A ideia é produzir arte:

criar um ambiente propício para a inovação e o florescimento de expressões culturais diversas.

A UERN emerge não apenas como uma instituição de ensino e pesquisa, mas como um farol cultural que ilumina e enriquece sua comunidade e além por meio das ações culturais extensionistas. A garantia da acessibilidade, a construção de parcerias sólidas e o estímulo à produção artístico-cultural são pilares que solidificam a visão da UERN como um agente ativo na promoção da cultura, contribuindo para a formação de uma sociedade mais inclusiva, informada e culturalmente vibrante.

A Pró-Reitoria de Extensão, ao perceber o fluxo e naturalidade na realização de ações culturais no contexto da universidade, como já apresentado em parágrafos anteriores, cria a Diretoria de Educação, Cultura e Artes - DECA, com o objetivo de promover um trânsito permanente de atividades de cultura e arte que contribuam para o fortalecimento de seus compromissos institucionais, previstos em seus documentos normativos. O surgimento da DECA não só fortalece, mas vem como um coração pulsante de energia e vida para estimular a construção de ambientes vibrantes de ondas sinérgicas.

A DECA é “responsável por desenvolver e acompanhar todas as atividades culturais na UERN” (UERN, 2024), coordenando e realizando ações relacionadas à educação, cultura e artes. Suas principais funções incluem o planejamento, coordenação e apoio a ações de extensão que busquem contribuir para a qualidade da educação básica, promovendo a inclusão educacional de professores e alunos. A força sinérgica da DECA é propiciada por meio das ações culturais. Suas realizações compreendem eventos culturais, exposições artísticas, apresentações de teatro, dança, música, palestras e oficinas de formação e capacitação, compreendendo os públicos interno e externo.

Sua melodia diária é composta por notas cadenciais que ressoam na realização de eventos e ações relacionadas às artes, como teatro, música, dança, literatura e cinema. Suas vibrações pulsantes interagem com a comunidade acadêmica e externa, na promoção de acesso à arte e cultura, na permanente vibração, como um baixo contínuo, permeado por texturas e contrastes sociais e humanos. Suas contribuições perpassam o fazer e

produção artística. Como uma fonte de inspiração, a DECA possibilita a permanente criação de grupos culturais, produção de espetáculos, shows, exposições e outras atividades que podem ser elaboradas a partir de um movimento sinérgico na busca pela formação, produção e transformação do ambiente, das pessoas e dos contextos.

Como o vibrar de uma orquestra, a Diretoria de Educação, Cultura e Artes desfere suas sonoridades para a comunidade, interagindo harmonicamente nas mais diversas formas de acesso à cultura, compartilhamento de conhecimentos e recursos por meio de cursos, capacitação em extensão e produção cultural.

Seus arranjos transcendem os muros da universidade, compondo uma partitura com variações de compasso, de tonalidades e texturas, imprimindo sonoridades únicas que são contextualizadas em ambientes distintos e por pessoas que delineiam a construção de cada ação, de cada produção da DECA. Destacamos aqui, algumas das ações que são significativas para o desenvolvimento cultural da UERN, realizadas pela Diretoria. O Grupo de Teatro Universitário de Mossoró - GRUTUM, criado em 1989, o Grupo de Dança Universitário Mossoroense - GRUDUM, criado em 2003, o Festival de Teatro da UERN - FESTUERN, criado em 2003, a Pinacoteca José Gurgel, criada em 1994, o Programa de Extensão UERN Ação, criado em 2018, objeto deste estudo e o Grupo Cênico Além das mãos - GRUCAM, criado em 2022.

As ações desenvolvidas pela DECA, seja no âmbito da gestão administrativa, produção, formação ou performance cultural, ecoam como harmonias consonantes e vibrantes de uma grande orquestra. Elas urdem um tecido sonoro singular, ao mesmo tempo diversificado, resultante das intervenções humanas, tão subjetivas quanto edificadoras, convergindo para uma obra de arte coletiva, enriquecendo o ambiente com sua beleza intrínseca e efêmera.

2.3 - Os acordes para a educação no Programa de extensão UERN Ação

O Programa de Extensão UERN Ação surge no ano de 2018 em meio a uma paralisação de professores e técnicos da Universidade do Estado do Rio

Grande do Norte. O momento era de reivindicação pelo pagamento de salários em dia, uma vez que os atrasos estavam sendo constantes, fragilizando toda a dinâmica econômica da instituição bem como de todos os seus servidores.

Como apresentado no tópico anterior, a Diretoria de Educação, Cultura e Artes dispõe de vários grupos artísticos. Destaco aqui o GRUTUM e o GRUDUM, grupos de teatro e dança, respectivamente, possuindo, cada um deles, dois bolsistas. A paralisação ora realizada não se aplicava aos alunos que ali estavam desempenhando suas atividades. Vale ressaltar que todas as ações eram desenvolvidas no Campus Central da UERN, no entanto, com o movimento paredista, os alunos bolsistas estavam sem atividades relacionadas aos grupos. Alguns componentes voltaram para suas cidades, outros não conseguiam chegar até o campus, pois o transporte público deixou de realizar a rota no momento de greve. Surgiu-nos uma grande dúvida: o que fazer com esses quatro bolsistas? Foram muitos dias refletindo sobre o que ser feito. Não vislumbrava algo que pudesse mudar um contexto difícil de se lidar.

Depois de algum tempo, sete, oito ou até dez dias, depois dessa batalha interna para criar alguma ação, pensei: vamos desenvolver oficinas de teatro e dança para crianças e jovens. Como todas as salas da universidade estão livres, temos espaço suficiente para realizar a ação. Ao mesmo tempo em que achava uma solução para uma situação, encontrava outro problema: o transporte público que não chegaria até o campus da UERN.

Em minhas andanças pela cidade, vislumbrei um possível espaço, mas que não denotava, pelo menos em mim, nenhuma expressão de que pudesse dar certo, até porque minha intenção era de gerar um trânsito de pessoas dentro da Universidade. Crianças e jovens ocupando salas dentro de um contexto no qual seria, pelo menos, em tempo, distante para eles. Novos espaços, novas realidades, salas equipadas com equipamentos diferentes de seus cotidianos, etc. Essa era a ideia. Rascunhei uma proposta de ação e levei até os Pró-Reitores de Extensão, Emanuel Márcio e Fabiano Mendes, titular e adjunto, respectivamente.

Apresentei a proposta de formação artística em teatro e dança, carga horária, dias, horários, público alvo entre outros elementos que compunham a ação. No momento de dialogar sobre os espaços de realização das oficinas, apresentei como a primeira opção o campus da Universidade, justificando com

entusiasmo o que eu enxergava para aquele espaço e suas implicações, em seguida, sem força e sem expressão de interesse naquele segundo espaço, apresentei a sede do Projeto Esperança. Instituição que possui mais de 50 anos de atividades sociais vinculada à Paróquia de São José, mas que no momento estava com suas atividades bem reduzidas devido às dificuldades financeiras e com o voluntariado, mecanismo forte no contexto do terceiro setor. Os Pró-Reitores se entreolharam e disseram “a sua segunda opção deve ser a primeira opção”. Naquele momento percebi, como um flash, todas as leituras pedagógicas e políticas sobre a extensão universitária estariam concentradas naquele espaço. A realização não poderia ser em outro local, senão no Projeto Esperança.

O passo seguinte foi estabelecer um contato para agendar uma reunião com a direção da instituição para apresentar nossa intenção com as oficinas e se ela seria aceita pela equipe do projeto. Assim fizemos, e o encontro foi um sucesso. Definimos uma série de ações e em maio de 2018, lançamos o edital para as primeiras inscrições com vagas para Ballet infantil, Dança para terceira idade, Teatro para crianças, Iniciação ao teatro, Flauta doce e Violão para crianças. As aulas de flauta foram desenvolvidas pelo bolsista vinculado ao projeto de extensão Oficina de Flauta doce, ora coordenado por mim e vinculado à Escola de Música da D'alva Stella Nogueira Freire. Foram ofertadas quase 100 vagas em todas as oficinas realizadas nos turnos manhã e tarde. Pouco a pouco o projeto foi crescendo e ganhando espaço. Em menos de um ano de atividades, expandimos o projeto para outro Polo do Projeto Esperança, localizado em um bairro periférico, o Santa Helena. Lá, realizamos Ballet, Teatro, flauta doce e xadrez.

O Projeto começou a estabelecer um contato real e próximo com as comunidades assistidas e o interesse em pessoas para se voluntariar junto à ação e conseguimos atender mais pessoas e com mais oficinas. O projeto só cresceu. A sinergia concretizada nos resultados e no envolvimento de pais e alunos resultaram em lindos recitais de final de semestre e final de ano. Trabalho fruto de ações de bolsistas e voluntários que se integraram e se entregaram de corpo e alma para possibilitar um fazer artístico formativo e humanístico.

O ano de 2022 foi marcado pela ampliação das parcerias e o firmamento de acordos de cooperação com instituições sociais da cidade de Mossoró com vistas à realização das atividades do Programa de Extensão UERN Ação. A primeira parceria foi realizada com a Fundação Casa do Caminho, instituição localizada no Bairro Barrocas na transição da zona urbana para a rural da cidade, local com alto índice de violência e vulnerabilidade social. O espaço conta com muitas salas de aula, área comum, banheiros, refeitório dentre outros espaços que foram fundamentais para a implantação do UERN Ação junto à comunidade. A segunda instituição foi a Casa Assistencial Nosso Lar, localizada no outro extremo da cidade, no Bairro Aeroporto. A instituição dispõe de uma excelente estrutura física, compreendendo salas, cozinha, banheiros com acessibilidade e área comum.

O UERN Ação em sua gênese, para além das ações pensadas com atribuições destinadas aos bolsistas, possui caráter social fortemente impresso em todo o seu contexto. Ao longo de seus cinco anos de atividades, mais de 1000 pessoas entre crianças, jovens, adultos e idosos foram atendidos pelo Programa de extensão UERN Ação. O projeto que regulamenta a ação apresenta uma justificativa com essas características, vislumbrando, além do viés técnico da arte, a sensibilização humana.

Ressalta-se que, a formação com qualidade técnica na sociedade da informação e do conhecimento, exige o domínio de “conteúdos” prático-teóricos para além do desenvolvimento das habilidades específicas. É tomando a perspectiva da transversalidade e do potencial pedagógico, cultural e social que a arte representa a interação, formação de atitudes, valores e conhecimentos transdisciplinares, possibilitado pelo encontro de pessoas de diferentes classes, trajetórias sociais, repertórios culturais e formas de ser e viver em sociedade (Projeto Uern Ação, 2022).

A presença do caráter social indica o benefício coletivo, buscando impactar positivamente a sociedade como um todo. Isso pode se manifestar de diversas maneiras, como na promoção da inclusão social, na valorização da diversidade cultural, entre outros aspectos relevantes para o bem-estar da comunidade. Além disso, a menção à sensibilização humana sugere que o projeto não se limita a considerações puramente técnicas, mas procura envolver as emoções e a empatia das pessoas. Isso pode ser crucial para garantir a adesão e o apoio da sociedade ao projeto, já que as questões sociais muitas vezes têm uma dimensão emocional significativa. A arte, por exemplo,

desempenha um papel fundamental nesse processo, pois tem o poder de transmitir mensagens de forma impactante e envolvente, despertando a consciência e gerando empatia.

Além do mais, a busca por sensibilização humana pode indicar uma abordagem mais holística, reconhecendo que as soluções para desafios sociais muitas vezes exigem uma compreensão profunda das experiências e necessidades das pessoas envolvidas. Isso pode envolver a criação de espaços de diálogo, a escuta ativa das comunidades afetadas e a promoção de narrativas que destacam a importância das questões sociais abordadas.

Percebe-se, por meios das relações estabelecidas com intenção de promover a sociabilidade entre pessoas e seus reflexos nos modos de agir, pensar e se comunicar são eixos que orientam o desenvolvimento das práticas no UERN Ação. Seus objetivos coadunam com a costura textual apresentada no texto da justificativa, bem como os resultados das ações. Como definido em seu Projeto, seguem os objetivos/ações:

OBJETIVO GERAL - Estar presente na comunidade com iniciativas que favoreçam o contexto local e ofereçam oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional para crianças, jovens, adultos e terceira idade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS - Beneficiar o público com cursos de formação complementar em distintas áreas; realizar a interação de alunos de graduação na realização das oficinas; realizar oficinas na área de artes; realizar oficinas na área de esportes; realizar oficinas na área de artesanato; realizar oficinas na área de leitura e escrita; realizar oficinas na área de letramento digital (Projeto Uern Ação, 2022).

A oferta de oficinas em cada instituição parceira possui uma configuração diferente, tendo em vista a disponibilidade de bolsistas, voluntários, público-alvo, espaço para desenvolvimento das atividades entre outras situações que implicam na oferta de cada uma das modalidades. Contudo, mesmo havendo essa especificidade localizada, as demais características pedagógicas, são as mesmas para todas as atividades. Cada oficina possui a mesma configuração, sendo duas aulas por semana, com uma carga horária semestral de 30 horas; cada encontro possui duração de uma hora aula. As oficinas são coordenadas pelos professores e técnicos envolvidos no projeto e ministradas pelos alunos bolsistas ou voluntários e, também, por voluntários da comunidade externa.

A condução das oficinas demanda a aquisição de materiais e equipamentos essenciais para assegurar seu pleno funcionamento. Tais insumos são obtidos tanto pela própria universidade quanto pelos projetos parceiros. Cadernos, trajes para a prática de ballet, equipamentos para atividades funcionais, natação, instrumentos musicais como violão e flauta doce, bem como computadores, são adquiridos com o objetivo de viabilizar atividades cuidadosamente planejadas e executadas com eficácia.

Excetuando-se a atividade de natação, para a qual 14 alunos são conduzidos em um veículo da universidade para realizar suas práticas na piscina da instituição, as demais atividades são executadas em cada um dos projetos parceiros. Essa logística visa otimizar a participação dos alunos em suas respectivas atividades, proporcionando uma abordagem descentralizada que leva em consideração a diversidade de contextos e localizações dos polos. Essa abordagem descentralizada facilita o acesso dos participantes às atividades e promove a integração das ações em diferentes comunidades, enriquecendo a experiência educacional oferecida. A descentralização das práticas permite que cada polo adapte as atividades de acordo com as necessidades e características locais, promovendo, assim, uma abordagem mais inclusiva e culturalmente sensível. Dessa forma, a distribuição estratégica das atividades nos polos amplia o alcance do programa, criando um ambiente propício para o desenvolvimento integral dos participantes em diferentes contextos, enriquecendo a proposta pedagógica com a diversidade e particularidades de cada comunidade atendida.

Após essa breve descrição sobre as principais características e abordagens do UERN Ação, estabelecemos uma relação importante no fio condutor entre a universidade, seus agentes, os espaços de atuação do projeto, as atividades formativas e suas particularidades técnicas e sociais bem como as impressões causadas em cada um dos participantes, seja no ato de facilitar os conteúdos, seja no ato de apreender os conceitos e aplicá-los na prática, na vida.

A seguir, abordarei de forma sumária e não generalizada, a partir de um olhar vivenciado e escuta ativa, as características sociais das pessoas envolvidas no projeto, buscando apresentar sua posição no contexto social, suas relações em diferentes grupos e suas interações pessoais.

O Projeto, em sua maioria, é composto por crianças e adolescentes com idades entre 7 e 16 anos, sendo a maioria oriundos de famílias humildes e residentes no próprio bairro onde os projetos estão localizados. A formação escolar se dá em escolas públicas, local onde estabelecem outra parte de sua formação e constroem seus contatos sociais num ambiente de interação e construção a partir da identificação com seus pares. Para além das atividades escolares, existe o contato com os projetos, em seus respectivos bairros e com o ambiente familiar, espaço onde a maior parte da construção social é construída. Boa parte dos pais ou responsáveis são pessoas que trabalham por conta própria ou no comércio local, o que nos sugere uma renda salarial por volta de um salário mínimo ou um pouco mais, não mais que dois. No Projeto Esperança, pelo fato da instituição ser vinculada à Igreja, as crianças e jovens frequentam também o ambiente religioso, participando ativamente das atividades eclesiais aos domingos e, também, do coral da igreja entre outras ações desenvolvidas pela paróquia.

Por meio dos ouvidos atentos e olhares minuciosos, percebo que os ambientes frequentados pelos alunos dos Projetos são caracterizados pela condição do bairro. Os alunos pertencentes ao UERN Ação/Fundação Casa do Caminho e Casa Assistencial Nosso Lar, são mais carentes e os espaços frequentados são limitados ao bairro em que residem. Poucas atividades de lazer e descontração são possíveis para eles. A praça do bairro, a escola e a sede do projeto, possivelmente sejam os únicos vivenciados. Quando dos recitais de final de semestre para a mostra de atividades, os alunos e familiares são transportados no ônibus da UERN para o Teatro Lauro Monte Filho ou Dix-huit Rosado.

Em relação aos alunos do UERN Ação/Projeto Esperança, a localização do bairro, vizinho ao Centro da cidade e próximo de vários espaços públicos culturais, favorece a participação e visitação de espaços como os Teatros, Estação das Artes, e o próprio Corredor Cultural da cidade de Mossoró. Percebemos ainda que a maioria dos pais ou responsáveis por esses alunos chegam de transporte, sua maioria em motos, diferente da Fundação Casa do Caminho e da Casa Assistencial Nosso Lar, onde, normalmente, chegam de bicicleta.

Outros aspectos importantes para caracterizar sociologicamente os participantes e ambientes vivenciados são permitidos identificar por meio das falas espontâneas em sala de aula ou pelos corredores, imprimindo uma realidade vivenciada por cada um deles, mas, entendemos não generalizada a todos os participantes. Os espaços sociais frequentados são direcionados à participação na escola, nos projetos, igreja e alguma atividade extra que seja realizada por algum desses lugares, o que acaba por delimitar as atividades sociais e sua participação. Esse processo reflete diretamente na construção de uma identidade cultural restrita, pouco explorada e notadamente fragilizada. Para além do contexto social de interações e construção identitária, destacamos ainda a formação política, possivelmente pouco participativa no contexto da comunidade local por meio dos centros comunitários ou outras atividades que possibilitem a relação entre sujeitos ativos socialmente.

Os olhos atentos permitem enxergar o cotidiano de pessoas que não estão próximas a você, e isso nos possibilita, sem generalizações, e de forma muito sensível, imprimir um modo de vida expresso por meio das narrativas, das ações e do agir, em grupo e individualmente. Normalmente, a relação estabelecida nos momentos de socialização entre as crianças e jovens é estabelecida com simples ações agressivas e palavras grosseiras; as músicas ouvidas pelo rádio ou pelo celular, para quem o tem, são trazidas para o ambiente dos projetos e refletem nas suas práticas sociais. Músicas que induzem a discriminação e vulgarização da mulher, o machismo, a diversidade, palavras de baixo calão entre outros aspectos políticos e sociais, com reações e adaptações contrárias às normas sociais legais e comportamentos que destoam ao bem-estar coletivo social.

Com sensibilidade, experiência localizada e sem generalizações, as identidades e posições aqui descritas são complexas e são influenciadas por uma variedade de fatores, familiares, educacionais, sociais e políticas, com nuances variadas. Entendo que essa caracterização é aberta à compreensão desses fatores e das experiências nas quais todos eles estão inseridos. As identidades e posições sociais são variadas.

2.4 - A Orquestra de violões e os ouvidos atentos

O espaço da Orquestra de violões é um ambiente extremamente complexo do ponto de vista das relações estabelecidas. Trago a complexidade não no sentido mais popular da palavra, mas como uma referência de mundos pessoais distintos com suas coerências e incoerências e suas relações interdependentes e geram, a partir de suas vivências, um grande interligamento de saberes e práticas sinérgicas. Essa complexidade é construída de forma autônoma, a partir dos desejos e das expectativas geradas em um espaço plural, cultural, social e afetivo. Possivelmente essas sejam as máximas atuantes na complexa rede de conexões da Orquestra de violões do Programa de Extensão UERN Ação/Projeto Esperança.

Por entender que o presente trabalho tem como *corpus* de estudo um ambiente social e musical, atendendo ainda aos objetivos propostos, intenciono, aqui, a descrição qualitativa dos diversos ambientes sociais construídos a partir das relações estabelecidas dentro e fora da sala de aula, porém, conectados pelo universo da Orquestra de violões, bem como, as práticas musicais, também formadas em contextos diversos, e tencionam a percepção de novos caminhos por meio da música, da sociabilidade, da formação, da auto formação.

A partir da observação atenta e sensível dos ensaios, encontros, apresentações entre outras atividades, iniciarei a caracterização do universo da Orquestra de violões, caminho por onde todos passeiam, espaço onde as dissonâncias sonoras são transformadas em doces cadências harmoniosas, brilhantes e de impacto sonoro vibrante.

Assim como um motivo melódico, proporcionando a construção de trechos, frases e melodias, a sensibilidade, motivo principal de minhas observações, permeou todo o contexto de vivências, por entender que cada individualidade, construída a partir de outros contextos, como já descrito anteriormente, se unem para a construção de uma nova realidade, uma unidade coletiva, atendendo a outros desejos e outras questões a serem vistas mais adiante.

Participam, atualmente, da Orquestra de violões crianças e adolescentes. Como já apresentado, as configurações sociais dos alunos do Projeto Esperança são distintas das outras realidades dos outros projetos. São crianças e jovens que estão localizadas geograficamente mais próximos do centro urbano e dos grandes movimentos culturais da cidade, favorecendo suas experiências em diversos contextos.

A participação ativa e efetiva dos alunos da Orquestra estende-se para além dos ensaios e apresentações, refletindo diretamente nas estruturas familiares. A colaboração entre a família e a Orquestra é um fator essencial para o sucesso contínuo das atividades musicais. A presença constante dos pais durante a jornada musical de seus filhos demonstra um comprometimento notável e uma compreensão profunda da importância da música na vida deles.

O envolvimento ativo dos pais nas atividades da Orquestra cria um ambiente de apoio emocional e social que enriquece a experiência musical dos participantes. A presença constante dos pais valida o trabalho desenvolvido pela Orquestra e reforça a noção de que a música é uma atividade que merece ser nutrida e valorizada.

É notável como a responsabilidade e visibilidade associadas ao desempenho dos membros da Orquestra se traduzem em um comprometimento palpável por parte das famílias. O envolvimento dos pais vai além de simplesmente comparecer às apresentações; muitos participam ativamente, dedicando tempo para acompanhar as aulas, participar de ensaios e contribuir nos bastidores para garantir o sucesso de cada evento.

Essa colaboração estreita entre família e Orquestra fortalece os laços comunitários dentro do grupo, o que cria um ambiente enriquecedor para o desenvolvimento musical e pessoal dos participantes. A música, nesse contexto, torna-se não apenas uma atividade individual, mas uma experiência compartilhada que une gerações e fortalece o senso de comunidade.

Ao destacar a participação ativa dos pais, ressaltamos não apenas o apoio logístico que eles oferecem, mas também, o papel fundamental que desempenham na criação de um ambiente propício para o crescimento artístico e pessoal dos membros da Orquestra. A colaboração harmoniosa entre família e música, nesse caso, demonstra como a arte pode se tornar uma força

unificadora que transcende as fronteiras do palco e se estende para o núcleo das relações familiares.

A orquestra existe desde o ano de 2018 e realizou mais de 70 apresentações na cidade de Mossoró como também em cidades vizinhas. O Trabalho musical é desenvolvido com a seguinte estrutura: a orquestra é dividida em dois grupos; um executa a linha melódica das canções e o outro executa a base harmônica. Essa divisão é realizada para desenvolver um movimento sonoro mais “cheio”, uma vez que o violão possui baixo volume sonoro, possibilitando apresentações em pequenos ambientes sem o uso de equipamentos de sonorização. Os alunos que possuem mais familiaridade com as melodias, são instruídos pela maestrina, os demais, seguem no acompanhamento harmônico. Cada uma dessas modalidades possui características e dificuldades específicas, não havendo julgamento de valor sobre “tocar mais” realizando determinada função. Mesmo havendo certo desequilíbrio na dificuldade em cada uma das modalidades, a maestrina não insere esse ponto como algo de valor, ou de inferiorização. Todos participam da orquestra e desempenham papéis diferentes.

A orquestra se destaca como um ambiente musical, um laboratório dinâmico onde se desenvolve, talvez de maneira intuitiva, uma metodologia singular para a condução de grupos. Esta abordagem única facilita o ensino de música, promovendo uma experiência holística, interativa e enriquecedora para todos os participantes.

Fotografia 03 - Ensaio fotográfico realizado na Praça do Rotary, em Mossoró, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal da maestrina, 2022.

A utilização de uma nomenclatura não tradicional representa um dos aspectos inovadores da metodologia. Essa abordagem proporciona uma

linguagem acessível e inclusiva, eliminando possíveis barreiras que poderiam surgir com terminologia técnica complexa tradicional da música, a partitura. A simplicidade na comunicação musical contribui para a compreensão e participação ativa de todos, independentemente do nível de habilidade musical.

A interação musical entre os participantes é outro pilar essencial dessa metodologia. A orquestra não é apenas um espaço para a execução individual; é um terreno fértil para a colaboração musical, onde cada membro contribui para a criação coletiva de uma sonoridade única. Essa dinâmica promove a construção musical em grupo, incentivando a escuta ativa, a resposta aos colegas músicos e o desenvolvimento de habilidades colaborativas.

A relação amigável entre a maestrina e os alunos desempenha um papel crucial na atmosfera positiva da orquestra. A abordagem calorosa, respeitosa e encorajadora da maestrina estabelece um ambiente propício para o aprendizado e a expressão criativa. Essa conexão pessoal vai além da simples instrução musical, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e artístico dos participantes.

Além dos momentos frequentes de apresentação, a orquestra vai além do palco, proporcionando atividades extras que fortalecem os laços sociais entre os membros. Festas, encontros e eventos fora do ambiente musical são oportunidades valiosas para a construção de relacionamentos, promovendo uma comunidade coesa e vibrante. Esses momentos extramusicais, embora distintos, são, de fato, proporcionados e unidos pela música, reforçando a ideia de que a arte transcende as fronteiras do palco.

A metodologia desenvolvida na orquestra transcende o ensino musical convencional, abraçando uma abordagem abrangente que valoriza a inclusão, a colaboração e a construção de uma comunidade musical unida. Este ambiente único não só nutre o crescimento musical dos participantes, como também, cria uma experiência enriquecedora que vai além das notas e acordes, moldando vidas por meio da magia da música.

O processo de adesão à Orquestra de violões é descomplicado, seguindo uma abordagem acessível. A cada semestre, turmas de violão são ofertadas, proporcionando oportunidades para que os alunos expressem seu interesse musical. Quando a maestrina identifica um aluno com um nível musical adequado para participação no grupo, ela o convida e a seus pais,

promovendo uma comunicação aberta e colaborativa. Esse convite não se limita à participação do aluno, inclui uma explicação sobre o processo de envolvimento na Orquestra. A maestrina dedica tempo para esclarecer todos os aspectos práticos, desde os ensaios regulares até as apresentações, além de detalhes como o uso de uniforme durante as performances.

A Orquestra de violões tornou-se um objetivo almejado por muitos alunos, refletindo o interesse em aprimorar habilidades musicais e o desejo de integrar-se a uma comunidade musical engajada. A busca pela excelência musical é impulsionada pela motivação dos alunos, que veem na Orquestra um espaço para aprendizado, um ambiente enriquecedor para o crescimento artístico e pessoal. A intenção subjacente de estudar e aprimorar as habilidades musicais ressoa como um objetivo compartilhado dentro do grupo. A Orquestra serve como um catalisador para o desenvolvimento musical individual, proporcionando um espaço colaborativo onde os participantes podem aprender uns com os outros, sob a orientação da maestrina.

Os eventos mais populares da cidade, como Chuva de Bala no País de Mossoró, Auto da Liberdade, Festa de Santa Luzia e Mossoró Luz, contaram com a participação da Orquestra de Violões em diversos anos. Sua trajetória tem sido permeada por muitos desafios, mas as conquistas têm sido muito presentes em seu contexto. Sua representatividade no âmbito cultural, por consequência de suas atividades, gera bastante entusiasmo entre os ouvintes.

Fotografia 04 – Apresentação no palco do Espetáculo Auto da Liberdade, na Estação das Artes, em Mossoró, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal da maestrina, 2022.

Fotografia 05 – Apresentação no Adro da Capela de São Vicente - Espetáculo Chuva de Bala no País de Mossoró, em Mossoró, 2023.



Fonte: Arquivo pessoal da maestrina, 2023.

Ao integrar-se ao corpo da Orquestra, os alunos aprimoram suas habilidades técnicas e cultivam valores como trabalho em equipe, disciplina e comprometimento. Esses aspectos enriquecem a experiência musical, o que prepara os alunos para enfrentarem desafios e colaborarem de maneira eficaz em outros aspectos de suas vidas. Freire (2022) atribui sentido ao auto reconhecimento como prática libertadora para a vida, não somente pela ação em si, mas quando o sentido lhes permite libertar-se. A educação provocada por esse caminho gera consciência, sem ideologizar, com foco na responsabilidade social.

Os momentos de aulas são destinados para o aprendizado de músicas, digitação no braço do violão, entre os outros aspectos técnicos que contribuem para o desenvolvimento musical dos alunos e execução do repertório da Orquestra. Em alguns momentos as aulas são conduzidas com todos os alunos em sala de aula, em outros, de forma dividida, sendo, a maestrina, auxiliada pelos alunos mais experientes. Esse momento é dedicado ao estudo detalhado das melodias e das “levadas” rítmicas. Normalmente, após esse estudo individualizado por grupos, no final da aula os alunos retornam para a sala e executam o que foi estudado. Já os ensaios são destinados exclusivamente para a execução do repertório bem como ajuste de algum detalhe que necessita de ajuste. Nesse momento, são realizadas as orientações de entrada, saída, agradecimentos à plateia e outros aspectos que sejam importantes para aquele momento.

Os momentos de apresentação na Orquestra são verdadeiramente os pontos altos que todos aguardam com entusiasmo e expectativa. Esses eventos não são apenas ocasiões especiais para os alunos, maestrina, pais e familiares, mas também, representam uma expressão vibrante do comprometimento e paixão que permeiam a Orquestra.

A dinâmica ativa de apresentações é um dos aspectos da Orquestra, com uma frequência notável de pelo menos uma apresentação por semana. Esses eventos variam desde grandes espetáculos em eventos emblemáticos da cidade até apresentações mais íntimas em salas de aula, criando uma rica tapeçaria de experiências musicais. A presença constante de todos os envolvidos é digna de nota, revelando um compromisso inabalável e um forte senso de comunidade que transcende a escala do evento.

O desejo e a vontade dos membros da Orquestra em participar desses momentos de destaque são evidentes e contagiantes. Essa atitude reflete a dedicação ao aprimoramento musical e a valorização do impacto emocional e social dessas apresentações. A participação ativa em eventos musicais, independentemente do tamanho ou local, ressalta o amor compartilhado pela música e a busca coletiva pela excelência artística.

Fotografia 06 – Gravação do Clipe “Velha infância” no Teatro Lauro Monte Filho, em Mossoró, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Fotografia 07 – Gravação em estúdio da música “Velha infância” para criação do clipe, em Mossoró, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Durante as falas antes ou após as apresentações, a maestrina adota uma prática especial de reconhecimento individual, valorizando pessoalmente cada membro. Ao apresentar nominalmente os presentes, ela destaca a contribuição única de cada integrante para o desenvolvimento contínuo da Orquestra. Esse gesto demonstra reconhecimento, fortalece o senso de pertencimento e importância de cada membro dentro do grupo.

O repertório de 20 músicas evidencia a diversidade e a versatilidade da Orquestra. Essa ampla seleção oferece uma experiência musical rica para o público, assim como desafia, constantemente, os membros, incentivando o crescimento artístico individual e coletivo. As apresentações da Orquestra vão muito além de simples eventos musicais; são celebrações coletivas da paixão pela música, expressões individuais e um testemunho tangível do espírito colaborativo que define a Orquestra. Cada performance é uma oportunidade de exibir habilidades musicais, mas também de compartilhar a alegria, o esforço e a dedicação que permeiam esse grupo musical inspirador.

Além das apresentações regulares, outros momentos que se destacam como significativos para toda a Orquestra e seus familiares são os eventos extraclasse, especialmente os encontros festivos realizados ao final de cada ano. Essas celebrações fortalecem os laços entre os membros da Orquestra e criam uma atmosfera de alegria que transcende as atividades musicais. A tradição desses eventos extraclasse tem sido uma constante, com exceção do momento de pandemia do Covid-19, tornando-se uma parte essencial do calendário anual da Orquestra. A casa da maestrina serve como palco para essas reuniões festivas, proporcionando um ambiente acolhedor e intimista para que todos se confraternizem, compartilhando suas paixões musicais em momentos descontraídos e alegres.

A organização desses eventos é um esforço coletivo, coordenado de maneira eficiente através do grupo de WhatsApp da Orquestra. Detalhes como a definição do dia da confraternização, o cardápio com pratos principais, entradas, bebidas, sobremesas e outros preparativos são cuidadosamente discutidos e planejados pelos membros da Orquestra e seus pais. Esse processo colaborativo torna o evento mais inclusivo, refletindo o espírito de cooperação e união que caracteriza a Orquestra.

Fotografia 08 – Confraternização natalina na residência da professora da Orquestra de violões, 2018.



Fonte: Arquivo pessoal da maestrina, 2018.

A maestrina desempenha um papel central na preparação desses momentos especiais, dedicando-se com esmero para assegurar que cada detalhe esteja alinhado com a atmosfera festiva desejada. Além disso, a

participação ativa dos pais dos alunos na organização demonstra o envolvimento e comprometimento coletivo em criar experiências memoráveis para todos os membros da Orquestra.

Esses encontros extraclasse não apenas proporcionam uma pausa bem-vinda nas atividades musicais, mas também fortalecem os laços pessoais e emocionais entre os membros. Eles representam uma oportunidade única para celebrar as conquistas coletivas, compartilhar histórias e estreitar os laços de amizade que vão além do ambiente musical. Os momentos festivos extraclasse complementam a jornada musical da Orquestra, enriquecem a experiência afetiva dos participantes, testemunhando o espírito comunitário e a dedicação mútua que transformam a Orquestra em uma família unida através da paixão pela música e pelo calor humano que caracteriza cada encontro.

A jornada da Orquestra de violões não é apenas uma caminhada musical, mas uma viagem repleta de momentos significativos, laços profundos e crescimento coletivo. Desde as apresentações, que representam a expressão artística do grupo, até os encontros festivos, onde as conexões pessoais se fortalecem, a Orquestra transcende as fronteiras da música para se tornar uma comunidade vibrante e unida; é uma expressão coletiva de paixão, dedicação e colaboração.

O reconhecimento pessoal reforça o senso de pertencimento de cada membro, demonstrando que a música é mais do que notas e acordes, sublinha o comprometimento em criar uma comunidade que vai além do palco. Esses momentos celebram as realizações musicais e alimentam as amizades que se formam entre os membros, transformando a Orquestra em uma família musical. A Orquestra não é apenas um grupo musical, mas uma comunidade unida por sua paixão compartilhada pela música, contribuindo para uma narrativa única de crescimento, aprendizado e conexões duradouras.

A Orquestra de violões não é apenas um espaço para aprimorar habilidades musicais; é um terreno fértil onde a música se transforma em laços emocionais, experiências inesquecíveis e uma jornada coletiva rumo à excelência. A magia desses momentos vai além das partituras, ressoando na harmonia construída por cada membro e na sinfonia de amizade que define a essência dessa Orquestra.

TOCANDO AS MELODIAS DA VIDA: O RITMO E AS CADÊNCIAS DA ORQUESTRA DE VIOLÕES NO COMPASSO DA INCLUSÃO

Todo mundo ama um dia
Todo mundo chora
Um dia a gente chega
E no outro vai embora
Cada um de nós compõe a sua história
E cada ser em si carrega o dom de ser capaz
De ser feliz

Trecho da canção Tocando em frente de Almir Sater e Renato Teixeira - 1990

Num universo metodológico de autodescoberta, as narrativas pessoais desdobram-se em um emaranhado de sutilezas e encantos, convidando à reflexão sobre trajetórias de vida. Cada relato é como uma jornada pelo labirinto da alma, pontuado por reflexões delicadas e detalhes singelos, onde a luz da consciência ilumina as sombras do passado. Os participantes, em meio a esse cenário vibrante, são instigados a contemplar suas vivências com um olhar sereno e analítico, entrelaçando as teias do tempo e do espaço para compreenderem a tessitura única de suas existências. Nesse mergulho no oceano das memórias, descobrem-se navegadores hábeis, guiados pelas estrelas de suas próprias histórias, rumo à compreensão mais profunda de si mesmos.

Além das palavras escritas, essa jornada pode ser enriquecida pela cadência da (auto) biografia, uma melodia etérea que ecoa os murmúrios da alma humana. Os artistas, como alquimistas do espírito, transformam suas dores e alegrias em notas de uma sinfonia universal, convidando o espectador a se perder nas melodias do passado, a contemplar as paletas de cores do presente e a sonhar com os matizes do porvir.

Numa sinfonia de lembranças e identidades entrelaçadas, as histórias individuais se transformam em fios de um tecido social, onde cada experiência singular ecoa como um sussurro na vastidão do universo compartilhado. A construção da identidade pessoal é um ato de criação contínua, uma dança mágica entre a narrativa individual e as nuances da cultura e da sociedade que

nos envolvem. Por meio de palavras suaves como pétalas de rosa e pinceladas harmoniosas como acordes de uma canção, os jovens violonistas nos convidam a desvendar os mistérios de nossa própria existência, a reconectar-nos com nossas raízes e a vislumbrar os horizontes infinitos do amanhã.

Compreender como o contexto da Orquestra de violões imprime em cada participante as suas vibrações e como esse processo se retroalimenta, pois, entendemos que as notas que compõem essa melodia são vibradas por cada aluno, por cada história, por cada experiência, caracteriza um importante e significativo recorte da história dessas pessoas como também do ambiente que envolve todo esse tecido musical, histórico e social. As vozes implicadas em sentimentos diversos, mergulhados nas nuances da costura do fazer artístico, ecoam alegria, aprendizados, práticas e experiências formativas para seres inconclusos, para vibrações inacabadas. Essas vibrações são narradas pelos jovens e pela maestrina, com afeto, inseguranças, medos, certezas, incertezas, sobretudo, com a mais e profunda verdade, a da experiência.

Os contextos vivenciados pelas diversas práticas oportunizadas pela atuação da Orquestra de violão são simbólicas. As aulas, os ensaios, as apresentações e as viagens fazem parte de um cotidiano para todos os alunos e maestrina. Essas ações imprimem unidade ao grupo e geram, a partir de cada membro, de cada vibração individualizada, momentos únicos e representativos.

Por meio das narrativas, estabeleceremos conexões entre as experiências de cada um dos participantes do estudo, suas práticas, autoavaliação, formação e autoformação, focando no processo narrativo crítico e reflexivo, a partir dos teóricos que subsidiarão as narrativas, Josso (2010), Halbwachs (1990) e Freire (2022, 2022b), neste momento da pesquisa, estabelecem, pautados na Metodologia (Auto)biográfica, as trajetórias formativas e as experiências formadoras para o desenvolvimento pessoal e profissional dos envolvidos na Orquestra de violões, buscando identificar nas narrativas (Auto)Biográficas como as melodias e acordes para a educação por meio do ensino de música no compasso da inclusão contribuem para as trajetórias formativas e desenvolvimento pessoal e profissional.

3.1 As ondas sonoras da maestrina no compasso da inclusão

Nas doces melodias de uma cadência permeada pelas ondas sonoras mais vibrantes e de uma vida reverberada pelas experiências musicais mais sensíveis, nos debruçamos ao desvelar dos sons já ecoados, rememorados com afeto, sensibilidade, saudade, sobretudo, como força para o ecoar de novos sons, novas melodias, novas cadências. Revisitar os momentos mais íntimos nos conduzem para tempos de reconstituição de partituras compostas pela imposição da vida e das circunstâncias do tempo. As notas da harmoniosa vida de Haissa Hussemânia de França Gomes são aqui representadas por sua narrativa sensível e cheia de momentos que ecoam como a construção de uma série harmônica na construção do som, da sua vida, na sua representação enquanto musicista, mulher e professora de violão.

As vibrações que narram as experiências de vida da professora de violão tecem uma cadência de dedicação e implicação ao ambiente musical. É possível ouvir em sua fala, notas harmoniosas e desejosas de partilha, de notas soltas ao vento, espalhadas aos ouvidos atentos de seus alunos, seu vínculo mais sólido para a tessitura de toda sonoridade que é eternizada pela sua experiência.

Os motivos melódicos evidenciados a partir de suas memórias e lembranças, conectadas, sobretudo, em sua forte conexão com a música, imprimem a harmoniosa força e vitalidade que dão movimento e ecoar às suas narrativas, vibrações essenciais para a composição de sua trajetória de vida. Josso (2010) aponta que narrativa biográfica,

“[...] permite, com efeito, trabalhar com um material narrativo constituído por recordações consideradas pelos narradores como “experiências” significativas das suas aprendizagens, da sua evolução nos itinerários socioculturais e das representações que construíram de si mesmos e do seu ambiente humano e natural” (Josso, 2010, p. 47).

O tecer de todo o estudo já apresentado se coloca num quadro na qual a abordagem da história de vida assume o papel principal de compreensão das experiências e fenômenos narrados pelas pessoas, por meio de suas memórias. Nossa atenção se volta para a reflexão dos conhecimentos que produzem sentido para os narradores e que sua narrativa os leve à reflexão e

autoformação. Para Josso (2010) “os processos de formação dão-se a conhecer, do ponto de vista do aprendente, em interações com outras subjetividades”. A abordagem autobiográfica imprime no sujeito a centralidade de toda a ação do trabalho com as narrativas. A pessoa é protagonista de sua própria formação, de sua própria vida. As narrativas são caminhos para valorização das dimensões pessoais, históricas, afetivas e de sentimentos.

Em constante diálogo com Josso (2010), Freire (2022, 2022b) e Halbwachs (1990), assumo, aqui, a intenção de discorrer sobre as narrativas da professora que conduz os trabalhos musicais da Orquestra, observando sua trajetória e experiências de vida e suas implicações no processo de construção de sua formação, abrigando os diversos momentos de contextos formativos, locais de estudo, práticas musicais, experiências sociais dentre outros aspectos que tencionam a compreensão de suas práticas. Apresento suas conexões e relações com a sua formação e suas condutas, descrevendo os caminhos que são percorridos na intenção de justificar os resultados de suas ações sócio musicais e suas influências no processo inclusivo dos alunos participantes.

Os processos de formação e práticas da maestrina se firmam a partir dos estudos de Freire (2022, 2022b) e suas características pedagógicas vislumbradas quando dos processos de formação e auto formação, pondo em prática o conceito de que ensinar não trata-se apenas da transferência de conteúdos mas, o estabelecimento de relações entre a ação do ensinar e do aprender, envolvendo de forma ativa os atores desse processo bem como a compreensão de que ensino, aprendo ensinando, me formo e me reformo, me auto formo. Com vistas a contribuir com as discussões acerca da formação, Josso (2010) apresenta nesse aspecto da biografia educativa que o material narrado e construído por meio da memória e das práticas, sejam experiências que traduzam os efeitos de sua formação e de suas práticas no espaço de atuação, compreendendo seus resultados, nuances e desdobramentos.

A composição desse tópico se dá a partir das experiências da Maestrina Haissa Hussemâmia de França Gomes, narrativas vibrantes de saberes adquiridos ao longo da vida em meio às experiências musicais em bandas, grupos musicais e outros contextos que contribuíram para a construção da partitura de sua vida, composição inacabada. Suas notas de vida nos mostram

como podemos aprender longe dos grandes centros do conhecimento musical e, como pólen ao vento, seu conhecimento floresce em outros locais.

Os encontros de diálogo foram realizados na residência de Haissa Hussemânia, em Mossoró/RN, momentos onde o desvelar de sua memória trouxe, em forma de narrativa, toda a construção de sua trajetória de vida enquanto pessoa, mulher e professora de música. As vibrações vocais soaram como melodias que transcenderam as linhas da pauta, memórias transformadas em cadências harmônicas e histórias de vida que narraram a composição da única partitura, a sua trajetória de vida.

Haissa Hussemânia nasceu na cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, em 01 de junho de 1988. Tendo como pai Josemar Gomes Machado e a mãe, Maria José de França Gomes. Foi a terceira filha de um grupo de seis filhos. No contexto de identificação da maestrina, os detalhes de suas experiências são importantes para o entendimento sobre o desenvolvimento atual de suas práticas.

Haissa Hussemânia: Eu comecei com a música desde os meus 14, 15 anos. Comecei fazendo música de barzinho, voz e violão, depois eu participei de várias bandas de Natal, de bandas de forró, bandas de axé. Entrei na escola de música do Instituto FAL, em Natal, fiz um ano mais ou menos de canto nesse instituto, depois eu vim para Mossoró e estudei no Conservatório de Música, em 2011, quando eu entrei na escola, participei também do Movimento Cultural Ecoarte, na Praça do Memorial da Resistência, e hoje sou formada em música.

Você lembra a quantidade de grupos ou bandas que você participou, nessa idade de 15, 16, 17 anos?

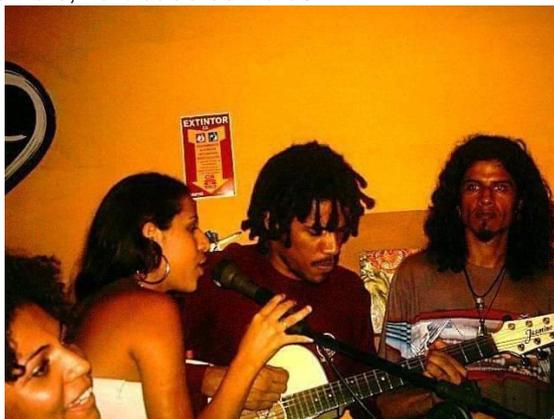
Deixa eu contar. Uma média, acredito que ainda umas cinco ou seis bandas.

Esse processo desse trabalho que você realizou, ele era somente em Natal ou vocês tinham apresentações em outros espaços, outros locais, outras cidades e estados?

Sim, eu participei de bandas que fizeram várias apresentações no Rio Grande do Norte, em várias cidades (Entrevista com Haissa Hussemânia realizada em 29 de fevereiro de 2024).

A narrativa de Haissa Hussemânia, Maestrina da Orquestra de violões, é uma jornada musical que ecoa as vibrações de envolvimento com a música. Desde seus anos de adolescência, ela mergulhou no mundo da música, começando com apresentações em barzinhos e posteriormente integrando várias bandas em Natal, uma exploração contínua de sua identidade e paixão artística.

Fotografia 09 – Momento de “canja” com a Banda Natiruts, na cidade de Natal/RN.



Fonte: Arquivo pessoal da maestrina, 2007.

Ao seguir seu percurso musical, Haissa Hussemânia se envolveu em diferentes grupos e estilos musicais, expandiu suas fronteiras geográficas, participando de apresentações em várias cidades do Rio Grande do Norte. Essa experiência reflete a prática da liberdade proposta por Paulo Freire (2022, 2022b), onde a educação não se limita às quatro paredes da sala de aula, mas se estende aos espaços sociais e culturais onde os indivíduos podem se expressar e aprender de forma autêntica. “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo” (Freire, 2022, p. 24).

A participação de Haissa Hussemânia no Movimento Cultural Ecoarte, na Praça do Memorial da Resistência, destaca sua conexão com sua comunidade e seu compromisso com a disseminação da arte e da cultura local. Essa participação ativa reflete a ideia de memória social de Maurice Halbwachs (1990), onde as experiências compartilhadas em espaços coletivos moldam a identidade e a memória de um indivíduo. Haissa Hussemânia cria música e, também, contribui para a construção de uma memória coletiva que permeia sua comunidade.

Fotografia 10 – Momento de apresentação musical com o Movimento Cultural Ecoarte, no Teatro Dix-huit Rosado, em Mossoró/RN.



Fonte: Arquivo pessoal da maestrina, 2013.

Dessa forma, a jornada de Haissa Hussemânia é uma síntese dos princípios da educação como prática da liberdade, autodescoberta através da música e conexão comunitária. Sua história ressalta como os elementos autobiográficos, sua autonomia, a memória social e a expressão artística, se entrelaçando para moldar a trajetória de vida de um indivíduo, criando um legado de inspiração e transformação. As experiências de vida da jovem maestrina me perseguem na busca pelos primeiros desejos em se entrelaçar com os harmoniosos nos musicais.

Haissa Hussemânia: A primeira imagem que eu tenho com a música, quando eu tinha 7 anos de idade, o meu irmão mais velho, John, ele colocou uma música da banda Natiruts, tocando, e esse meu irmão já tocava violão, então ele colocava o ouvido ali ao lado da caixa de som e ficava “pegando” [termo utilizado para aprender uma música apenas ouvindo] a música. E aí, quando eu comecei a ver ele fazendo esse tipo de ação, eu comecei a me interessar por música, então foi aí que eu aprendi um pouco a tocar violão junto com ele e conheci a música através disso (Entrevista com Haissa Hussemânia realizada em 29 de fevereiro de 2024).

Haissa Hussemânia: Minha relação com a música, eu percebo que ela vem crescendo a cada momento. No começo eu sempre quis cantar, cantei várias bandas e depois que eu estudei no Conservatório, eu acabei me envolvendo mais com a prática do violão e vivenciando mais a prática com violão.

Você fala no contexto do seu irmão que tocava em casa, mas o que a motivou a tocar violão, já que você iniciou uma prática cantando nas bandas, ou você tocava violão também nas bandas?

Não, nas bandas eu só cantava, fazia back vocal e era a voz principal em algumas bandas. Quando eu cheguei em Mossoró,

eu conheci o Movimento Cultural Ecoarte, que é um movimento que tinha aulas de violão gratuita na Praça do Memorial da Resistência. Então lá eu aprendi a tocar, aprendi uma melodia, uma tablatura que eles ensinavam e a partir daí eu passei oito anos nesse movimento, foi aí que eu comecei com essa vivência mais direcionada para o violão.

E como foi que você conheceu o Movimento cultural Ecoarte?

Eu conheci através de um amigo no trabalho, Alberto, ele trabalhava no posto [posto de combustível] e a gente viu uma reportagem no jornal falando sobre as vagas que iam ser ofertadas e aí eu e ele nós fomos até a praça e aí conhecemos o projeto, fizemos a matrícula e fomos estudando lá (Entrevista com Haissa Hussemânia realizada em 29 de fevereiro de 2024).

As memórias de Haissa Hussemânia evocam um panorama vívido de sua jornada musical e pessoal, onde a música desempenha um papel central desde sua infância. Sua primeira lembrança relacionada à música remonta aos seus sete anos de idade, quando foi inspirada pelo exemplo de seu irmão mais velho, que tocava violão e introduziu-a ao universo sonoro das canções da banda Natiruts. Essa experiência inicial despertou seu interesse pela música, marcando o início de sua própria jornada musical.

A trajetória de Haissa Hussemânia é caracterizada por uma evolução contínua em sua relação com a música. Inicialmente, ela aspirava a ser vocalista, participando ativamente de bandas onde contribuía com sua voz. No entanto, seu envolvimento com o violão foi crescendo gradativamente, especialmente após sua mudança para Mossoró e sua descoberta do Movimento Cultural Ecoarte. Esse movimento ofereceu a ela a oportunidade de mergulhar profundamente no mundo do violão, por meio das aulas gratuitas em uma comunidade de aprendizado e prática musicais.

A conexão de Haissa Hussemânia com o Movimento Cultural Ecoarte não apenas aprofundou sua habilidade no violão, mas também, abriu caminho para uma nova fase de sua jornada musical. Por meio desse movimento, ela adquiriu habilidades técnicas e encontrou uma comunidade de apoio e inspiração, onde compartilhou suas experiências e cresceu como aprendiz. Esse contexto reflete a importância da memória social, conforme delineada por Maurice Halbwachs (1990), onde as experiências compartilhadas em espaços coletivos moldam a identidade e a trajetória de vida de um indivíduo.

Assim, as memórias de Haissa Hussemânia revelam sua própria jornada musical, além da interseção entre a experiência pessoal, a prática artística e o contexto social. Sua história ilustra como a música pode servir como um fio condutor que une passado e presente, conectando indivíduos através das memórias compartilhadas e da expressão artística. A jovem aprendiz, sedenta por aprendizados e práticas diferentes, com entusiasmo, desenvolveu diversas ações no contexto do Movimento Cultural Ecoarte.

Haissa Hussemânia: Eu comecei como aluna. Eu entrei no movimento dois dias antes dele estar fazendo aniversário de três anos. Então, eu já cheguei e o projeto já estava se movimentando para um aniversário, para uma apresentação especial. Então, isso me motivou muito em ver aquelas pessoas se organizando para para aquele aniversário.

E quais outros momentos você passou? Você disse que esteve como aluna. Você desenvolveu outras atividades no grupo?

Sim, eu comecei como aluna e depois eu comecei atuando como produtora, organizando apresentações, viagens, organizando o fardamento, o repertório, toda a logística do grupo. E também atuei como professora de violão infantil.

Fale um pouco mais sobre essa sua prática, como professora de violão infantil, quando você começou, qual era o perfil dos alunos, como era esse trabalho de forma geral?

Lá eles tinham aulas com crianças, uma turma de criança e também tinha uma turma com adultos. Eu ainda me sentia com muita vergonha em dar aula para os adultos. Então, ao lado do professor, eu dava aula para as crianças junto com ele.

Quanto tempo você passou me ensinando essas aulas com as crianças? Você se lembra?

Não, mas foi pouco tempo.

Pouco tempo quanto?

Acredito que talvez um semestre ou algumas aulas (Entrevista com Haissa Hussemânia realizada em 29 de fevereiro de 2024).

A narrativa de Haissa Hussemânia ecoa uma jornada musical e de autodescoberta e crescimento pessoal, permeada pela influência da memória coletiva e da prática educativa. Sua história começa como a de uma aluna, imersa em um movimento cultural. Esse ambiente vibrante e organizado despertou sua motivação e inspirou seu envolvimento mais profundo no projeto.

À medida que sua jornada progredia, Haissa Hussemânia participava como aluna, mas também, se tornava uma força ativa nos bastidores. Sua transição para o papel de professora de violão para crianças refletiu sua

dedicação ao projeto e sua disposição para assumir novos desafios e responsabilidades. Ainda que, inicialmente, enfrentasse a timidez, ela encontrou seu lugar ao lado do professor, colaborando no ensino das crianças.

Fotografia 11 – Momento de aula com as crianças no Movimento Cultural Ecoarte, Mossoró/RN.



Fonte: Arquivo pessoal da maestrina, 2014

A experiência como professora de violão infantil ressoa com os princípios da pedagogia da autonomia de Paulo Freire (2022), onde o aprendizado é uma via de mão dupla, marcada pela colaboração e pelo diálogo entre educador e educando.

Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o *formador* é o *sujeito* em relação a quem me considero o *objeto*, que é ele o *sujeito* que *me forma* e eu, o *objeto* por *ele* formado, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos – conteúdos – acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos (Freire, 2022, p. 24-25).

Sua disposição para enfrentar a timidez e seu compromisso em contribuir para o desenvolvimento musical das crianças refletem seu amor pela música e sua crença no poder transformador da educação.

Assim, a trajetória de Haissa Hussemânia transcende a mera prática musical, revelando-se como uma jornada de autodescoberta, aprendizado e serviço à comunidade. Sua história ilustra como a memória coletiva, a educação e a prática musical se entrelaçam para moldar a identidade e a trajetória de vida de um indivíduo. Saltamos para compreender como as primeiras notas para a composição da Orquestra de violões teve seu início.

Haissa Hussemânia: Em 2018, Ligia Guerra, que faz parte da Igreja de São José, eles têm lá um projeto chamado Projeto Esperança, que é um projeto do Padre Guido, que desenvolve

algumas ações voluntárias. E eles estavam precisando de um professor para atuar lá como voluntário. E aí foi então que eu me ofereci para participar desse projeto, sendo professora de violão infantil.

E como foi esse processo? Você iniciou o trabalho, houve inscrição, houve adesão dos alunos para participarem? Conta como foi um pouco disso.

Sim, sim, eles fizeram inscrições, foram abertas, eu acho que 30 inscrições para novos alunos e foi bem... a procura foi bastante e deu tudo certo.

Você tem ideia de quantas pessoas, quantas crianças e jovens já passaram desde o início da orquestra de violões até hoje? Acredito que entre 200 a 300 crianças. Alguns continuam até hoje, o processo é rotativo (Entrevista com Haissa Hussemânia realizada em 29 de fevereiro de 2024).

A jornada de Haissa Hussemânia na Orquestra de violões revela uma narrativa de comprometimento com a comunidade e um profundo desejo de compartilhar seu amor pela música com os outros, alinhando-se com os princípios de educação de Paulo Freire (2022, 2022b) e a importância da memória coletiva de Maurice Halbwachs (1990). Ao se voluntariar para atuar como professora de violão infantil no Projeto Esperança, ela demonstra um engajamento ativo em oferecer oportunidades de aprendizado musical para crianças e jovens desfavorecidos.

Fotografia 12 – Primeiras aulas com os alunos da turma de violão, no Projeto Esperança.



Fonte: Arquivo pessoal da maestrina, 2018

Fotografia 13 – Primeiro ensaio com os alunos da Orquestra de violões, no Projeto Esperança.



Fonte: Arquivo pessoal da maestrina, 2018.

Fotografia 14 – Primeira apresentação da Orquestra de violões numa creche, na cidade de Mossoró/RN.



Fonte: Arquivo pessoal da maestrina, 2018.

O processo de inscrição e adesão dos alunos ao projeto evidencia a demanda significativa por oportunidades educacionais e culturais, ressaltando a importância de iniciativas comunitárias como essa. A resposta positiva à abertura das inscrições reflete a valorização da música como uma ferramenta para o desenvolvimento pessoal e social, conforme defendido por Paulo Freire (2022, 2022b) em sua pedagogia centrada na autonomia e na libertação.

O número estimado de 200 crianças que passaram pelo projeto desde seu início até hoje ressalta o impacto duradouro que a Orquestra de violões teve na vida de muitos jovens ao longo dos anos. Essa constatação evoca a ideia de memória coletiva de Halbwachs (1990), onde as experiências compartilhadas e as histórias compartilhadas dentro da comunidade contribuem para moldar identidades individuais e coletivas.

Assim, a trajetória de Haissa Hussemânia na Orquestra de violões ilustra seu compromisso com a educação e a música, destaca também o poder transformador das iniciativas comunitárias e o valor da memória compartilhada na construção de identidades e comunidades fortes. Sua história é um testemunho vivo do potencial da educação e da música para promover mudanças positivas e inspirar futuras gerações. Seu desejo é permanente, sua força é vital.

Haissa Hussemânia: O que eu mais gostei é que quando a gente vai fazer esse trabalho voluntário para as crianças, a gente acha que a gente vai só ensinar violão, mas na verdade a gente pode transformar eles em pequenos artistas e mostrar outras possibilidades. Possibilidades, mostrar outros lugares. Então, a partir do momento que a gente monta a orquestra e a

gente começa a se apresentar para algumas pessoas em alguns lugares, a gente está levando essa oportunidade dessa criança de conhecer novas coisas, novos caminhos, como teve uma apresentação que a gente fez com uma governadora e ele disser assim, o que é a governadora? Quem é a governadora? Então, ali eles se apresentaram para uma pessoa importante e gostaram e tiraram fotos e foi um momento bem bacana. Então, a gente acaba não só ensinando violão, mas também, mostrando outros caminhos, outras coisas. É quando você fala em outros caminhos, outras coisas, que não é tão somente ensino musical, que é outro trabalho que você desenvolve.

Você fala que não é só música que você trabalha, então ensinar, por exemplo, o convívio entre eles, as habilidades sociais, o convívio social, existe essa relação dentro do grupo?

Sim, tem muitas crianças que entram muito tímidas e ali já é um encontro, eles conhecem outros alunos, eles participam de outras ações. Fora do grupo, eles são amigos, fora da orquestra, eles marcam encontros, então isso possibilita essa interação entre eles.

Há quanto tempo você já desenvolve esse trabalho?

São seis anos de trabalho. E todo esse tempo tem sido trabalho voluntário. Desde 2018 até este momento eu sou professora voluntária.

Você lembra exatamente o mês que você iniciou esse trabalho?

Dia 28 de fevereiro de 2018, no projeto Esperança.

Haissa, o que é que você faz na orquestra de violões? Quais são as suas atribuições? Quais as suas atividades dentro do trabalho com a orquestra?

Então, eu ensino violão, eu marco apresentações, organizo o fardamento, organizo o repertório, marco encontros com eles fora o nosso, fora o nosso, a nossa aula. A gente marca encontros de piquenique, de lazer.

Como você se sente fazendo esse trabalho na orquestra e com a orquestra de violões?

Eu me sinto muito feliz e muito realizada, porque a partir do momento que eu comecei com a orquestra de violões, eu me tornei a pessoa que hoje eu sou. Uma referência no ensino coletivo de violão aqui para crianças em Mossoró e me apresentou várias oportunidades. Então hoje eu me sinto muito feliz, muito gratificante por realizar e aprender muito com esse trabalho.

Quando você fala em aprender, acho que é importante a gente identificar o que é que você aprende enquanto pessoa, enquanto maestrina, enquanto musicista, o que é que você aprende realizando essas atividades com a orquestra? Porque a gente vê que são vários aspectos, não é?

Olha, a gente aprende que cada criança ali é uma situação diferente, então a abordagem tem que ser diferente pra cada criança. Eu aprendo como pessoa a ter um olhar um pouco mais próximo e de repente me comportar de outra forma, né? de ter mais atenção de ver que aquela pessoa precisa de um carinho, de atenção, a gente aprende muita coisa, né? A gente

aprende com as crianças também outras coisas tá? (Entrevista com Haissa Hussemânia realizada em 29 de fevereiro de 2024).

A jornada de Haissa Hussemânia na Orquestra de Violões é um testemunho vivo da riqueza e da profundidade do trabalho voluntário na comunidade, refletindo os princípios de educação, autonomia e aprendizado contínuo de Paulo Freire (2022) e a abordagem autobiográfica de Marie Christine Josso (2010), que valoriza as experiências individuais na construção da identidade. Ao compartilhar sua experiência, Haissa Hussemânia destaca como o ensino de música transcende a mera instrução técnica, transformando-se em uma jornada de descoberta e crescimento pessoal tanto para ela quanto para seus alunos.

A ênfase na importância de mostrar "outros caminhos" além da música ressoa com a visão de Paulo Freire (2022b) sobre a educação como prática de liberdade, onde os educadores têm o papel de abrir portas para novas oportunidades e horizontes para seus alunos. Ao levar a Orquestra de Violões para apresentações em diferentes locais e eventos, a maestrina não apenas ensina música, mas também, proporciona experiências enriquecedoras que ampliam os horizontes das crianças, incentivando a curiosidade e a busca pelo conhecimento.

Além disso, destaca o impacto social e emocional do trabalho na orquestra, evidenciando como a prática musical pode promover habilidades sociais, autoconfiança e amizades duradouras entre os alunos. Sua abordagem sensível e empática com cada criança reflete a compreensão de Maurice Halbwachs (1990) sobre a importância da memória coletiva e da interação social na formação da identidade individual.

A jornada de Haissa Hussemânia na Orquestra de Violões é um exemplo inspirador de como o ensino de música pode transcender os limites da sala de aula, tornando-se uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento pessoal, social e emocional. Seu compromisso, paixão e dedicação demonstram o verdadeiro potencial do voluntariado para criar mudanças positivas na vida das pessoas e na comunidade como um todo.

Haissa Hussemânia: tenho uma relação de amiga, como professora, como mãe. Eu tento ser a mais próxima possível deles, sou bem amiga dos meus alunos. A gente passeia, a

gente anda juntos, é isso. Por que você sente essa necessidade de estar mais próximo de seus alunos?

Eu acho que nós como professores, a gente não pode colocar uma barreira de “Eu sou professor” e ali é o aluno. Eu acho que não pode ter essa barreira né? Então, assim, como professores precisamos ser amigos dos outros alunos. Eu acredito que um dos pontos que fazem eu ter um bom resultado. Eu acho que eu faço parte da família desse aluno (Entrevista com Haissa Hussemânia realizada em 29 de fevereiro de 2024).

A relação de Haissa Hussemânia com seus alunos transcende os limites tradicionais de uma dinâmica professor-aluno, refletindo os princípios de proximidade e vínculo interpessoais defendidos por Paulo Freire (2022, 2022b). Ao descrever sua conexão com os alunos como uma relação de amizade, Haissa Hussemânia destaca a importância de derrubar as barreiras hierárquicas entre professor e aluno, criando um ambiente de confiança e amizade.

Fotografia 15 – Momento de interação com alunas da Orquestra, no Projeto Viva Rio Branco, da Prefeitura de Mossoró.



Fonte: Arquivo pessoal da maestrina, 2020.

Haissa Hussemânia enfatiza que ser amiga dos alunos é essencial para alcançar bons resultados pedagógicos. Essa abordagem ecoa a importância da humanização nas relações educacionais, onde o respeito mútuo e a empatia são fundamentais para o processo de aprendizagem. Ao se colocar no papel de amiga, professora e até mesmo mãe, a maestrina demonstra um compromisso integral com o bem-estar e o desenvolvimento de seus alunos, abraçando seu papel como educadora, como uma figura de apoio e orientação em suas vidas.

Essa postura de proximidade e cuidado contribui para criar um ambiente de aprendizagem acolhedor e inclusivo, onde os alunos se sentem valorizados e encorajados a se expressar livremente. Ao se tornar parte da família de cada aluno, Haissa Hussemânia constrói laços afetivos que fortalecem sua conexão com a comunidade e enriquecem o processo educacional como um todo.

Portanto, essa prática reflete não apenas um método de ensino, mas sim uma filosofia de vida baseada na valorização do indivíduo, na construção de relações autênticas e na busca pela educação como um instrumento de transformação social e pessoal. Ao adotar uma postura de amizade e proximidade com seus alunos, demonstra seu compromisso com a excelência musical, sua dedicação em cultivar um ambiente de aprendizagem que promova o crescimento integral de cada aluno.

3.2 As melodias e nuances dos violonistas da Orquestra de violões

As vibrações ecoadas por cada violão imerso no contexto da Orquestra de violões representam a sensibilidade e a prática vivenciadas em cada corda dedilhada, em cada conhecimento apreendido, em cada experiência sentida. Os sons de vida cadenciados em meio ao conjunto de harmonias consonantes e dissonantes permitem a construção de outras sonoridades percebidas, ouvidas, sentidas e retransformadas, dando sentido ao novo vibrar, sensível e vívido.

Os violões imersos nas mais fortes sonoridades ecoam, em suas individualidades, maneiras de ver, perceber e interagir com o outro, sem perder a vibração central de viver os momentos mágicos oportunizados pela zelosa e harmoniosa experiência musical e social da Orquestra de violões. São vibrações tímidas, às vezes de pouca intensidade, às vezes mais soantes, com vigor. São variadas as formas de vibrar, mas todas elas possuem significados. Todas elas possuem movimento. Maria da Conceição Passegi (2022) em uma entrevista¹³ concedido ao GIRO - Ciclo de Conversas Internacionais em Torno das Narrativas nas Pesquisas e na Formação discute as narrativas, mesmo

¹³ Entrevista concedida em 18 de março de 2022. Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=GZqiZdOMm-A>

que de pouca fluência, normalmente narradas por crianças e jovens, elas possuem significado, pois é inserido no processo de fala um personagem, um desenvolvimento temporal e uma sequência de acontecimentos, o que permite o entendimento de uma narrativa.

Neste tópico discorreremos sobre as narrativas dos alunos que possuem participação ativa no contexto da Orquestra de violões, registrando momentos musicais e sociais oportunizados pelas práticas e experiências ocorridas no ambiente do grupo bem como os processos auto formativos, descritos a partir das narrativas, descrevendo as relações estabelecidas a partir dos olhares dos alunos para a compreensão das influências ocorridas por meio das ações da maestrina e as implicações desse processo na auto formação dos integrantes da Orquestra de violões do UERN Ação.

Os saberes narrados por cada participante deste estudo tecem notas de experiências que serão dialogados com os conceitos de Josso (2010) sobre o conhecimento de si, como pensamos e fazemos nossas práticas, quais conceitos atribuímos às coisas e a nós mesmos no sentido de valorar os ambientes em que estamos inseridos.

No dia 27 de fevereiro de 2024, no Campus da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN em Mossoró, espaço onde os alunos da Orquestra de violões já conhecem bem, realizei nossa sessão de conversa. Por se tratar de um ambiente comum para o grupo, não houve estranhamento ou qualquer tipo de sentimento que os fizessem tímidos. O cenário foi uma sala de aula da Escola de Música da UERN, espaço cheio de instrumentos musicais, tapetes emborrachados coloridos ao chão. Local descontraído e confortável para que as lembranças e narrativas viessem na forma mais vibrante. Iniciamos nossa conversa com a aluna Ana Beatriz Azevedo da Silva de 15 anos; em seguida conversamos com Pablo Kauan Pinto França de 16 anos e por fim; Maria Eduarda Bezerra de Carvalho de 16 anos.

Os diálogos livres foram realizados em momentos individualizados. Para a condução de nossas interpretações aqui apresentadas, por se tratar de um assunto percorrido pelos três alunos integrantes da orquestra e que se assemelham em muitos momentos, refletiremos conjuntamente as narrativas por temáticas apresentadas. Quando inicio nossa conversa e pergunto como eles iniciaram o contato com a música e as respostas são as seguintes:

Ana Beatriz: Através de meu pai, porque antes ele tinha uma banda, daí ele disse assim, Beatriz, você tem interesse em aprender a tocar violão? Eu disse, pai, eu vou para uma aula experimental e se eu gostar, eu vou lá e fico, você faz minha inscrição? Foi dito e feito, eu gostei e até hoje vai fazer uns sete, oito anos que eu tô tocando violão (Entrevista com Ana Beatriz Azevedo realizada em 27 de março de 2024).

Pablo Kauan: Por meu irmão. Ele sabia tocar violão, aí eu achava muito bonito. Aí eu fiquei com vontade em tocar violão, e aí surgiu a oportunidade do projeto.

Mas foi ele quem indicou o projeto?

Não, foi minha mãe.

E como foi isso?

Ela viu que estava aberta as inscrições e perguntou se eu queria. Aí eu disse, quero. Aí eu fui.

Você começou com o seu violão ou com o violão do seu irmão? Com o violão do meu irmão, que na verdade é da minha mãe.

Ela tocava?

Não. Sim, só era dela

(Entrevista com Pablo Kauan realizada em 27 de março de 2024).

Maria Eduarda: Eu sempre gostei de ouvir música, mas especialmente eu entrei no coral da igreja, aí lá eu soube das questões... gostei... assim, participar da música. Aí eu soube que tava tendo inscrições pro violão, aí eu me inscrevi e tô até hoje.

Mas você saiu do coral?

Não, continuo no coral aos fins de semana, que eu esqueci de falar. Todo sábado e domingo eu canto na igreja e agora tô também cantando o salmo sozinha, que é um solo.

E como foi sua experiência cantando o Salmos?

A primeira apresentação cantando Salmos eu me tremia um pouquinho, mas a questão do nervosismo eu já estou bem melhor, o violão me ajudou muito nisso. A apresentação tinha muitas pessoas e aí quando chegou lá estava mais tranquila, mesmo sendo algo diferente que é cantar sozinha ainda mais, mas estava um nervosismo normal.

Como você entrou no coral?

Eu soube porque eu fazia o catecismo na igreja pra fazer a primeira comunhão, essas coisas. Aí foi meio que um método que a igreja encontrou pra não afastar as crianças da igreja de certa forma, porque o coral serve pra cantar na missa aos domingos. Aí eu entrei, eu me identifiquei e entrei no grupo, inclusive Kauan entrou também comigo, e aí a gente começou o coral junto, depois o violão. (Entrevista com Maria Eduarda realizada em 27 de março de 2024).

As narrativas dos três jovens violonistas trazem elementos importantes que implicam na construção de suas primeiras experiências musicais. O valor dado aos espaços e momentos que foram fundamentais para o contato com a música é percebido não somente pela fala dos jovens, mas, a partir de suas expressões faciais e corporais. Os olhos brilham. O momento dos ensaios da banda do pai de Ana Beatriz e a iniciativa da aula experimental são fatos marcantes na trajetória de Ana Beatriz. Ver o irmão tocar violão e ser incentivado pela mãe ao estudo do instrumento marcou a vida de Pablo Kauan, quando decidiu estudar música no Projeto (Esperança). Ouvir música e participar do coral da igreja foram os momentos que Maria Eduarda encontrou para fazer o que gostava.

Vemos, a partir das narrativas, três experiências e contextos diferentes que foram envolvidos pelas belezas do som e pelo encantamento do vibrar das cordas dos violões e pelas doces melodias do canto. A infância desses três jovens foi um cenário perfeito para o encadeamento das primeiras batidas de mão sobre as cordas do violão, ressoando o início de uma jornada musical, mesmo sem a pretensa ideia de ser músicos. A família foi pulso marcante na construção do palco aberto para os primeiros ensaios de uma trajetória musical inspiradora quando afirmam que os pais e familiares contribuíram para o desenvolvimento pelo gosto musical.

Em suas breves falas consegui sentir o desejo no compartilhamento de cada experiência. Os primeiros contatos com o violão foram momentos de vitória. A sede pelo instrumento soava como uma ave de rapina mergulhando para conseguir seu alimento em alto mar. Desejosos pelas vibrações das cordas e o ressoar da grande caixa de madeira, seus momentos juntos eram incontáveis. Josso (2010) discute sobre as experiências a partir do entendimento crítico e suas implicações na autoformação e a evocação identitária.

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é "vivido" na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também o modo de dizermos que, nesse *continuum* temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência e delas extrairemos as informações úteis às nossas transações o

nosso próprio e/ou com o nosso ambiente humano natural (Josso, 2010, p. 47-48).

Experiências infantis, as novas descobertas sonoras delinearam os traços das doces melodias, revelando-se como um novo mundo sonoro. Suas narrativas afirmam e corroboram com as experiências formadoras debatidas por Josso (2010) quando dizem para si e para o outro como se constituem, como se formam. Em constante diálogo com os jovens violonistas, Pablo Kauan, Maria Eduarda e Ana Beatriz narram seus enlaces com a música e a forma como eles percebem e interagem, além de suas aspirações e desenvolvimento de atividades cotidianas envoltas de música.

Ana Beatriz: Aí, eu fiquei, assim, desacreditada, porque antes minha vida era só estudar, estudar e dormir. Aí hoje em dia é estudar e ensaiar a música (Entrevista com Ana Beatriz Azevedo realizada em 27 de março de 2024).

Pablo Kauan: Ah, é um fator bem importante, porque eu gosto muito, sempre estou escutando música, sempre estou tocando, sempre estou querendo aprender mais sobre a música, tenho vontade de tocar os instrumentos também, como teclado, e é uma coisa que eu gosto muito mesmo (Entrevista com Pablo Kauan realizada em 27 de março de 2024).

Maria Eduarda: Eu uso música assim, até no cotidiano, até para estudar, eu estou estudando com música assim, sabe? Sempre ouvi, normalmente MPB para estudar, mas no dia a dia não falta música não. Eu sou bem eclética, todos os estilos normalmente, mas MPB, normalmente. Geralmente MPB se dá a todos os momentos (Entrevista com Maria Eduarda realizada em 27 de março de 2024).

As experiências vividas em seus ambientes particulares evocam sentimentos, aromas e sensações que somente serão compreendidos por quem, de fato, os sente. Tornar real e vibrante o momento de estudar o violão, como sugere Ana Beatriz nos traz uma representação significativa, pois sua afirmação é clara, quando diz “minha vida era só estudar, estudar e dormir”. O contato com o violão sugeriu outras possibilidades e caminhos, deu nova vida. Mergulhar no mundo da música tornou-se um desejo contínuo de Pablo Kauan. Conhecer mais sobre música, ouvir música e ter a necessidade de aprender outros instrumentos o faz um ser desejoso pelo ofício artístico. Seu caminhar ainda é curto, apenas 16 anos, mas suas vontades perpassam o tempo e saltam para outra realidade. Maria Eduarda, com brilho nos olhos, nos diz

sobre o gosto em permanentemente ouvir música. Todas suas atividades estão acompanhadas das notas vibrantes dos diferentes gêneros musicais.

As experiências vivenciadas por cada um dos jovens violonistas imprimem um desejo diferente de enlace com a música, as formas como eles interagem e evidenciam os diferentes tons em suas individualidades e complexidades são percebidas e significadas por eles. “Eu estou estudando com música”, Maria Eduarda nos leva para um ambiente duplo, no qual a leitura de um livro, ou o entendimento de um cálculo matemático é guiado pelas ondas sonoras da música popular brasileira. Esses processos dão significados a cada uma das experiências vividas, percebidas e significadas. Josso (2010, p. 48) nos diz que “[...] vivemos uma infinidade de transações, de vivências; essas vivências atingem o status de experiências a partir do momento que fazemos certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido”.

As experiências formadoras passam a ser significadas quando existe harmonização entre a atividade, a afetividade sensível e concepção. Ação que evoca a partir de um desejo e num juízo. Dá-se real importância a esse conjunto de fatores tendo em vista o maior ou menor valor de aproximação com o objeto experiencial, tornando um ponto significativo para a aprendizagem pela experiência (Josso, 2010).

Como um baixo contínuo, permaneço em diálogo com os três jovens violonistas, desejoso por compreender mais sobre suas práticas e suas formas de interação com o ambiente musical e com a música. Percebo, a partir das gravações em vídeo, que as suas falas, muito embora curtas, são sensíveis e vibrantes como as cordas de seus violões ao mesmo tempo que são fortes como o pressionar de cada dedo em seu extenso braço de madeira. Existe verdade em cada experiência, em cada lembrança. Nosso encadeamento harmônico segue firme, agora, buscando compreender a vibração inicial que possibilitou a escrita deste estudo bem como as mudanças de vida de cada um dos jovens: o contato com a Orquestra de violões.

Ana Beatriz: Porque como o pai era músico, ele já tinha um pouco de contato com a UERN. Aí ele viu que abriu a inscrição, perguntou a mim se eu queria, e eu disse que queria.

E o que o seu pai fazia na UERN? Ele tinha aula de músicas?

Eu nem sei dizer, porque como é algo bem antigo mesmo, eu nem sei (Entrevista com Ana Beatriz Azevedo realizada em 27 de março de 2024).

Pablo Kauan: Foi por meio de Haissa. Ela chamou pra participar da orquestra. Antes eu fazia violão com outro professor, aí Haissa foi pro projeto, e aí teve as aulas com ela, e depois ela me apresentou a orquestra, me chamou pra entrar, e aí eu aceitei o convite e fui (Entrevista com Pablo Kauan realizada em 27 de março de 2024).

Maria Eduarda: A orquestra, é que eu estou bem no início, né? Eu acho que no surgimento da orquestra, eu já fazia que eu comecei aula de violão, não com Haissa. Era com outro professor que era todo junto, adulto e criança. Depois chegou Haissa no projeto, no projeto Esperança, aí quando começou a orquestra, que ela teve a ideia já, aí eu já fui uma das primeiras alunas, desde a primeira aula, da formação da orquestra (Entrevista com Maria Eduarda realizada em 27 de março de 2024).

Harmonizado aos sons da orquestra e aos primeiros sentimentos percebidos quando o vibrar do momento tocou cada corpo, me debruço na inquietude em saber sobre as emoções sentidas por cada um deles. O brilho pujante nos olhos e o rosto apertado pelo sorriso ecoam o desejo por aquele momento, por aquele espaço.

Ana Beatriz: A professora, primeiramente. Ela é um amor de pessoa, eu amo ela. E os colegas que eu fiz. E o ensinamento também.

O que mais você gosta na orquestra de violões?

As apresentações, as oportunidades que nós temos de mostrar nossa orquestra para o mundo (Entrevista com Ana Beatriz Azevedo realizada em 27 de março de 2024).

Pablo Kauan: As apresentações. Apesar que eu tinha muita vergonha, mas aí depois fui perdendo essa vergonha (Entrevista com Pablo Kauan realizada em 27 de março de 2024).

Maria Eduarda: O que eu mais gostei, a questão dos aprendizados, que eu falo muito, do nervosismo, que me ajudou muito em todas as áreas da minha vida, até na escola, quando eu vou, sei lá, apresentar trabalho, alguma coisa do tipo. Eu sou mais tranquila, eu já fui uma pessoa mais, sabe, nervosismo, mas hoje eu sou bem mais tranquila (Entrevista com Maria Eduarda realizada em 27 de março de 2024).

A base familiar, neste contexto, é compreendida como a abertura das janelas para o nascer do dia junto aos primeiros raios de sol, iluminando os

caminhos e as frechas da porta. O incentivo ao estudo conjugado ao ofício do instrumento permitiu que esses jovens, em tempo, crianças, fossem guiados para um caminho inesperado e cheio de emoções. O convite da professora - com poucos registros de memória nas narrativas sobre o momento - provocou outro acontecimento, percebido por mim, a partir dos tons ecoados de suas cordas vocais: a alegria em receber um chamado para fazer parte de uma orquestra de violões.

“Mostrar nossa orquestra para o mundo” - fala de Ana Beatriz - representa um desejo enorme em compartilhar aquele momento, o grupo, os amigos, a professora e o resultado do trabalho. Ela deixa ecoar em sua voz, seus olhos, seu rosto e seus gestos [ao abrir os braços e levantá-los para cima] o quanto tudo aquilo lhe é caro. É movimento, é vida. Ecoa, vibra.

As experiências permitidas por esse contexto saltam para a questão sugerida por Josso (2010) quando da construção da experiência. Ela aborda três modalidades que dão suporte aos momentos acontecidos, seja pelo convite, desejos ou por incentivo familiar.

a) "Ter Experiências" é viver situações e acontecimentos, durante a vida, que se tornaram significativos, mas sem tê-los provocados; b) "fazer experiências" são as vivências de situações e acontecimentos que nós próprios provocamos, isto é, somos nós mesmos que criamos, de propósito, as situações para fazer experiências; c) "pensar sobre as experiências", tanto aquelas que tivemos sem procurá-las (modalidade a) criamos (modalidade b) (Josso, 2010, p. 51).

O contexto vivenciado por cada um dos violonistas abre a porta para a entrada nas diversas maneiras sobre a compreensão das experiências significadas a partir dos momentos postos em questão. O incentivo familiar e o convite da professora possibilitaram o “ter experiências”; A intenção de permanecer na orquestra, assistindo aulas, realizando apresentações e ensaios, encadeia o “fazer experiências”, resultando no processo, fruto deste estudo em “pensar sobre as experiências”. Esse processo de percepção de experiências corrobora com a autora quando ela define essas interações e transações numa “aprendizagem refletida e a organização da significação existencial de um conjunto de experiências, organizadas numa história” (Josso, 2010, p. 51).

Percebi, observando atentamente os movimentos da Orquestra de violões, um contexto onde não é somente a professora que atua na condução das aulas, ensaios e apresentações. O ambiente se constrói como um laboratório musical de ensinamentos, aprendizagens, experiências, socialização e, sobretudo, de interação musical. O vibrar das cordas no ambiente da Orquestra de violões perpassa seu simples movimento de oscilação física, resulta no ecoar de novos aprendizes e novos multiplicadores. É assim que se compõe a harmonia do conhecimento. Os alunos mais experientes contribuem no processo de musicalização da Orquestra, para o qual, são instruídos pela maestrina. Quando busco compreender o contexto de participação e as formas de atuação de cada um deles, me vem à mente, primeiramente, o tempo em que eles estão imersos naquele ambiente para compartilhar seus conhecimentos.

Ana Beatriz: Faz uns sete anos por aí, eu nem me lembro muito. Sete anos, é bastante tempo já, né? (Entrevista com Ana Beatriz Azevedo realizada em 27 de março de 2024).

Pablo Kauan: As aulas com Haissa faz seis anos. Agora com a Orquestra, não sei dizer (Entrevista com Pablo Kauan realizada em 27 de março de 2024).

Maria Eduarda: Eita, não lembro. Acho que uns cinco ou seis anos.

Mais, não?

É, uns sete, uns sete, né? Acho que uns sete anos. Nem eu lembrava.

Você estava desde o início, né?

Desde o início. Desde o início. Sete anos. Foi por aí mesmo que eu entrei (Entrevista com Maria Eduarda realizada em 27 de março de 2024).

As idades jovens que possuem e o tempo apontado de participação na Orquestra indica que possuíam 9, 10 ou até 11 anos de idade. O interesse em participar de uma atividade coletiva, até então incomum, mesmo havendo as influências musicais e individualizadas da família, floresceu o desejo em permanecer em um grupo, no qual todos aprendem ao mesmo tempo, cada um em seu tempo e, coletivamente, objetivando a produção musical. Processo que os envolveu de toda forma, de toda maneira. Diante da atuação no contexto da orquestra, percebida por mim, em cada um deles, pode-se dizer que as atenções eram totais para tudo que se praticava em sala de aula e apresentações. Isso os levou a ser quem são e como fazem. Nas notas

ecoadas por suas falas, percebemos o encanto em fazer parte do grande movimento orquestral e como isso modelou suas maneiras e forma de ser, influenciando diretamente em suas contribuições artísticas e pedagógicas dentro da Orquestra.

Ana Beatriz: Naquele momento eu estou ensaiando claro, ajudando a Eduarda e a Haissa na base e às vezes ajudando quem tem dúvida.

Como é essa experiência de você estar ali também sendo uma professora?

Eu amo, gosto, porque, tipo, daqui, futuramente eu pretendo ser professora de música, então ajuda bem muito no meu desempenho (Entrevista com Ana Beatriz Azevedo realizada em 27 de março de 2024).

Pablo Kauan: Eu ajudo Haissa, a afinar o violão, dar suporte mesmo, sabe? Quando ela precisar eu estou ali, mandando vídeo pro povo, como é que toca e tudo mais. Eu sempre estou ali pra ela colocar a coisa que ela precisar.

Então você dá suporte a ela nas aulas de violão, atuando como professor?

Isso. Quando ela não pode, aí eu posso atuar como professor substituto, como eu disse. Eu acho que coisa muito divertida, muito legal, que ajuda na minha aprendizagem também e é uma coisa que eu gosto

E como é que você se sente quando você passa a ser esse professor substituto?

Tipo, eu me sinto bem importante, assim, vamos dizer assim, tipo, apesar que dá vergonha, medo de errar, alguma coisa assim, mas é o mundo... e aí é muito legal mesmo. É muito importante (Entrevista com Pablo Kauan realizada em 27 de março de 2024).

Maria Eduarda: Eu iniciei tocando melodia, aí no decorrer do tempo eu fui aprendendo acordes também, aí eu toco acordes junto com a professora, normalmente.

Você faz outra coisa na orquestra?

Só toco, mas também, auxílio. Tipo, já teve apresentações que a Haissa não conseguiu ir, aí que ela me colocou pra tocar no lugar dela, já que eu tocava acordes, como também uma apresentação que foi inclusive no... Acho que foi aí no Ministério da Justiça ou alguma coisa assim, não esqueci o nome, que ela estava lá, mas deixou eu estar à frente lá, acho que foi muito... nostalgia.

Qual foi a sensação de estar ali comandando aquele trabalho?

Eu fiquei feliz, muito feliz. A questão também do reconhecimento, né, porque se ela deixou eu estar à frente, então é porque ela confia em mim, de certa forma, aí eu fiquei... nostalgia, sabe? (Entrevista com Maria Eduarda realizada em 27 de março de 2024).

As experiências vivenciadas por cada um desses jovens violonistas, inicialmente em casa, por intermédio de seus familiares e em seguida pelo harmonioso grupo, os levou a se identificarem e se perceberem como pessoas ativas dentro de um contexto onde normalmente o responsável coordena e indica todas as orientações a serem desenvolvidas por cada músico; essa interação protagonista é alicerçada por meio dos ensinamentos da maestrina, dos olhos atentos de cada violonista e da prática diária de ensaios e apresentações. A pouca idade não foi uma barreira para sentir as vibrações da responsabilidade do ensinar.

Fotografia 16 – Momento de estudos em grupo, conduzido por Pablo Kauan.



Fonte: Arquivo pessoal da maestrina, 2019

Fotografia 17 - Momento de estudos em grupo, conduzido por Maria Eduarda.



Fonte: Arquivo pessoal da maestrina, 2022.

Fotografia 18 - Momento de estudos em grupo, conduzido por Ana Beatriz.



Fonte: Arquivo pessoal da maestrina, 2022.

As três narrativas vibram em um movimento sinérgico quando se ecoam as notas do aprender e do compartilhar. Para além da contribuição pedagógica, o momento transmite sentimentos de pertencimento e de valor quando “eu me

sinto importante”, “ela confia em mim” e “eu pretendo ser professora de música”. As falas representam fortemente o significado e representação sobre as experiências adquiridas e compartilhadas no ambiente da Orquestra de violões. Os três violonistas se encadeiam e se entrelaçam como linhas melódicas contrapontísticas e constroem uma doce e suave harmonia, ressoando, vibrante, na mesma tonalidade de outros ouvidos sedentos por novas vibrações.

Aprender para ensinar. Esse ofício tem sido a mola propulsora para que esses três jovens se estabeleçam numa relação de mestres aprendizes, compartilhando suas experiências com os outros integrantes da Orquestra. A transferência de experiências vibra como som ao vento, seus efeitos são mais vibrantes e mais duradouros. No contexto do diálogo, percebi um imenso prazer e satisfação nas três narrativas no ato de contribuir com a professora, bem como, com o grupo ao qual pertencem. O sentimento de pertença é inimaginável, as palavras não suportam tamanho desejo, apenas ouvi-los nos traz essa confirmação. É vibrante. Ecoa.

As diversas maneiras de atuação dos três jovens aprendizes e mestres violonistas, no contexto da orquestra, é simbólico, quando passamos a compreender a função do espaço onde eles estão atuando e sua forma de interagir, criando identidade, forma e uma relação de extrema conexão com as vibrações mais intensas do aprender, ensinar, compartilhar, sobretudo, na composição de sua formação crítica, musical e humana. É instigante ouvir narrativas breves, sem muitas palavras, especialmente quando elas soam como a queda das águas de uma cachoeira, com força, com peso da verdade da experiência, dos caminhos percorridos. Percebemos as notas que saltam da partitura e suas vibrações atingem o mais distante ouvido. Compreender essa força é motivo de desejo para registro, como as notas de uma composição desenhadas numa folha em branco de partitura. Compô-la é ecoar no entendimento de mim, de si.

Ana Beatriz: É ótimo, e sem contar que a gente tem várias oportunidades para conhecer vários violonistas, quanto do Brasil quanto fora.

Me fala um pouco mais sobre essa questão de conhecer outros violonistas do Brasil, do mundo também, o que você já fez?

Eu já participei de várias oficinas com Alessandro Penezzi, com Cristina Tourinho, com vários violonistas, uns até de fora do Brasil.

Vocês já chegaram a tocar juntos?

Sim.

Como foi essa experiência?

Foi ótima! Eu amei! Foi onde esse... Foi na UERN.

Eu lembro do concerto que vocês fizeram lá naquela igreja, lá no centro, com o Espanhol Vocês tocaram também, foi para abrir o concerto, não foi?

Foi.

E como foi essa experiência?

Foi ótima, maravilhosa, uma experiência única.

Você chegou a tocar com ele ou só fez a abertura do concerto?

A gente fez a abertura do concerto.

Beatriz, o que é que você aprende realizando todas essas atividades?

Abre mais a minha mente, me incentiva mais nos estudos e faz com que eu aprenda com facilidade (Entrevista com Ana Beatriz Azevedo realizada em 27 de março de 2024).

Pablo Kauan: Eu aprendo bastante a música mesmo, em geral, a diversidade da música. É isso (Entrevista com Pablo Kauan realizada em 27 de março de 2024).

Maria Eduarda: Eu acho que eu me sinto grata, de certa forma.

Por quê?

Porque hoje eu não imagino o que eu faria se eu não participasse da orquestra. Porque a orquestra, até a questão social assim, muitas pessoas me conhecem. Porque me viu em algum canto, tocando junto com a orquestra. Então eu acho que se eu não participasse da orquestra, eu seria bem mais tímida, totalmente diferente do que eu sou hoje.

O que você aprende de vida, de lição realizando esse trabalho da orquestra?

O que eu aprendo? A questão do trabalho em grupo, eu acho que é uma boa, porque a orquestra ninguém toca sozinho, sabe? Um depende do outro, por mais que seu colega não está sabendo certa música, você vai ter que ajudar ele porque é um grupo, é uma orquestra. Todo mundo toca em conjunto (Entrevista com Maria Eduarda realizada em 27 de março de 2024).

O processo de envolvimento na Orquestra e a forma de interação existente entre todos os integrantes, como já descrito em notas anteriores, possibilita um contato mais próximo no convívio social o qual reflete diretamente no resultado sonoro da orquestra. O movimento sinérgico é intenso e vibrante. A partir do contato com o grupo, percebendo suas práticas, é imperativo compreender como se dá esse trânsito de relações sociais e suas implicações.

Ana Beatriz: A gente tem amizade lá, quando a gente tem, a gente sempre bate um papo antes de ir embora.

E durante os ensaios, o que você tem mais a dizer sobre essa relação que você tem com os outros colegas do grupo?

Ah, eu acho ótimo, porque é bom que descontraí mais a mente, faz novas amizades, faz aquele grupinho, sabe? De amor e união, sem rivalidade. Ah, isso é ótimo (Entrevista com Ana Beatriz Azevedo realizada em 27 de março de 2024).

Pablo Kauan: Eu gosto muito de fazer amigos, e eu tenho vários amigos lá. Com quase todo mundo eu converso, eu estou ajudando também (Entrevista com Pablo Kauan realizada em 27 de março de 2024).

Maria Eduarda: É uma relação bem de amizade. Eu já falei, Kauan, a gente entrou junto, faz muito tempo que a gente toca, desde o início. Até hoje a gente se fala, somos muitos amigos. Tem também Bia, entrou depois um pouquinho. Mas, assim, Haissa também, a gente já combinou até de, sei lá, vamos num domingo andar de patins. Alguma coisa bem normal. Bem aleatório. É, aleatório (Entrevista com Maria Eduarda realizada em 27 de março de 2024).

O ambiente da Orquestra de violões soa como uma grande sinfonia. Seus movimentos individualizados, com características próprias, narram um tecido musical em comum, vibrante e significativo para cada tempo, para cada nota reverberada, para cada ritmo executado. As funções desempenhadas por cada um dos jovens aprendizes e mestres violonistas são acompanhadas de práticas vivenciadas, a partir de cada experiência significada e a forma como são compreendidas, seu protagonismo. Suas subjetividades imprimem maneiras diferentes de compartilhar as notas já ouvidas. “Liberdade e crítica que não se limitam às relações internas de grupo, mas que necessariamente se apresentam na tomada de consciência que este realiza de sua situação social” (Freire, 2022, p. 13).

Paulo Freire (2022) compartilha experiências do círculo de cultura num ambiente de alfabetização, como um espaço que provoca a liberdade e a crítica do homem, por meio de grupos de trabalho, debates e construção. Podemos fazer uso desse contexto para compreender as práticas desenvolvidas no ambiente da Orquestra de violões e tomar consciência sobre cada ecoar dos jovens violonistas no entendimento das práticas sociais e pedagógicas no momento de aprendizagem, sua relação com o momento de

partilhar as experiências com os outros alunos da orquestra e suas implicações de transformação humana. Perceber-se.

No ofício de compartilhar as aprendizagens musicais, busco traduzir as impressões causadas em cada participante deste estudo, quando dos momentos de ensaios, aulas e apresentações. Ouço em cada narrativa, fascínio, valor, amor por cada corda dedilhada ao ensinar, ao contribuir.

Ana Beatriz: Naquele momento eu estou ensaiando claro, ajudando a Eduarda e a Haissa na base e às vezes ajudando quem tem dúvida.

Você também atua contribuindo com o ensino, como é que é essa experiência de você estar ali também sendo uma professora, porque você é aluna e também você passa a ser professora, né? Como que é essa experiência?

Eu amo, gosto, porque, tipo, daqui futuramente eu pretendo ser professora de música, então ajuda bem muito no meu desempenho (Entrevista com Ana Beatriz Azevedo realizada em 27 de março de 2024).

Pablo Kauan: Na minha cabeça eu penso assim, eu vou fazer como Haissa faria, aí eu vou lá tipo...Ah! Como é que Haissa ensinaria isso? Aí eu vou lá e assim, tento ensinar, né? E aí eu vou ensinando assim, pensando como se fosse Haissa, o que ela faria, aí eu vou... (Entrevista com Pablo Kauan realizada em 27 de março de 2024).

Maria Eduarda: Eu incorporo Haissa. Eu imagino que ela estaria fazendo lá. A questão é: se você está lá em pé na frente [coordenando o grupo] tem que manter a postura, olhar pra frente, mas também, ficar de olho nas pessoas tocando. Ah, sei lá... repete a música, não... tá bom, vamos o refrão de novo, e tá sorrindo, né? Faz parte da questão, simpatia, né? Nas fotos principalmente. Sabei muitas fotos, e a gente teve um ensaio antes em conjunto, eu já estando à frente pra ter certeza, né? Confiei direitinho, e deu tudo certo no ensaio, e lá também deu tudo certo, graças a Deus (Entrevista com Maria Eduarda realizada em 27 de março de 2024).

Nas três narrativas, percebo cordas frementes e sedentas pelo ecoar das notas mais rútilas, momentos inexplicáveis onde apenas o sentir e perceber traduzem a paixão e prazer pela força de ser quem são, fazer o que fazem e onde fazem. Ana Beatriz, Pablo Kauan e Maria Eduarda imprimem o sentido da vida e do lugar de formação e protagonismo em seus tímidos comandos verbais, de olhar e faciais, atentos, gozosos. A orquestra “responde” com maestria a regência indicada pelos jovens músicos.

Os fragmentos inspiradores que ecoam nas narrativas sobre "ser como Haissa" ou "fazer o que Haissa faz" não são meramente reflexos de palavras,

mas sim a encarnação dos mais sublimes acordes de um concerto orquestral. Como notas em harmonia, eles se entrelaçam em um ritmo que transcende o mero som, fluindo em uma cadência que parece ecoar através do tempo. Essas narrativas não são apenas contos de feitos passados, mas fontes de inspiração que ressoam em cada fibra do ser, impulsionando além das fronteiras da prática musical, em direção a uma jornada de autodescoberta e crescimento.

Nesse universo narrativo, Haissa Hussemânia não é apenas um nome, mas uma metáfora viva do potencial humano. Ao buscar emular sua essência e ações, mergulha-se em uma jornada rumo ao ápice da realização pessoal e transformação interna. Cada palavra compartilhada sobre a maestrina não é apenas um relato, mas, um convite para explorar os limites do próprio ser, descobrindo novas camadas de virtuosismo e alcançando um entendimento mais profundo sobre o que significa verdadeiramente ser humano. Este, parece ser o lugar onde a maestrina e a Orquestra desejam que seus violonistas se encontrem.

3.3 Cada melodia e cada vibração no compasso métrico da Orquestra de violões

Este momento representa o fruto de um diálogo reflexivo enraizado nas conexões estabelecidas por cada aluno e em suas percepções moldadas pelas influências presentes no contexto da Orquestra de Violões. É uma reflexão profunda sobre as relações e implicações dos processos que permeiam e são gerados pela composição da Orquestra. O ambiente de percepção é construído a partir das narrativas dos jovens violonistas e da maestrina, criando uma harmonia única entre as melodias de cada indivíduo, cada voz, que se entrelaçam através das experiências coletivas e individuais, tecendo a partitura sonora que ecoa todas as vozes.

No cerne desta discussão está a busca pela compreensão das narrativas e suas características inerentes ao ato de contar e registrar, e pelo cultivo da consciência e do autorreconhecimento. Conforme Josso (2010) discute, trata-se não apenas de um acúmulo de experiências, mas sim, da compreensão dos aspectos formadores que, independentemente da atuação

dentro do contexto em questão, apontam para os caminhos a serem trilhados. Esses caminhos delineiam objetivos e experiências formativas que visam uma formação libertária e crítica.

Nesse processo, cada voz na Orquestra de Violões é um elo vital, uma peça essencial na tessitura da narrativa coletiva. As experiências compartilhadas e as percepções individuais se entrelaçam para formar um todo coeso e significativo. É através desse entrelaçamento que se revelam as nuances da música que ecoa pelos corredores da Orquestra, as vozes individuais que contribuem para a construção de um ambiente enriquecedor e reflexivo.

Mais do que executores de notas musicais, os membros da Orquestra de Violões são agentes ativos na busca pelo autoconhecimento e pela compreensão de seu papel no mundo. Cada acorde, cada melodia, é uma expressão não somente de habilidade técnica, mas também, de uma jornada pessoal em direção à emancipação e à consciência crítica (Freire, 2022).

Me dedico agora a compreender quais os sentimentos relacionados à participação de cada jovem violonista na Orquestra de violões. Narrar práticas, cotidianos e as relações sociais e musicais seguem um caminho importante para a compreensão de um determinado contexto, como vimos anteriormente. A partir de então, seguimos rumo ao encontro de outras sonoridades, outros encontros de si, mergulhando nos mais profundos sentimentos e sensações, na busca do subjetivo, novas melodias, novas harmonias, novas composições. Intento discorrer sobre a dimensão sensível, a partir do sentir e perceber.

Ana Beatriz: Me sinto realizada. No meu ponto de paz.

O que é que você sente nesse ponto de paz?

Ah, eu sinto harmonia, música, eu sinto amor. A música dentro de mim.

Quando você fala que sente a música dentro de você, que sente ela vibrando dentro de você, o que você sente quando está realizando a apresentação com a orquestra?

Eu me sinto muito importante por estar mostrando o nosso trabalho da orquestra. Isso é legal.

Quais oportunidades surgiram a partir do momento que você começou a participar da orquestra de violões?

Assim que eu entrei para o violão, a minha família já viu que eu ia aprender a tocar. A gente pode contratar ela para tocar nos encontros de família. E foi abrindo várias oportunidades. Já toquei em escolas, na família, até fiz amigos.

Como você vê a atuação da professora Haissa?

Ai, eu amo ser aluna dela. Ela é supersimpática, gosta de dialogar com nós, ajuda quando nós tem dúvida. Se a gente vai ensaiar duas horas da manhã, se a gente der a dúvida duas horas da manhã, ela nos ajuda duas horas da manhã [pelo whatsApp].

E o que você tem mais a falar sobre essa atuação com Haissa? Você falou que gosta de estar com ela, gosta da atuação dela. Mas como é que acontece em sala de aula? Como é a relação de vocês duas, por exemplo?

É ótimo. Se eu tenho uma dúvida, ela tira. A gente tem uma interação muito boa (Entrevista com Ana Beatriz Azevedo realizada em 27 de março de 2024).

As narrativas apresentam perspectivas distintas sobre a jornada pessoal de cada um em direção à realização. Ana Beatriz expressa um profundo sentimento de plenitude e contentamento ao afirmar que se sente realizada em seu "ponto de paz". Essa descrição evoca uma sensação de equilíbrio e serenidade, onde ela experimenta harmonia, música e amor. A metáfora da música dentro dela sugere uma conexão íntima com sua expressão artística e emocional. Quando questionada sobre a experiência de se apresentar com a orquestra, Ana Beatriz revela uma dimensão adicional de sua realização pessoal. Ela descreve sentir-se "muito importante" ao compartilhar o trabalho da orquestra, implicando uma sensação de propósito e contribuição significativa para algo maior que ela própria. Essa sensação de importância sugere que sua participação na orquestra não é apenas uma atividade, mas uma fonte de validação e significado em sua vida.

Através das palavras de Ana Beatriz, é possível inferir que sua identidade está profundamente ligada à música e à expressão artística. Sua narrativa revela uma paixão pela música, uma compreensão intuitiva do impacto emocional e social de sua arte. A orquestra não é apenas um local de performance, mas um espaço onde ela encontra conexão, propósito e uma plataforma para compartilhar sua voz e sua paixão, ilustra como a busca pela realização pessoal pode estar intrinsecamente ligada à expressão criativa e ao serviço aos outros. Sua narrativa sugere que encontrar seu "ponto de paz" é uma busca por felicidade individual e uma jornada em direção à contribuição significativa para a comunidade e ao cultivo de conexões emocionais profundas, através da arte.

Sua narrativa oferece uma visão rica das oportunidades e conexões que surgem através do envolvimento em atividades extras, como a participação na

orquestra de violões. A jovem Ana Beatriz compartilha como sua entrada na orquestra ampliou suas habilidades musicais e abriu portas para diversas oportunidades. Desde tocar em encontros familiares até apresentações em escolas, assim, seu envolvimento na orquestra enriqueceu sua vida musical, expandiu seu círculo social e proporcionou experiências enriquecedoras.

A relação entre os alunos e a maestrina desempenha um papel crucial no desenvolvimento pessoal e profissional dos jovens. Ana Beatriz expressa profundo apreço pela atuação de sua professora, Haissa Hussemânia, descrevendo-a como simpática, acessível e comprometida em ajudar seus alunos a crescerem musicalmente. A disponibilidade da professora para responder às dúvidas dos alunos, mesmo em horários não convencionais, demonstra um compromisso genuíno com seu progresso e bem-estar, revelando a importância da dinâmica interpessoal entre aluno e professor. Sua descrição da relação com Haissa Hussemânia destaca a atmosfera positiva e colaborativa em sala de aula, onde as dúvidas são prontamente esclarecidas e há uma interação fluida entre ambas. Essa dinâmica facilita o aprendizado eficaz, contribuindo para um ambiente de apoio e confiança mútua.

Sua narrativa ressalta como o envolvimento em atividades enriquecem as habilidades individuais, cultivam relações significativas e propiciam oportunidades para crescimento pessoal. A interação entre aluno e mentor, como evidenciado pela relação entre Ana Beatriz e Haissa Hussemânia, desempenha um papel vital no apoio ao desenvolvimento holístico dos jovens, tanto dentro quanto fora do contexto acadêmico. Seguimos interpretando as narrativas dos violonistas.

Pablo Kauan: Apresentação do Chuva de bala que a gente teve, que foi tipo, uma apresentação muito grande, pra muita gente mesmo, e foi muito da hora, muito incrível. Eu gostei muito.

Vocês apresentaram? O que foi que aconteceu?

A gente apresentou, teve.... Foi, foi um momento muito bom, da hora, gostei muito. No violão lembro daquela apresentação, foi um marco muito bom.

O que é que você sente, como você se sente quando você toca violão em casa, com orquestra, na escola, com os amigos?

Ah, eu sinto como eu estivesse realizando o meu desejo quando eu era menor. Porque eu tinha vontade de aprender e tinha mais. Eu tipo, ah, eu tô realizando aquele desejo do meu

eu do passado. E aí eu continuo, isso é o que me faz querer mais tocar, aprender muito mesmo.

Qual o seu sentimento, o que é que você sente, Kauan, quando você está com a Orquestra de violões se apresentando?

Eu sinto um pouquinho de vergonha, mas eu me sinto muito feliz. Tipo, nossa, aquele povo veio assistir a gente, veio prestigiar eu tocando e meus amigos. E é uma coisa muito, tipo, legal que eu gosto. Eu gosto mesmo, sinto paz.

Já surgiu alguma oportunidade a partir da sua participação na orquestra de violões? Você conseguiu alguma coisa? Conquistou alguma coisa?

Já consegui uma coisa muito importante que foi um violão. Que foi a minha própria professora Haissa que me deu. E eu sou muito grato a ela que ela me deu esse violão. Antes eu tinha um violão meio ruinzinho assim, não era tão bom. E ela acabou me dando um violão muito bom. E eu sou extremamente grato a ela.

Faz quanto tempo que ela te deu esse violão?

Faz uns dois, três meses. Foi bem recente.

E por que ela te deu esse violão?

Eu acredito que foi porque ela sabe que eu sou dedicado, eu estudo mesmo. E ela sabe que eu sempre estou ali, sempre estou presente, ajudando a orquestra a tocar e tudo mais. Eu sou mais seguro que eu posso ajudar os outros, caso alguém erra o lado. Pra segurar a música, e eu acho que foi por isso, e por todo esse tempo que a gente tem, toda essa trajetória que a gente teve desde 2017, que a gente tá juntos e... é isso.

Kauan, como é que você descreve a atuação da professora na condução dos alunos, na condução da orquestra?

É muito bom. Ela ensina muito bem, transmite tudo muito bem, e é uma ótima professora.

A gente vem com os seus olhos brilhando quando você fala da Orquestra de violões? Mas, como você se sente participando de tudo isso, ensaiando, dando aulas, ganhou um violão, se apresenta, já teve experiência com outros músicos famosos, como é isso? O que você sente com isso tudo?

Aí eu sinto que eu tô bem-sucedido, tipo, estou aprendendo, gosto de aprender, estou realizando as coisas que eu gosto, fazendo um hobby que eu gosto e é isso, sempre estou gostando de tudo (Entrevista com Pablo Kauan realizada em 27 de março de 2024).

As entrevistas com os três jovens fornecem *insights* profundos sobre suas jornadas pessoais e o impacto transformador da participação na orquestra de violões. Pablo Kauan, ao refletir sobre uma apresentação memorável, transmite uma sensação de euforia e satisfação, ressaltando o significado especial desse evento em sua trajetória musical. A emoção que ele expressa ao recordar esse momento indica a importância da performance em si, o papel

fundamental que a música desempenha em sua vida, proporcionando-lhe uma fonte de alegria e realização.

Fotografia 19 – Apresentação da Orquestra de violão com 85 crianças e jovens no Adro da Capela de São Vicente, em Mossoró.



Fonte: Arquivo pessoal da maestrina, 2022.

A conexão de Kauan com a música vai além das apresentações formais, estendendo-se aos momentos íntimos em casa, com amigos e na escola. Sua descrição revela um senso profundo de cumprimento ao realizar um desejo de sua infância, destacando a música como um veículo para expressar sua identidade e paixão. Essa sensação de continuidade e crescimento impulsiona sua dedicação contínua ao aprendizado musical.

No entanto, apesar de sua paixão pela música, Kauan admite sentir um leve desconforto ao se apresentar com a orquestra, uma mistura de vergonha e felicidade. Essa dualidade de emoções sugere uma vulnerabilidade inerente à exposição pública, ao mesmo tempo em que revela a gratidão e o prazer que ele experimenta ao compartilhar sua arte com os outros. Essa complexidade emocional ressalta a natureza multifacetada da experiência musical e a variedade de sentimentos que ela pode evocar.

A participação de Kauan na orquestra enriqueceu sua vida musical e trouxe oportunidades tangíveis, como o presente significativo de um violão pela sua professora Haissa Hussemânia. Sua gratidão pelo instrumento demonstra a qualidade física do presente, mas também, o reconhecimento do apoio e estímulo que recebeu ao longo de sua jornada na orquestra. Esse gesto simboliza a importância do apoio emocional e prático na nutrição do talento e paixão dos jovens músicos.

Ao descrever a atuação de sua professora, o jovem Pablo Kauan destaca a habilidade e dedicação em guiar e inspirar os alunos. Sua admiração pela professora ressalta a importância do papel dos mentores na educação musical, fornecendo instrução técnica, encorajamento e apoio emocional. Em conjunto, esses elementos contribuem para uma experiência enriquecedora e gratificante na orquestra de violões, na qual Kauan se sente verdadeiramente bem-sucedido e realizado em sua jornada musical. Maria Eduarda revela sentimentos e situações vividas que impulsionam seu gosto pela música. Seguem:

Maria Eduarda: Eu acho que quando eu me emociono, às vezes eu estou ouvindo uma música de certa forma, na igreja inclusive, era uma música do Nossa Senhora, e eu emocionei de chorar, assim, foi, é muito tocante, eu acho que a música contribui ainda mais para a questão dos sentimentos, que meio que ela, sabe, destaca mais os sentimentos, se for uma música que é muito alegre, eu acho, na minha concepção, eu vou ficar mais alegre, então eu sempre prefiro ouvir músicas normalmente assim, é a questão da alegria, ou então se for uma música calma, se tiver um momento mais calmo, mas eu me emociono de verdade, de verdade.

E com o violão, você tem algum momento marcante?

Eu acho que os momentos mais marcantes, quando a gente viaja assim, a gente já viajou para... de distração, de divertimento, que a gente está em tocar, fazer o que a gente gosta e se torna experiências para a vida, sabe? Fica na memória para sempre.

O que você sente quando toca violão em casa, para a família nesse momento de festa, na escola, com a orquestra?

Eu fico feliz, assim, às vezes eu estou tocando e eu vejo, assim, no rosto de algumas pessoas da família, sabe do orgulho? Nossa, minha filha que está tocando. Minha neta, olha, minha neta toca. Se você viu, aquela era minha neta. Normalmente, sempre estão nas minhas apresentações.

Qual o seu sentimento quando você está tocando uma orquestra de violões?

Sentimento? Deixa eu ver um sentimento.... Eu digo alegria também. Porque é algo que eu gosto. Eu tô lá porque eu me sinto bem, sabe, eu acho... sei nem descrever. Tá todo mundo ali junto e vê pessoas admirando o trabalho que a gente faz, que tem bastante ensaio. E também reconhecimento muitas vezes. É um... nostalgia. Nostalgia, certo?

Já surgiu alguma oportunidade pra você, por você estar tocando na Orquestra de violões?

Ah, eu amo contar essa história. Eu tava viajando. Aí, eu tava na casa de um pessoal. Juntos com minha família também, mas não são exatamente da minha família. Aí, lá eles estavam tendo, sabe, vinho, essas coisas assim, petiscos. Aí, chegaram

pra mim e falaram assim, você toca violão, né? Aí, eu disse que toco. E tava dentro do carro, inclusive. Ele chegou assim, abre a mão, aí quando eu olhei, dinheiro. Toque ali uma hora. Aí, eu nunca tinha tocado assim sozinha. Aí, tinha inclusive o filho desse homem e falou, pronto, vai vocês dois. Aí, eu, pronto, vamos. Aí, a gente sentou lá e foi, tinha assim a brisa do mar e foi incrível isso.

Você tocou uma hora?

Eu toquei uma hora. Tinha algumas músicas, inclusive, que eu não sabia, mas aí falavam, música tal. Aí, eu ia lá, procurava na internet e pronto, tá aqui achei. Aí eu ia lá tocar, olhando mesmo. Ganhei meu primeiro cachê.

Quanto foi?

Foi 50 reais.

Eduarda, como você descreve a atuação da professora na relação com os integrantes do grupo?

Eu costumo dizer que ela é uma inspiração para a gente, porque a questão, por ser mulher não é tão frequente, a gente vê mulheres à frente de orquestras assim, e a questão que administra na sala é professora, mas, mesmo assim, está aberta para o que os alunos perguntarem. Ah, você está bem? Está tudo bem? A gente também tinha a questão do lanche lá no projeto, tudo ok. Está precisando de alguma ajuda? Meu primeiro violão, inclusive, foi ela que conseguiu de doação. Sou eternamente grata. Era a aluna que não tinha violão, aí eu cheguei, ela chegou e falou que eu tinha ganhado um violão, eu fiquei muito feliz, já fui comprar uma capa pro meu violão e tudo mais, e depois no segundo violão, ela disse, não, eu vou lá escolher com vocês qualquer coisa, se precisar eu ajudo, ajudo financeiramente, não tem problema e não sei o quê, e assim, a minha família toda conhece, né? Haissa do violão, pronto.(Entrevista com Maria Eduarda realizada em 27 de março de 2024).

As entrevistas com os três jovens dizem da profunda conexão emocional que eles têm com a música, particularmente com o violão, e como essa paixão permeia diferentes aspectos de suas vidas. Maria Eduarda compartilha como a música, especialmente quando ouvida ou tocada em momentos significativos, pode evocar emoções intensas e proporcionar uma experiência genuína de conexão. Sua narrativa ressalta a capacidade da música de amplificar e expressar sentimentos, tornando-se uma trilha sonora para momentos marcantes e memoráveis em sua vida.

Os momentos mais marcantes para Maria Eduarda estão relacionados às viagens com a orquestra, onde ela pode se dedicar ao que ama e compartilhar essa paixão com os colegas de grupo. Essas experiências oferecem diversão e entretenimento, além de se tornarem lembranças duradouras que enriquecem sua jornada pessoal e musical. A música, então,

não é apenas uma atividade, mas uma fonte de conexão e significado que permeia sua vida.

Fotografia 20 – Viagem da Orquestra para a cidade de Serra do Mel/RN.



Fonte: Arquivo pessoal da maestrina, 2020.

Ao descrever suas apresentações em casa, na escola e com a orquestra, Maria Eduarda destaca o orgulho que sente ao ver a admiração nos rostos de seus familiares e amigos. Essa validação e reconhecimento são fundamentais para fortalecer sua autoestima e sua motivação para continuar aprimorando suas habilidades musicais. Além disso, a sensação de pertencimento e comunhão ao se apresentar com a orquestra contribui para sua sensação de felicidade e satisfação pessoal.

A experiência de tocar na orquestra também proporcionou a Maria Eduarda oportunidades únicas, como a chance de ganhar seu primeiro cachê ao ser “contratada” para tocar em um evento familiar. Essa experiência recompensou seu talento musical, validou sua habilidade e contribuição como artista. Essas oportunidades tangíveis demonstram o valor prático e emocional de sua participação na orquestra.

A relação entre Maria Eduarda e sua professora é caracterizada por respeito mútuo, apoio e inspiração. A professora oferece orientação musical, demonstra preocupação com o bem-estar e o progresso pessoal de seus alunos. O papel da professora como mentora vai além do ensino técnico, incluindo gestos significativos, como garantir que Maria Eduarda tenha acesso a um violão, o que demonstra um compromisso genuíno com seu sucesso e desenvolvimento como musicista.

A história de Maria Eduarda ilustra como a música e a participação na orquestra de violões não são apenas uma atividade extracurricular, mas uma parte essencial de sua identidade e jornada de crescimento. Através da música, ela encontra uma maneira de se expressar, conectar-se com os outros e descobrir seu próprio potencial. Sua experiência ressalta a importância de oportunidades e mentores na formação de jovens talentos e na promoção de um ambiente de aprendizado enriquecedor e inclusivo.

As percepções sobre os desejos em relação à Orquestra de violões compõem narrativas conectadas com cada vibração, com cada corpo. São perspectivas ladeadas de paixão, força e desejos de sucesso. Os três jovens violonistas vibram numa sequência harmônica consonante, embora indiquem caminhos diferentes a serem percorridos, a música se faz presente em cada desejo, em cada aspiração.

Ana Beatriz: Que a gente cresça mais e mais e tenha várias oportunidades.

Quando você fala em oportunidades, o que é que você deseja com essas oportunidades?

Apresentações.

Só em Mossoró?

Não, fora de Mossoró, fora do Rio Grande do Norte e muitas oportunidades para conhecer novos artistas (Entrevista com Ana Beatriz Azevedo realizada em 27 de março de 2024).

Pablo Kauan: Estou aprendendo muito para aprender muito mais e viajar também muito com eles, tocar em outros cantos, aprender mais músicas e futuramente talvez fazer uma faculdade em música, penso (Entrevista com Pablo Kauan realizada em 27 de março de 2024).

Maria Eduarda: Eu espero cada vez mais que o grupo cresça, né, eu amo também viagens, quando a gente vai tocar em outras cidades, conhecer novas coisas, e é isso (Entrevista com Maria Eduarda realizada em 27 de março de 2024).

Os diálogos com os três jovens apresentam um desejo comum por crescimento pessoal e oportunidades de expansão em suas jornadas musicais. Ao expressarem seus anseios, Ana Beatriz, Pablo Kauan e Maria Eduarda demonstram um compromisso com o desenvolvimento contínuo de suas habilidades e experiências. A busca por oportunidades de apresentação é um tema recorrente, refletindo o desejo de compartilhar sua música além de suas comunidades locais. Essa aspiração por alcance mais amplo evidencia a ambição e a visão de longo prazo dos jovens artistas, que buscam

oportunidades para se conectar com novos públicos e expandir seus horizontes artísticos.

Além do desejo por apresentações, os jovens demonstram um interesse genuíno em aprender e crescer dentro do campo da música. Pablo Kauan e Ana Beatriz expressam seus desejos de viajar e tocar em diferentes lugares, reconhecendo a importância dessas experiências na expansão de seu repertório musical e no seu amadurecimento como músicos. Pablo Kauan, em sua consideração de uma possível faculdade em música ressalta seu comprometimento em transformar sua paixão em uma carreira sólida e bem-sucedida, mostrando uma mentalidade de longo prazo e planejamento para seu futuro no campo musical.

Maria Eduarda compartilha um desejo semelhante de crescimento e expansão, expressando sua paixão por viagens e pela oportunidade de tocar em diferentes lugares. A busca por novas experiências e o desejo de explorar novos horizontes são evidentes em sua fala, indicando um desejo de enriquecer suas habilidades musicais, sua compreensão e apreciação da diversidade cultural.

Esses relatos demonstram um alinhamento com os princípios da pedagogia da Autonomia de Freire (2022), que enfatiza a importância da busca contínua pelo conhecimento, o desenvolvimento da consciência crítica e a capacidade de agir e transformar o mundo ao redor. Os jovens mostram uma disposição ativa para assumir o controle de suas próprias aprendizagens e carreiras, buscando oportunidades que os permitam crescer e se desenvolver como músicos independentes e autônomos. Essa abordagem alinha-se com a visão de Paulo Freire (2022b) de uma educação libertadora, que capacita os indivíduos a se tornarem agentes de mudança em suas próprias vidas e na sociedade.

Os desejos são múltiplos e um conectado com suas realidades e práticas sociais e musicais. Percebe-se, nitidamente, o prazer e o encantamento por compartilhar o que foi aprendido pela maestrina durante as aulas e ensaios. Se “sentir importante” na condução de uma apresentação, dos ensaios ou no momento de repassar conteúdos para os alunos, é uma narrativa constante dos alunos. Compreender como eles interagem nessas situações e como pretendem usar os conhecimentos adquiridos no momento

de passagem pela Orquestra ou posteriormente, quando estiverem trilhando outros caminhos. As entrevistas com os três jovens representam seus próprios sonhos e aspirações, suas visões sobre como a educação e a música podem ser agentes de transformação e inclusão social.

Ana Beatriz: Eu pretendo ensinar aos outros que têm interesse e dar oportunidade para aqueles que não têm condições de participar. A música faz oportunidades.

O que você pretende fazer quando for à adulta?

Ah, eu pretendo me formar em música, para abrir novas oportunidades para aqueles que não têm condição e... ensinar.

Onde que você quer ensinar? Você quer ensinar em projeto social? Você quer ensinar em universidades, escolas? O que você quer fazer dando aula?

Eu quero ensinar em universidades e em escolas, porque tem pessoas de escolas públicas que querem ter oportunidade, mas nunca têm (Entrevista com Ana Beatriz Azevedo realizada em 27 de março de 2024).

Ana Beatriz expressa um compromisso claro com a ideia de usar sua educação musical como meio de fornecer oportunidades para aqueles que de outra forma não teriam acesso. Sua intenção de ensinar música não apenas em universidades, mas também, em escolas públicas, demonstra uma compreensão profunda das disparidades sociais existentes e um desejo de agir como um agente de mudança para remediar essa situação.

A sua visão sobre a educação musical como uma forma de criar oportunidades ecoa os princípios da pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (2022), na qual enfatiza a importância da conscientização crítica e da capacidade de agir e transformar a realidade. Ao desejar ensinar em universidades e escolas públicas, Ana Beatriz busca transmitir conhecimento musical e, também, empoderar seus alunos, especialmente, àqueles menos privilegiados, fornecendo-lhes ferramentas para explorar seu potencial e moldar seu próprio destino.

Além disso, a intenção de Ana Beatriz de ensinar música em um contexto mais amplo, como em universidades e escolas, sugere uma compreensão do papel da educação como prática da liberdade, conforme concebido por Paulo Freire (2022b). Ao proporcionar acesso à educação musical, ela está capacitando seus alunos a expressar-se criativamente, desenvolver habilidades críticas e culturais e, assim, libertar-se das limitações impostas pelas desigualdades sociais e econômicas.

A narrativa de Ana Beatriz reflete uma visão holística da educação como uma ferramenta para a emancipação e a transformação social, alinhando-se com os princípios fundamentais tanto da pedagogia da Autonomia quanto da Educação como prática da liberdade. Sua aspiração de abrir novas oportunidades através da música e da educação mostra um compromisso autêntico com a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todos possam ter acesso igual às oportunidades de desenvolvimento pessoal e cultural.

Pablo Kauan: Pretendo usar meus conhecimentos para outras pessoas, ajudar outras pessoas a aprender também a música, usar os meus conhecimentos para elas.

Você quer ser professor de música?

Isso.

Você quer ser professor na universidade, em projeto social, em igreja? O que você quer fazer quando for adulto?

Ainda não penso muito nisso. Talvez eu possa ser professor de música e tudo mais. É uma questão muito aberta, não sei muito.

Você pretende ser outra coisa quando for adulto?

Pretendo ser engenheiro.

Engenheiro de que área?

Engenharia civil. Arquitetura.

Dessas três que você me falou, professor de música, engenheiro civil e arquiteto, por quem o seu coração bate mais forte?

Ultimamente, sempre mudando com a época, mas agora estou pensando muito em engenharia civil. Mas aí tem época que eu penso, não, opa, música. E aí fico nesse negócio. Mas ainda vou me decidir. Tem tempo ainda (Entrevista com Pablo Kauan realizada em 27 de março de 2024).

Pablo Kauan com sua expressão de desejo em compartilhar seus conhecimentos musicais para ajudar outras pessoas reflete uma disposição para contribuir com a educação e o desenvolvimento de outros, alinhando-se com os princípios da pedagogia da Autonomia. Sua incerteza em relação ao seu futuro profissional evidencia um processo de descoberta e exploração, típico da fase de transição para a vida adulta.

A ambiguidade em relação à sua futura carreira, alternando entre o desejo de ser professor de música e o interesse em se tornar engenheiro civil ou arquiteto, reflete uma jornada de autoconhecimento e uma busca por alinhamento entre suas paixões e aptidões. Essa indecisão também destaca a importância de permitir aos jovens espaço e tempo para explorar diferentes

áreas de interesse antes de tomar decisões definitivas sobre suas carreiras, um aspecto enfatizado pela autonomia crítica.

A oscilação entre suas possíveis carreiras também pode ser vista como um reflexo da educação como prática da liberdade. Paulo Freire (2022, 2022b) defendia a importância de uma educação que permitisse aos indivíduos a liberdade de escolha e a capacidade de agir sobre suas próprias vidas. A hesitação de se comprometer com uma única profissão sugere um desejo de liberdade e flexibilidade para explorar diferentes caminhos antes de tomar uma decisão final.

A trajetória de Pablo Kauan, assim como as de Ana Beatriz e Maria Eduarda, ilustra a complexidade do processo de descoberta vocacional e desenvolvimento pessoal durante a juventude. Suas aspirações e incertezas refletem a influência da educação formal, a importância do autoconhecimento, da experimentação e do apoio de mentores e educadores ao longo desse processo. Essa abordagem holística e individualizada da educação alinha-se com os princípios da pedagogia da Autonomia e da Educação como prática da liberdade, enfatizando o papel da educação na capacitação dos jovens para tomar decisões informadas e seguir caminhos que se alinhem com seus valores, interesses e potenciais.

Maria Eduarda: De alguma forma, se alguém tiver alguma dúvida, eu sempre gosto de tirar dúvidas, eu sabendo a dúvida. Minhas irmãs começaram violão também, eu ajudava elas em casa.

Suas irmãs são alunas de Haissa?

Sim, elas são alunas de Haissa também, mas não da turma principal. Mas são.

Como é que você acha que a orquestra de violões influencia na sua vida?

Assim, a orquestra é, assim, se uma orquestra é composta por uma série de fatores...Se a orquestra realmente existe, está dando certo, tem todo o pessoal por trás, e a orquestra influencia na minha vida. É como eu já disse no início, que eu não sei o que seria de mim sem a orquestra. Que é algo que eu já estou fazendo um bom tempo e que eu não me enxergo mais sem.

O que é que você pretende ser quando for adulta?

Eu não decidi em 100%, mas eu acho que talvez eu vá pra área medicina, mas ou engenharia civil, uma coisa do tipo.

Pretende continuar tocando violão?

Com certeza! Mas eu sigo mais um violão como um *hobby*, como uma forma de desestressar (Entrevista com Maria Eduarda realizada em 27 de março de 2024).

A participação de Maria Eduarda na orquestra de violões a conecta a uma comunidade de músicos, a qual desempenha um papel central em sua identidade e bem-estar emocional. Ao expressar sua dificuldade em imaginar sua vida sem a orquestra, ela destaca a profunda influência positiva que a música exerce sobre ela.

A presença das irmãs na mesma jornada musical, mesmo não fazendo parte da turma principal da orquestra, ilustra como a música pode servir como um ponto de conexão e colaboração entre membros da família, criando laços compartilhados de aprendizado e prática. Essa dinâmica reflete o poder unificador da música, que pode transcender as fronteiras entre gerações e indivíduos.

Quanto aos seus planos futuros, sua incerteza em relação à sua carreira profissional destaca a complexidade do processo de descoberta vocacional durante a adolescência. Sua consideração pela medicina ou engenharia civil sugere uma mente aberta e receptiva a diferentes possibilidades, refletindo uma abordagem exploratória e adaptativa à construção de sua identidade profissional.

A decisão de Maria Eduarda de continuar tocando violão como hobby, mesmo que ela opte por seguir uma carreira em outro campo, demonstra o valor intrínseco que ela atribui à música em sua vida. Essa abordagem foca a compreensão da música como uma habilidade ou profissão, mas também, como uma fonte de prazer, expressão pessoal e alívio do estresse, evidenciando sua importância contínua em sua vida adulta, independentemente do caminho profissional que ela escolha seguir, destacando a interseção entre suas experiências musicais, sua identidade pessoal e seus planos futuros, oferecendo uma visão rica e multifacetada de como a música pode moldar e enriquecer a vida de um indivíduo em diferentes níveis.

Assim como Josso (2010) explora os caminhos da identidade através das narrativas autobiográficas, as vozes dos jovens ecoam o desejo de compreenderem a si mesmos e ao mundo ao seu redor. Suas histórias se entrelaçam como fios de uma tapeçaria, tecendo uma narrativa coletiva que ressoa além das fronteiras do tempo e do espaço. Em cada palavra, há uma busca pela própria essência, uma jornada em direção à autodescoberta e à compreensão de seu lugar no mundo.

Ao mesmo tempo, os ideais de Paulo Freire (2022) permeiam as narrativas, guiando os jovens em sua busca por autonomia e libertação. Como um farol na escuridão, suas ideias iluminam o caminho da educação como prática da liberdade, capacitando os jovens a questionarem, refletirem e agirem sobre o mundo que os cerca. Em cada diálogo, há uma busca pela emancipação, um desejo ardente de romper as correntes da ignorância e da opressão.

Por fim, Halbwachs (1990) ecoa do distante, recordando-nos da influência do meio social na construção da memória e da identidade. Nas histórias dos jovens, percebemos a influência das relações familiares, das experiências compartilhadas e das comunidades às quais pertencem. Cada narrativa é uma peça do quebra-cabeça da memória individual e coletiva, um reflexo das interações e conexões que moldam quem somos. Assim, no suave encerramento dos diálogos, as vozes dos jovens se unem em um coro harmonioso, celebrando a jornada da vida e a busca pela compreensão. E enquanto as palavras se dissipam no ar, fica a certeza de que, embora o diálogo chegue ao fim, as conexões entre Josso (2010), Paulo Freire (2022, 2022b) e Halbwachs (1990) continuarão a ecoar como uma sinfonia eterna de conhecimento e sabedoria.

Na suave penumbra do entardecer, onde as notas musicais dançam no ar como folhas levadas pela brisa, os diálogos dos jovens mestres aprendizes encontram ressoar final. Como as últimas notas de uma melodia que ecoam suavemente no coração, as vozes se silenciam, deixando um suspiro de gratidão no ar. Mas, como o maestro que ergue sua batuta para guiar a sinfonia da vida, agora é a vez da Maestrina Haissa Hussemânia trazer sua sabedoria e harmonia aos acordes do diálogo. Sob o dedilhar sereno das cordas do violão, as palavras dos jovens se desvanecem lentamente, como estrelas cadentes que cintilam antes de se despedirem da noite. E no silêncio que se segue, a presença da Maestrina se faz sentir, como uma suave melodia que envolve os corações dos presentes. Seus passos são como notas delicadas sobre uma partitura, conduzindo-os a um novo compasso de entendimento e aprendizado.

Como o vibrar das primeiras ondas do som, a voz da Maestrina traz consigo a narrativa de uma nova composição, repleta de oportunidades e descobertas. Seu sorriso acolhedor, é como um baixo contínuo, de forma

permanente ilumina o caminho à frente, guiando os jovens em sua jornada de autodescoberta e crescimento. E assim, sob a condução hábil da Maestrina Haissa Hussemânia, o diálogo segue seu curso, tecendo uma tapeçaria de harmonia e inspiração, suas vibrações junto ao abraço da poderosa batuta, o violão, busquei compreender qual ou quais foram os passos mais significativos durante essa jornada.

Haissa Hussemânia: É porque são tantas coisas importantes, né? Mas... [a maestrina fica sem palavras. Continuamos com o diálogo seguindo por outro caminho].

Qual o seu sentimento quando você está em uma apresentação com a orquestra de violões?

Eu me sinto num... eu sinto um sentimento de realização. Como se eu tivesse aquele.... Tenho que fazer aquilo, né? Estou tocando, me sentindo bem e ao mesmo tempo realizando aquela atividade. Tem.... Pronto, você falou agora essa pergunta, mas eu vou responder aquela primeira que você perguntou, porque aí me fez realmente lembrar. Teve um momento muito importante pra mim, que foi a primeira vez que a gente subiu no palco do Chuva de Bala, né? Que foi a primeira apresentação do primeiro encontro de violão infantil, que foi em junho de 2022. Se eu não me engano, e que eu estava em cima do palco, lá tinha 85 crianças junto comigo, e quando a gente começou a tocar a música Velha infância, todo mundo começou a tocar, as pessoas que estavam na plateia ali começaram todo mundo a cantar, então eu parei e disse assim, “eu não estou acreditando nisso, que eu estou conseguindo fazer isso”, então aquele momento ali para mim foi um choque de realidade, eu não imaginava que eu estaria naquela posição.

E aí qual o seu sentimento quando você estava realizando isso?

É um sentimento de muita felicidade, de muita gratidão, de, como eu posso dizer? Assustada com tudo isso aí, porque foi algo muito grandioso, e apesar de eu ter poucos anos com isso, foi algo muito importante para mim (Entrevista com Haissa Hussemânia realizada em 29 de fevereiro de 2024).

A experiência de Haissa Hussemânia na Orquestra de Violões é uma jornada marcada por momentos de profunda realização e gratidão, revelando sua dedicação como maestrina, sua conexão emocional com a música e com os alunos. Ao ser questionada sobre seus sentimentos durante uma apresentação com a orquestra, a maestrina expressa uma sensação de cumprimento de missão, como se estivesse cumprindo um propósito pessoal e profissional ao mesmo tempo.

No entanto, diante da profundidade das emoções evocadas pela música e pelo momento, Haissa Hussemânia se vê momentaneamente sem palavras. Esse silêncio revela a intensidade de suas experiências e a dificuldade de colocar em palavras os sentimentos complexos que surgem durante as apresentações. É como se a música transcendesse a linguagem verbal e falasse diretamente ao coração, evocando uma gama de emoções que vão além das palavras.

Quando ela finalmente consegue articular seus sentimentos, compartilha um momento significativo em sua jornada: a primeira apresentação da Orquestra de Violões no evento "Chuva de Bala". Nesse momento, ela se vê no palco diante de 85 crianças, surpreendida pela resposta calorosa da plateia ao som da música "Velha Infância". Esse momento representa um ponto de virada para a maestrina, onde ela se depara com o impacto positivo de seu trabalho e a magnitude do que ela é capaz de realizar junto com seus alunos.

O sentimento de felicidade e gratidão que permeia as palavras da maestrina revela sua realização pessoal, sua profunda conexão com a comunidade e sua capacidade de inspirar e transformar vidas por meio da música. Ao revisitar essas memórias, Haissa Hussemânia reconhece a importância desses momentos em sua jornada, nutrindo um profundo senso de propósito e um compromisso renovado com sua missão como educadora e maestrina. Por entender que esse movimento musical transcende a prática da sala de aula, suas vibrações, sem dúvida, permeiam outros momentos e lugares, busquei ir além do espaço físico dos momentos de estudos e ensaios para compreender os reflexos disso em outras conjunturas.

Haissa Hussemânia: A partir do momento que eu comecei a me apresentar com a orquestra de violões, eu comecei a ter outros convites, conhecer outras pessoas. Foi a partir daí que eu fui convidada para dar aula no Núcleo de arte e cultura da UFERSA, que antes era no NUEN, que é hoje onde eu trabalho e desenvolvo um grupo lá também. Eu também realizei o primeiro encontro de violão infantil, que foi a junção de todos esses alunos. Tudo isso foi a partir dessa orquestra. E a partir disso eu fiquei conhecida mundialmente, vamos dizer assim, porque a partir do Instagram a gente acaba tendo muita visibilidade. E eu fui convidada pelo acervo do violão brasileiro, para fazer uma matéria sobre o encontro. Então isso foi algo muito importante para a minha vida, porque muitos violonistas gostariam de estar participando do acervo do violão brasileiro. Então isso foi algo que a orquestra trouxe para mim.

O que é o acervo do violão brasileiro antes de você continuar com as outras experiências?

O acervo do violão brasileiro é... é um site, um acervo, onde estão todas as histórias, vídeos, documentários de todos os violonistas de nome brasileiro. E eu fazer parte desse momento foi bem bacana. Falando sobre as outras experiências... Eu também conheci muitos violonistas famosos e nacionais. Eu tive a oportunidade de conhecer o Alessandro Penezzi, que é um dos maiores violonistas do Brasil, do Choro, que ficou encantado com o trabalho das crianças, e fez uma composição para elas. E entre outros violonistas que acompanham o trabalho pelas redes sociais, que estão sempre tendo esse contato comigo. A professora Cristina Tourinho, que é referência no ensino coletivo de violão, esteve comigo aqui, então eu tive uma oportunidade de trazê-la, de apresentar a orquestra, de falar sobre esse trabalho. Tiveram bastante coisas importantes que a orquestra me trouxe (Entrevista com Haissa Hussemânia realizada em 29 de fevereiro de 2024).

A trajetória de Haissa Hussemânia como maestrina da Orquestra de Violões é um testemunho do poder transformador da música e do impacto que a educação musical pode ter na vida de uma comunidade e de um indivíduo. Ao relatar suas experiências, destaca como sua jornada na orquestra abriu portas para novas oportunidades e conexões significativas.

Inicialmente, compartilha como as apresentações da orquestra a levaram a receber convites para ministrar aulas no Núcleo de Arte e Cultura da UFERSA, demonstrando como sua atuação como maestrina gerou reconhecimento e abriu caminhos para sua carreira profissional. Essa progressão mostra como a educação musical pode enriquecer a vida dos alunos, abrir portas para os educadores e proporcionar oportunidades de crescimento e desenvolvimento profissional.

Além disso, Haissa Hussemânia destaca como a visibilidade alcançada através das redes sociais, especialmente, o Instagram, permitiu que seu trabalho fosse reconhecido em uma escala mais ampla. Isso culminou em um convite para fazer parte do Acervo do violão brasileiro, uma plataforma que documenta as histórias e contribuições de importantes violonistas brasileiros. Essa conquista não apenas valida o impacto do seu trabalho, mas a posiciona como uma figura influente no cenário musical brasileiro.

Outro aspecto significativo é o reconhecimento e apoio recebido de renomados violonistas, como Alessandro Penezzi e Cristina Tourinho, que demonstram admiração pelo trabalho da orquestra e sua abordagem no ensino

coletivo de violão. Essas interações não só enriquecem o ambiente educacional da orquestra, mas também, promovem a disseminação e o reconhecimento do trabalho em um nível nacional e internacional.

Fotografia 21 – Registro de concerto realizado em Comemoração ao Dia nacional do Choro, com Pablo Kauan, Maria Eduarda, Alessandro Penezzi, Ana Beatriz e Haissa Hussemânia, no Teatro Lauro Monte Filho.



Fonte: Arquivo pessoal da maestrina, 2023.

Fotografia 22 – Ensaio geral com Orquestras participantes do I Encontro de violão infantil juntamente com Cristina Tourinho [ao centro da foto, na primeira fila].



Fonte: Arquivo pessoal da maestrina, 2022.

A jornada de Haissa Hussemânia como maestrina da Orquestra de Violões é um testemunho vivo da importância da educação musical como meio de empoderamento pessoal, conexão comunitária e projeção profissional. Suas experiências destacam o potencial transformador da música e o papel vital que os educadores desempenham na criação de oportunidades e na inspiração de futuras gerações de músicos. Na intenção de compreender como a maestrina guia os seus passos e os da orquestra, dialogamos sobre esse processo.

Haissa Hussemânia: Eu acredito que a minha atuação, como professora de violão infantil, ela está sendo muito importante e ela vem trazendo também uma, como posso dizer, está aumentando os professores de violão infantil com a mesma didática de trabalho que eu desenvolvo, então a partir da minha prática, outros professores vêm se inspirando e aumentando essa rede de professores de violão infantil, eu acho superimportante e que precisa abrir mais (Entrevista com Haissa Hussemânia realizada em 29 de fevereiro de 2024).

A narrativa de Haissa Hussemânia reflete uma abordagem pedagógica alinhada com os princípios de Paulo Freire (2022, 2022b), especialmente no que diz respeito à horizontalidade do processo educativo e à valorização da troca de experiências entre educadores. Ao mencionar que sua atuação como professora de violão infantil está inspirando outros professores a adotarem sua

didática de trabalho, Haissa Hussemânia evidencia um movimento de horizontalidade no ensino, onde o conhecimento não é apenas transmitido de cima para baixo, mas compartilhado e enriquecido por meio da colaboração e do diálogo entre professores.

Paulo Freire (2022b) enfatiza a importância de uma prática educativa libertadora, na qual os educadores ensinam e aprendem com seus alunos e colegas. Nesse contexto, Haissa Hussemânia exerce seu papel como professora e atua como agente de transformação, inspirando outros professores a repensarem suas práticas pedagógicas e a adotarem abordagens mais participativas e inclusivas.

Além disso, ao mencionar a necessidade de "abrir mais" essa rede de professores de violão infantil, Haissa Hussemânia sugere uma visão de educação como prática coletiva e colaborativa, na qual o conhecimento é construído e compartilhado em conjunto. Essa perspectiva está alinhada com os princípios freirianos de diálogo e colaboração, nos quais o processo educativo é concebido como uma construção coletiva em busca da emancipação e do desenvolvimento humano integral.

Fotografia 23 – Haissa Hussemânia ministrando oficina de violão para crianças na cidade de São Paulo/SP.



Fonte: Arquivo pessoal da maestrina, 2022.

A atuação de Haissa Hussemânia como professora de violão infantil, inspira outros educadores e contribui para o crescimento dessa rede de professores, promovendo uma prática pedagógica alinhada com os princípios de Paulo Freire (2022, 2022b) e um compromisso com a construção de uma educação mais democrática, participativa e libertadora. A oportunidade de

partilha de conhecimentos são de volta apenas para um pequeno grupo de professores, mas uma rede de colaboração ampliada entre mestres e aprendizes. Sua força de trabalho ecoa no mais longo desejo de ampliar sua área de atuação.

Haissa Hussemânia: Eu gostaria que a Orquestra de Violões desse a oportunidade para outras crianças a serem novos artistas, que a gente pudesse, que o violão, ele seja visto de outra forma, não só pelos grandes violonistas clássicos, mas que essa prática do violão também seja vista e que a orquestra de violões possa crescer cada vez mais.

O que você pretende fazer com todo o conhecimento que você já adquiriu até hoje?

Eu pretendo compartilhar tudo que eu já aprendi e compartilhar o meu aprendizado, compartilhar com artigos, compartilhar apresentações (Entrevista com Haissa Hussemânia realizada em 29 de fevereiro de 2024).

A prática de Haissa Hussemânia reflete uma visão altruísta e comprometida com a democratização do acesso à música e à educação artística, em linha com os ideais de Paulo Freire (2022). Ao expressar o desejo de que a Orquestra de Violões proporcione oportunidades para outras crianças se tornarem artistas, Haissa Hussemânia evidencia uma abordagem educativa centrada na inclusão e na valorização das habilidades individuais de cada aluno.

A proposta de ampliar a visão do violão, não apenas como um instrumento associado aos grandes violonistas clássicos, mas também, como uma ferramenta acessível para todos, reflete uma perspectiva pedagógica que busca romper com hierarquias tradicionais e promover uma educação mais democrática e plural. A maestrina não apenas deseja que a Orquestra de Violões cresça, mas também aspira a compartilhar o conhecimento que adquiriu ao longo de sua trajetória. Essa disposição para compartilhar aprendizados através de artigos e apresentações demonstra um compromisso com a disseminação do conhecimento e a promoção do acesso à educação musical. Ressoa com os princípios de Paulo Freire (2022, 2022b), que defendia uma educação libertadora, centrada na conscientização e na participação ativa dos alunos.

Além disso, sua abordagem também se alinha com a perspectiva autobiográfica de Josso (2010), que valoriza as experiências individuais como fonte de aprendizado e construção de identidade, proporcionando uma visão

inspiradora para a educação musical, e um compromisso genuíno com a transformação social e o empoderamento das crianças, por meio da arte e da cultura.

Haissa Hussemânia: Eu acho que ela influencia de uma forma positiva porque ela me proporciona muitas coisas boas. Então, foi um momento muito encantador. Foi a primeira vez que eu juntei 85 crianças e jovens ao mesmo tempo, todos tocando juntos a mesma música, então foi um momento muito encantador, você conseguia ver o brilho das crianças, o brilho nos olhos das crianças, a felicidade de eles estarem ali, os pais com o figurino, as mães, todo mundo trabalhando junto para a realização dessa apresentação, o trabalho dos ensaios que a gente fez, organizando todos direitinho como entrar, como se sentar, foi uma preparação muito bonita, muito encantadora e foi um momento inesquecível para todos nós.

Você fala que teve 85 crianças e jovens, todos eles são da cidade de Mossoró?

Não, o encontro de violão infantil pega todas as orquestras tanto de Mossoró como as cidades vizinhas. E no primeiro encontro nós tivemos orquestras do Ceará, orquestras do Crato, algumas do Riacho da Cruz, algumas de Mossoró (Entrevista com Haissa Hussemânia realizada em 29 de fevereiro de 2024).

A narrativa de Haissa Hussemânia ecoa como uma suave melodia, entrelaçando memórias e emoções em um cenário de harmonia e encantamento. Seu relato transmite não apenas a realização de um evento, mas a celebração de uma jornada compartilhada, onde cada nota ressoa como um fragmento de sonho realizado. No palco do Chuva de Bala, 85 crianças e jovens se unem em uma sinfonia de sorrisos e melodias, transcendendo fronteiras geográficas para tecer um tapete de música e esperança. O brilho nos olhos das crianças irradia a alegria de estarem ali, imersas em uma experiência que vai além das notas musicais, permeando o tecido de suas vidas com a magia da arte.

Fotografia 24 – Apresentação da Orquestra de Violões no Palco do Chuva de Bala no País de Mossoró/RN.



Fonte: Arquivo pessoal da maestrina, 2022.

É uma preparação que culmina nesse momento único, onde pais e mães se juntam aos pequenos artistas, cada qual contribuindo com sua dedicação e amor, tecendo os fios invisíveis que conectam cada coração presente. Nos ensaios, na organização, em cada gesto compartilhado, reside o poder transformador da música, unindo comunidades e criando laços indelévels de união e amizade. A experiência vivida por Haissa Hussemânia e seus alunos transcende as fronteiras da cidade, abraçando orquestras de outras localidades, conectando sonhos e talentos em uma rede de inspiração e aprendizado mútuo. É um encontro de almas, onde a música se torna o idioma universal da comunicação e da expressão, transcendendo barreiras geográficas e culturais.

Cada nota tocada é mais do que um som no ar, é um testemunho de resiliência, superação e esperança. E nesse momento inesquecível, a música ecoa nos corações da plateia, se inscreve na memória coletiva daqueles que tiveram a honra de participar desse mágico espetáculo.

No percurso delineado pelas narrativas de Maria Eduarda, Pablo Kauan, Ana Beatriz e Haissa Hussemânia, vislumbramos um panorama multifacetado, onde os princípios da educação libertadora de Paulo Freire (2022, 2022b), a abordagem autobiográfica de Marie Christine Josso (2010) e a reflexão sobre a memória de Maurice Halbwachs (1990) convergem para iluminar as trajetórias desses jovens e da maestrina da Orquestra de Violões.

Maria Eduarda, em sua busca por horizontes ampliados, revela a importância da educação como meio de emancipação, almejando trilhar

caminhos que transcendem as expectativas pré-determinadas. Seu desejo de atuar na área da medicina ou engenharia civil ecoa o anseio de Paulo Freire (2022b) por uma educação que capacite os indivíduos a transformar suas realidades, abrindo portas para novas possibilidades.

Por outro lado, Pablo Kauan personifica a fluidez e a pluralidade de interesses que permeiam o universo juvenil. Sua jornada entre a música e a engenharia civil espelha a ideia freiriana de que a educação deve ser um processo dinâmico e contextualizado, capaz de abraçar as múltiplas dimensões da experiência humana.

Ana Beatriz, com sua visão altruística e sensível, destaca a música como agente de inclusão social e oportunidade para os menos privilegiados. Seu desejo de ensinar em universidades e escolas públicas ressoa com o compromisso de Paulo Freire (2022b) com uma educação como prática da liberdade, que promova a igualdade de acesso ao conhecimento.

Finalmente, Haissa Hussemânia personifica a integração entre a prática educativa e a experiência musical, encontrando na Orquestra de Violões o palco para a transformação social e cultural. Seu comprometimento com o ensino coletivo reflete a visão de Paulo Freire (2022b) sobre a importância da coletividade e da solidariedade na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A abordagem autobiográfica de Josso (2010) e a reflexão sobre a memória de Halbwachs (1990) emergem como ferramentas essenciais na compreensão das narrativas individuais desses jovens e da maestrina. A memória coletiva da orquestra, entrelaçada com as memórias individuais dos participantes, cria uma teia de significados e conexões que enriquecem a experiência educativa e artística. Ao unir os princípios da pedagogia da autonomia, da educação como prática da liberdade e da reflexão sobre a memória, as jornadas de Maria Eduarda, Pablo Kauan, Ana Beatriz e Haissa Hussemânia se revelam como testemunhos vivos do potencial transformador da educação e da arte na construção de um mundo mais justo e compassivo.

3.4 As vibrações (Auto) biográficas das cordas dos violões dedilhadas pelas crianças e adolescentes da Orquestra de violões

Na caminhada da Orquestra de Violões, cada acorde ecoa para além do mero som de uma nota musical. É como se cada nota fosse um fio condutor que nos transportasse para as experiências vividas, as memórias que esculpem nossas jornadas e as aspirações que nos impulsionam adiante. Esses músicos, imbuídos pelos ideais de Paulo Freire (2022, 2022b), Marie Christine Josso (2010) e Maurice Halbwachs (1990), descobrem nas sonoridades uma linguagem única, uma sinfonia de expressões e aprendizados que transcende os limites da simples prática musical na sala de ensaio.

Cada acorde é mais do que apenas uma combinação de notas; é um reflexo das histórias pessoais, das lutas travadas e dos sonhos alimentados por cada integrante da orquestra. Inspirados pelos princípios da educação como libertação, defendidos por Freire (2022), eles encontram no violão não apenas um instrumento, mas uma ferramenta para a transformação pessoal e coletiva. Cada dedilhado é uma busca incessante por autonomia e empoderamento, uma jornada rumo à emancipação através da arte.

Marie Christine Josso (2010), com sua abordagem autobiográfica, nos leva a mergulhar nas profundezas de nossas próprias narrativas de vida, encontrando na música uma maneira de dar voz às nossas histórias, de nos reconectarmos com nossa identidade e de explorarmos os diferentes capítulos de nossa existência. Os músicos da orquestra se tornam os protagonistas de suas próprias jornadas, com o violão como companheiro fiel nessa jornada de autodescoberta e crescimento pessoal.

Maurice Halbwachs (1990) nos lembra da importância da memória coletiva, da preservação das experiências compartilhadas que nos unem como comunidade. Na orquestra, cada acorde é uma lembrança viva dos momentos compartilhados, das conquistas alcançadas em conjunto e das emoções compartilhadas em cada ensaio e apresentação. É através da música que esses músicos constroem laços profundos de amizade, solidariedade e pertencimento, alimentando assim a memória coletiva que sustenta sua jornada musical.

Dessa forma, na Orquestra de Violões, as sonoridades não são apenas sons; são narrativas vivas, uma expressão vibrante das experiências humanas. Em cada acorde, em cada melodia, podemos ouvir os ecos do passado, sentir as vibrações do presente e vislumbrar os sonhos do futuro. É nessa

intersecção entre passado, presente e futuro que a música se torna uma fonte inesgotável de inspiração, aprendizado e conexão humana.

Para Maria Eduarda, o violão não é apenas um instrumento musical, mas sim uma ferramenta que abre portas para a exploração de novos horizontes e a descoberta de possibilidades infinitas. Esse ponto destaca a visão ampla e aberta que ela tem em relação ao violão, vendo-o como mais do que apenas um objeto, mas como um veículo para o crescimento pessoal e a expansão de suas experiências.

Sua jornada é caracterizada por uma busca incansável pelo conhecimento, indicando que está constantemente buscando aprender mais sobre música, violão e tudo relacionado ao seu campo de interesse. Esse aspecto revela sua dedicação e determinação em se aprimorar constantemente, refletindo uma mentalidade de aprendizado contínuo e desenvolvimento pessoal. Além de buscar conhecimento para si mesma, Maria Eduarda também está comprometida em compartilhar sua paixão pela música com os outros. Isso sugere que ela não apenas deseja se beneficiar da música, mas também, inspirar e influenciar os outros positivamente por meio dela.

Seu comprometimento com o aprendizado contínuo e sua disposição em compartilhar sua paixão pela música ecoam os princípios da educação como prática da liberdade, conforme preconizado por Paulo Freire (2022, 2022b). Isso indica que Maria Eduarda segue esses princípios em sua própria jornada de aprendizado, os incorpora em sua abordagem ao ensinar e compartilhar música com os outros. Cada acorde dedilhado por Maria Eduarda não é meramente uma sequência de notas musicais, mas sim, um manifesto de sua busca pela autonomia e transformação pessoal. Isso sugere que cada nota que ela toca é uma expressão de sua determinação em se tornar uma pessoa melhor e mais completa, refletindo um processo de crescimento pessoal e autodescoberta.

É através da música que Maria Eduarda encontra sua voz mais autêntica, sua expressão mais genuína. Isso destaca a importância da música em sua vida como uma forma de autoexpressão e comunicação, sugerindo que ela se sente mais verdadeira e completa quando está envolvida com a música. É com o violão que a jovem musicista constrói pontes entre seu mundo interior e o vasto universo ao seu redor. Isso destaca o poder transformador da música

e do violão em particular, sugerindo que ela se conecta consigo mesma por meio da música, encontra conexão com o mundo que a cerca.

Pablo Kauan, dotado de uma versatilidade inigualável e uma paixão ardente pela música, transcende as fronteiras convencionais do violão, enxergando-o como mais do que um simples instrumento. Sua abordagem única para a música reflete sua personalidade multifacetada, na qual ele utiliza o violão como um meio de expressar as diferentes dimensões de sua identidade. Inspirado pelas experiências compartilhadas, testemunho sua jornada marcada pela fluidez entre a arte e a ciência, entre o palco e a sala de aula. Assim como o jovem e dedicado violonista, que navega habilmente entre diferentes esferas de conhecimento, sua jornada ressoa com os princípios de Marie Christine Josso (2010), que defende a interconexão de experiências e saberes. Essa abordagem ecoa na forma com a qual utiliza o violão como um meio de expressão artística e, também, como uma ferramenta para explorar e conectar-se com diversos campos da vida. Cada acorde que ele emite, cada melodia que ele cria, serve como um convite para explorar novos caminhos e expandir os horizontes do pensamento, tanto para ele quanto para aqueles ao seu redor.

A sua jornada nos leva a compreender que o violão é muito mais do que um instrumento musical; é uma ponte que conecta mundos aparentemente divergentes. Sua capacidade de transcender fronteiras disciplinares e explorar os limites da criatividade e do conhecimento reflete a riqueza e a profundidade da experiência humana. Ao seguir seus passos, somos convidados a refletir sobre a importância de abraçar a diversidade de experiências e perspectivas, encontrando inspiração na interseção entre arte e vida cotidiana.

Ana Beatriz, uma alma permeada pela sensibilidade e empatia, vislumbra na música mais do que uma simples forma de arte; para ela, é uma poderosa ferramenta de inclusão e transformação social. Inspirada por suas próprias experiências e pela observação atenta do mundo ao seu redor, ela enxerga na música uma linguagem universal capaz de transcender barreiras e unir pessoas de diferentes origens e contextos.

Sua narrativa é marcada pelo compromisso com o ensino público e sua incansável luta por igualdade e justiça social. Como defensora fervorosa dos princípios da educação como prática da liberdade, conforme proposto por

Freire (2022, 2022b), Ana Beatriz vê cada acorde que ensina como um ato de resistência contra as injustiças e desigualdades que permeiam nossa sociedade. Seu trabalho não se limita apenas ao ensino musical; é um ato de solidariedade e humanidade, um gesto de esperança que busca inspirar e capacitar aqueles que são marginalizados e excluídos. Cada nota compartilhada com seus alunos é mais do que uma simples sequência de sons; é um convite para a transformação, uma oportunidade para quebrar barreiras e construir pontes entre diferentes realidades. Seu compromisso com a educação como uma ferramenta de empoderamento e emancipação social ressoa em cada acorde, lembrando-nos da importância de lutar por um mundo mais justo e inclusivo. Ao seguir os passos de Ana Beatriz, somos inspirados a nos tornarmos agentes de mudança em nossas próprias comunidades, usando a música como uma poderosa ferramenta para promover a igualdade e a justiça social.

A maestrina Haissa Hussemânia, uma figura central na Orquestra de Violões, transcende seu papel de condutora e educadora para se tornar uma verdadeira guia nessa jornada musical. Inspirada por suas próprias experiências e harmonizada com os ideais de Paulo Freire (2022, 2022b) e Marie Christine Josso (2010), Haissa Hussemânia dedica-se apaixonadamente ao ensino coletivo e à busca incessante por novas formas de aprendizado.

Assim como Pablo Kauan, Haissa Hussemânia compreende a importância da versatilidade e da paixão pela música. Sua liderança na sinfonia de experiências e emoções que compõem a Orquestra de Violões reflete sua habilidade em enxergar além das notas musicais, buscando conectar-se com cada membro do grupo de maneira autêntica e significativa. Ela reconhece a importância da fluidez e interconexão de conhecimentos, utilizando esses princípios para criar um ambiente de aprendizado dinâmico e inspirador.

Cada ensaio e apresentação conduzidos pela maestrina são mais do que simples eventos musicais; são oportunidades para construir memórias compartilhadas e fortalecer os laços de comunidade e amizade; ela compreende o poder transformador da música e busca aproveitar ao máximo cada momento para inspirar, educar e unir aqueles que fazem parte da orquestra. Seu compromisso com o ensino coletivo e sua busca incessante por novas formas de aprendizado são a essência do que ela representa como

educadora e líder na Orquestra de Violões. Ao seguir os passos de Haissa Hussemânia, somos lembrados da importância de cultivar um ambiente de aprendizado inclusivo e colaborativo, onde todos têm a oportunidade de crescer, aprender e se desenvolver juntos, tal como preconizado pelos ideais de Paulo Freire (2022, 2022b) e Josso (2010).

Na Orquestra de Violões, cada nota tocada ressoa como um fragmento de história, uma lembrança, um sonho. Essas sonoridades não são apenas sequências de notas musicais, mas sim narrativas de vida, relatos de superação e fontes de esperança para cada um de seus integrantes. Cada acorde, cada melodia, carrega consigo a força do aprendizado, da evolução pessoal e da conexão com o outro. Nesse ambiente harmonioso, onde Freire (2022b) e Josso (2010) encontram eco em cada acorde, a música se torna mais do que uma simples expressão artística; ela se transforma em uma ferramenta poderosa de educação libertadora. Por meio das sonoridades, os integrantes da Orquestra de Violões encontram inspiração para transcender seus próprios limites, para aprenderem uns com os outros e para se tornarem agentes de transformação em suas comunidades.

É por meio desse processo de aprendizado coletivo que a música se revela como uma força unificadora, capaz de reunir pessoas de diferentes origens, experiências e perspectivas em torno de um objetivo comum: a busca pela harmonia na vida e na sociedade. Cada ensaio, cada apresentação é uma oportunidade para fortalecer os laços de amizade, solidariedade e colaboração, criando memórias compartilhadas que ecoarão para além dos palcos e salas de ensaio. As sonoridades não são apenas uma expressão artística; são uma manifestação do poder transformador da música e do compromisso de seus integrantes com a construção de um mundo mais justo, igualitário e harmonioso. É nesse contexto que a música se revela como uma linguagem universal, capaz de inspirar, educar e unir pessoas em prol de um bem maior.

A Orquestra de Violões é uma verdadeira sinfonia de experiências e emoções, onde cada integrante encontra um espaço para expressar sua percepção singular sobre as práticas educacionais, musicais e sociais que caracterizam esse ambiente único. Maria Eduarda, por exemplo, enxerga na orquestra não apenas um grupo musical, mas sim uma oportunidade de crescimento pessoal e aprendizado contínuo. Sua percepção sobre as práticas

educacionais é marcada pela busca incessante pelo conhecimento e pelo desejo de compartilhar sua paixão pela música com os demais integrantes. Para ela, cada acorde dedilhado é mais do que uma simples nota musical; é um manifesto de sua busca pela autonomia e transformação pessoal, refletindo os princípios da educação como prática da liberdade, segundo Paulo Freire (2022).

Pablo Kauan, com sua versatilidade e paixão pela música, encontra na orquestra um espaço para explorar as múltiplas facetas de sua personalidade. Sua percepção sobre as práticas musicais é marcada pela fluidez e interconexão de conhecimentos, proposta por Josso (2010). Cada nota que ele toca representa um convite para explorar novos caminhos e expandir os horizontes do pensamento, demonstrando a riqueza das práticas musicais na orquestra.

Ana Beatriz, por sua vez, reconhece na orquestra uma oportunidade de promover a inclusão e transformação social através da música. Sua percepção sobre as práticas sociais é marcada pelo compromisso com o ensino público e a luta por igualdade. Para ela, cada acorde ensinado é um ato de resistência e esperança, refletindo os ideais de solidariedade e humanidade que permeiam a educação como prática da liberdade, conforme preconizado por Freire (2022).

Haissa Hussemânia, na posição de maestrina e educadora, lidera essa sinfonia de experiências e emoções. Sua percepção sobre as práticas educacionais e musicais na orquestra é marcada pelo comprometimento com o ensino coletivo e a busca incessante por novas formas de aprendizado. Cada ensaio, cada apresentação é uma oportunidade para fortalecer os laços de comunidade e amizade, evidenciando a importância das práticas sociais na orquestra.

A diversidade de percepções dos integrantes da Orquestra de Violões reflete a riqueza e a complexidade das práticas educacionais, musicais e sociais dentro desse contexto. Cada membro contribui com sua visão única, enriquecendo o ambiente de aprendizado e convivência que caracteriza essa experiência inspiradora.

A percepção de Maria Eduarda sobre as práticas educacionais, musicais e sociais na Orquestra de Violões está profundamente enraizada em sua visão do violão como uma ferramenta de descoberta e crescimento

pessoal. Inspirada pelos princípios da educação como prática da liberdade, conforme proposto por Paulo Freire (2022), ela vê cada momento na orquestra como uma oportunidade para expandir seus horizontes e compartilhar sua paixão pela música com os outros. Para ela, a jornada na orquestra é mais do que apenas aprimorar habilidades musicais; é uma busca incessante pelo conhecimento e pela autoexpressão. Ela percebe cada acorde como um passo em direção à autonomia e à transformação pessoal, reconhecendo o poder da música como uma ferramenta de empoderamento individual.

Além disso, Maria Eduarda valoriza a dimensão social da orquestra, onde os integrantes têm a oportunidade de se conectar e colaborar uns com os outros. Essa visão está alinhada com os ideais de Maurice Halbwachs (1990) sobre a importância da memória coletiva e da comunidade na formação da identidade pessoal. Para ela, as práticas sociais na orquestra são fundamentais para criar laços de amizade e solidariedade entre os membros, enriquecendo assim sua experiência musical. Sua percepção sobre as práticas na Orquestra de Violões reflete uma abordagem holística da educação, na qual a música, o conhecimento e a interação social se entrelaçam para promover o crescimento pessoal e coletivo. Seu compromisso com o aprendizado contínuo e com o compartilhamento de sua paixão pela música torna-a uma integrante talentosa da orquestra e uma agente de mudança e inspiração para os outros membros.

A percepção de Pablo Kauan sobre as práticas educacionais, musicais e sociais na Orquestra de Violões desvela sua visão do violão como uma forma de expressão que transcende as barreiras entre as diversas facetas de sua personalidade. Inspirado pela abordagem de Josso (2010), ele enxerga sua jornada entre a arte e a ciência como uma representação da fluidez e interconexão de conhecimentos. Cada nota emitida durante sua prática musical na orquestra é mais do que simplesmente uma manifestação sonora; é um convite para explorar novos caminhos e expandir os horizontes do pensamento. Esse entendimento está alinhado com os princípios sobre a autoformação contínua e a integração de diferentes áreas de conhecimento. Assim, ele reconhece a riqueza das práticas musicais na orquestra como uma forma de aprimorar habilidades técnicas e como uma oportunidade para cultivar a criatividade, a curiosidade e a reflexão crítica.

Além disso, a percepção sobre as práticas sociais na orquestra ressalta a importância do trabalho em equipe e da colaboração mútua. Ele reconhece o papel fundamental do ambiente social da orquestra na promoção do crescimento pessoal e no fortalecimento dos laços de comunidade entre os membros. Essa visão está em sintonia com os ideais de Paulo Freire (2022) sobre a educação como prática da liberdade, onde a interação social desempenha um papel essencial na construção do conhecimento e na formação da identidade pessoal. Sua compreensão das práticas na orquestra reflete uma abordagem interdisciplinar da educação, onde a música se torna um meio de conexão e enriquecimento em todas as esferas da vida.

A percepção de Ana Beatriz sobre os contextos educacionais, musicais e sociais na Orquestra de Violões revela sua compreensão profunda do potencial transformador da música como uma ferramenta de inclusão e empoderamento. Inspirada pelos ideais de solidariedade e humanidade, Ana reconhece na música uma poderosa forma de promover a igualdade e a justiça social. Cada acorde que ela ensina não é apenas uma sequência de notas musicais; é um ato de resistência contra as desigualdades e um gesto de esperança para um mundo mais justo e inclusivo. Sua percepção das práticas sociais na orquestra está intrinsecamente ligada ao seu compromisso com o ensino público e sua luta por igualdade, refletindo os princípios fundamentais da educação como prática da liberdade, proposta por Paulo Freire (2022).

Ao compartilhar seu conhecimento e paixão pela música com os outros membros da orquestra, a jovem violonista busca transmitir habilidades técnicas e inspirar uma mudança positiva na sociedade. Sua visão da música como uma forma de expressão e resistência ressoa com os princípios de Paulo Freire (2022b), destacando o poder da educação e da arte como instrumentos de transformação social.

Além disso, sua percepção sobre as práticas educacionais e musicais na orquestra enfatiza a importância do trabalho em equipe e da colaboração mútua. Ela reconhece que é por meio da cooperação e da solidariedade entre os membros que a orquestra pode alcançar seu pleno potencial como um espaço de aprendizado e crescimento pessoal. Destaca o papel fundamental da música como uma força para a mudança social e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Sua abordagem compassiva e comprometida

ressalta a importância de se engajar ativamente na promoção da igualdade e da solidariedade por meio da arte e da educação.

A percepção de Haissa Hussemânia sobre as práticas educacionais, musicais e sociais na Orquestra de Violões revela sua abordagem comprometida e apaixonada como maestrina e educadora. Coadunada pelos princípios de Paulo Freire (2022, 2022b) e Marie Christine Josso (2010), Haissa Hussemânia compreende a importância do ensino coletivo e da busca constante por novas formas de aprendizado para o desenvolvimento dos membros da orquestra. Para ela, cada ensaio e apresentação são oportunidades para aprimorar habilidades musicais, para fortalecer os laços de comunidade e amizade entre os integrantes. Sua percepção das práticas sociais na orquestra está intrinsecamente ligada à sua crença no poder da música como uma ferramenta para promover a união e a solidariedade.

Ao liderar essa sinfonia de experiências e emoções, Haissa Hussemânia busca criar um ambiente inclusivo e acolhedor, onde cada membro se sinta valorizado e inspirado a alcançar seu pleno potencial como músico e ser humano. Sua abordagem reflete os ideais de Paulo Freire (2022), destacando a importância da educação como um processo coletivo e colaborativo, onde o aprendizado acontece através da interação e do diálogo entre os membros da comunidade.

Além disso, sua percepção educacional e musical sobre a orquestra destaca a importância da criatividade e da inovação no processo de ensino e aprendizado. Ela reconhece que é por meio da experimentação e da exploração de novas ideias que a orquestra pode se manter relevante e inspiradora para seus membros, indicando o papel fundamental da música como uma força para promover a união e a comunidade. Sua abordagem comprometida e inovadora ressalta a importância de se adaptar às necessidades e interesses dos membros, criando um ambiente dinâmico e estimulante para o aprendizado e a expressão musical.

As percepções dos integrantes da Orquestra de Violões lançam luz sobre a intrincada teia de práticas educacionais, musicais e sociais que permeiam esse ambiente vibrante e enriquecedor. Cada membro, com sua visão singular, contribui para a construção de um ecossistema de aprendizado e convivência repleto de nuances e diversidade, refletindo as diferentes

influências teóricas e experiências vivenciadas. Ao se depararem com os desafios e oportunidades que surgem na jornada da Orquestra de Violões, os integrantes desenvolvem uma percepção aguçada das práticas educacionais que moldam seu crescimento pessoal e musical. Inspirados pelos ideais de Paulo Freire (2022, 2022b), eles reconhecem a educação como um processo dinâmico e colaborativo, no qual o diálogo e a reflexão desempenham um papel fundamental na construção do conhecimento e da identidade.

Da mesma forma, a percepção musical dos membros da orquestra é profundamente influenciada pela interação com diferentes estilos, técnicas e abordagens. Sob a orientação de sua maestrina e educadora, eles exploram novas sonoridades, experimentam novas formas de expressão e descobrem o poder transformador da música em suas vidas.

As percepções dos integrantes sobre as práticas sociais na orquestra revelam uma profunda compreensão da importância da comunidade e da solidariedade. Eles reconhecem o valor de trabalhar em conjunto, compartilhando experiências e apoiando-se mutuamente ao longo de suas jornadas musicais e pessoais.

Os integrantes da Orquestra de Violões revelam a diversidade de experiências e trajetórias individuais, a força e a vitalidade de uma comunidade unida pela música e pelo desejo comum de aprender, crescer e se conectar uns com os outros. É essa riqueza de perspectivas e experiências que torna a Orquestra de Violões um espaço verdadeiramente inspirador e transformador para todos os seus membros.

Na sinfonia da Orquestra de Violões, cada nota ressoa como um convite à formação e autoformação, entrelaçando-se em harmonia com os ideais de Josso (2010), Freire (2022, 2022b) e Halbwachs (1990). Nesse espaço de aprendizado e convivência, as narrativas revelam suas percepções sobre as práticas educacionais, musicais e sociais, tecendo uma tapeçaria sonora de autodescoberta e crescimento. O violão é mais do que um instrumento; é uma porta para a descoberta de novos horizontes. As jornadas de formação são marcadas pela busca incessante pelo conhecimento e pelo compartilhamento da música, refletindo os princípios da educação como prática da liberdade. Cada acorde dedilhado é uma expressão de transformação pessoal, uma melodia que ecoa os desejos de autonomia e aprendizado.

A paixão pela música, permite enxergar no violão uma ferramenta para expressar as múltiplas facetas de sua personalidade. Suas jornadas entre a arte e a vida ilustram a fluidez e a interconexão de conhecimentos proposta por Josso (2010). Cada nota emitida é um convite para explorar novos caminhos, expandindo os horizontes do pensamento e da autoformação. A música é reconhecida como uma poderosa ferramenta de inclusão e transformação social e refletem os ideais de solidariedade e humanidade propostos por Freire (2022b). Cada acorde vibrado é um ato de resistência e esperança, uma melodia que ressoa na formação de uma sociedade mais justa e igualitária. Essa sinfonia de experiências e emoções e a busca por novas formas de aprendizado ecoam os ideais de Josso (2010) e Freire (2022, 2022b). Cada ensaio, cada apresentação é uma oportunidade para fortalecer os laços de comunidade e amizade, uma melodia que se entrelaça na formação de laços sociais e emocionais duradouros.

A Orquestra de Violões, as práticas de formação e autoformação transcendem os limites do aprendizado convencional, guiando os integrantes em uma jornada de autodescoberta, crescimento e conexão com os outros e com o mundo ao seu redor. É nessa sinfonia de experiências e emoções que a música se torna não apenas uma arte, mas uma poderosa ferramenta de transformação e aprendizado contínuo, inacabado.

CODA

Ao término desta jornada de investigação, emerge não apenas um ponto de chegada tangível, mas também, um ponto de partida dinâmico para um horizonte vasto de novas reflexões e descobertas no rico universo da educação, da música, da educação musical e das práticas sociais. Cada etapa percorrida ao longo desta dissertação foi como uma trilha que nos conduziu por paisagens diversificadas e experiências profundamente enriquecedoras, proporcionando uma compreensão mais ampla e rica das intrincadas interações entre a música, o desenvolvimento pessoal e a transformação social.

À medida que mergulhamos nas narrativas e vivências dos participantes, foi possível vislumbrar a riqueza e a profundidade das experiências musicais em suas vidas, bem como seu impacto duradouro na formação de identidade e no engajamento social. Cada nota, cada acorde, cada momento compartilhado na jornada musical desses indivíduos revelou camadas mais profundas de significado e importância, destacando a música como uma força poderosa que transcende as fronteiras culturais e sociais.

Essa imersão nos permitiu compreender a música como uma forma de arte, como um veículo para a expressão da individualidade, a criação de comunidades e a promoção de mudanças sociais positivas. Ao explorar as histórias e vivências dos participantes, testemunhamos a maneira como a música pode servir como um catalisador para o crescimento pessoal e a conexão humana, transcendendo barreiras e construindo pontes entre pessoas de diferentes origens e perspectivas.

Cada descoberta ao longo deste estudo se torna um convite para uma investigação mais aprofundada, uma reflexão mais crítica e uma ação mais significativa. À medida que avançamos em direção ao futuro, somos desafiados a aplicar as lições aprendidas e os *insights* ganhos para informar práticas educacionais mais inclusivas, políticas sociais mais eficazes e abordagens mais holísticas para o desenvolvimento humano.

Este estudo lança luz sobre a importância da música na vida das pessoas e nas comunidades e nos inspira a continuar explorando seu potencial transformador e seu papel vital na construção de um mundo mais justo,

compassivo e harmonioso. Que cada nota dessa jornada ressoe como um lembrete do poder da música para unir, inspirar e capacitar, impulsionando-nos em direção a um futuro onde a música seja verdadeiramente valorizada como uma força unificadora e edificante.

O caminho percorrido ao longo desta pesquisa também nos proporcionou uma compreensão mais profunda das práticas educacionais e sociais que permeiam o mundo da música. Da imersão nas experiências formativas do pesquisador às análises minuciosas das dinâmicas da Orquestra de Violões, cada passo nos levou a descobertas fascinantes sobre o papel da música como agente de inclusão, empoderamento e transformação.

À medida que desvendamos as nuances das interações entre música, educação e práticas sociais, ficamos ainda mais conscientes do poder que a música tem de transcender as barreiras sociais e culturais, promovendo a igualdade de oportunidades e ampliando vozes. Cada acorde revelou-se como uma ferramenta poderosa para fortalecer a comunidade, fomentar o crescimento pessoal e criar espaços de diálogo e compreensão mútua.

À medida que nos despedimos desta jornada de pesquisa, somos desafiados a reconhecer, a ampliar o impacto positivo que a música pode ter em nossas vidas e em nossas sociedades. Que as descobertas deste estudo inspirem a implementação de políticas e práticas educacionais mais inclusivas, capacitadoras e culturalmente sensíveis, garantindo que a música continue a ser uma força transformadora para as gerações futuras.

Esta jornada não se encerra com a conclusão desta dissertação, mas sim abre portas para um diálogo contínuo e evolutivo sobre a música e seu impacto na sociedade. Que as reflexões e descobertas aqui apresentadas sirvam como catalisadoras para novas investigações, novas práticas e novas formas de promover a música como uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento humano e social.

Que cada acorde seja um convite para amplificar as vozes daqueles que encontram na música uma fonte de expressão e conexão. Que possamos construir pontes entre culturas, gerando entendimento mútuo e promovendo a diversidade por meio da música. Que cada ritmo seja um lembrete de que, juntos, podemos criar harmonia em um mundo muitas vezes marcado pela dissonância.

Assim, ao nos despedirmos deste trabalho, comprometemo-nos a manter viva a chama da investigação e da prática, sempre buscando novas maneiras de incorporar a música em nossas vidas e em nossas comunidades. Que esta jornada seja apenas o começo de uma viagem inspiradora rumo a um futuro onde a música seja verdadeiramente celebrada como uma força transformadora e unificadora.

Ao revisitar os primeiros compassos da vida musical do pesquisador e os momentos que o conduziram aos palcos vibrantes da Orquestra de Violões, somos convidados a contemplar a influência extraordinária dessas experiências na arquitetura de sua identidade e trajetória. Cada nota delicadamente tocada, cada acorde habilmente entrelaçado e cada vivência compartilhada ao longo dessa jornada musical representou não apenas um simples momento, mas sim um tijolo sólido na edificação de uma paixão pela música.

Esses momentos, tão ricos em significado e profundidade, transcendem a mera prática musical; eles se transformam em pilares robustos que sustentam um compromisso inabalável com a arte e com um incessante aprimoramento pessoal. Cada desafio superado, cada conquista alcançada, cada nota afinada com precisão representou um passo firme em direção a uma compreensão mais profunda e enriquecedora do papel transformador da música em sua vida e na vida daqueles ao seu redor.

Essas experiências não foram apenas episódios isolados, mas sim momentos de aprendizado contínuo, nos quais a música atuou como uma força motriz para o crescimento pessoal e a expressão artística. Cada ensaio, cada performance, foi uma oportunidade de mergulhar mais fundo no mundo da música, explorando suas nuances e descobrindo novas formas de conexão e inspiração.

Ao refletirmos sobre essa jornada musical, é evidente que ela vai muito além do simples ato de tocar um instrumento ou de participar de um grupo musical. Ela representa uma jornada de autodescoberta, de superação de desafios e de busca incessante pela excelência. É uma jornada marcada pela paixão, pelo compromisso e pela dedicação, que ilumina o caminho do pesquisador e de todos aqueles que são tocados por sua música.

Ao contemplarmos essa jornada musical, somos lembrados da poderosa capacidade da música de transcender barreiras, unir corações e inspirar

mentes. Cada acorde ressoa como um eco do compromisso eterno do pesquisador com a arte e com a busca incessante pela excelência. Que essas experiências sejam celebradas não apenas como marcos individuais, mas como testemunhos vibrantes do poder duradouro da música de tocar as almas e transformar vidas.

A imersão nas práticas extensionistas e nas dinâmicas vibrantes da Orquestra de Violões evidenciou a importância vital da música como uma poderosa ferramenta de inclusão e transformação, ressaltou sua notável capacidade de catalisar mudanças significativas nas comunidades que a acolhem. Ao mergulhar nessas iniciativas, fomos brindados com a visão privilegiada dos efeitos profundamente transformadores que a música exerce na vida dos participantes, enriquecendo suas trajetórias artísticas e enobrecendo suas jornadas pessoais e sociais.

A música, nesse contexto, revelou-se como um agente de conexão humana, capaz de tecer laços de solidariedade, empatia e compreensão mútua. Ao oferecer um espaço de expressão criativa e colaboração, a Orquestra de Violões se tornou muito mais do que um simples conjunto musical; tornou-se um santuário de crescimento pessoal e coletivo. Cada nota tocada, cada harmonia compartilhada, tornou-se um elo que fortaleceu os laços comunitários e inspirou os participantes a alcançarem novos patamares de realização e autoconhecimento.

As experiências vivenciadas na Orquestra transcendem o simples domínio técnico da música; elas se transformam em lições de vida profundamente enraizadas na essência da humanidade. É por meio dessas experiências compartilhadas, dessas melodias entrelaçadas, que os participantes encontram um espaço para desenvolver suas habilidades musicais, um refúgio seguro onde podem explorar, descobrir e, acima de tudo, serem verdadeiramente eles mesmos.

Ao testemunharmos os frutos dessas iniciativas musicais, somos lembrados do imenso potencial que reside na arte de unir pessoas, transformar comunidades e inspirar mudanças positivas. Que essas experiências sirvam não apenas como um testemunho do poder da música, mas como um chamado à ação para que continuemos a nutrir e valorizar os espaços onde a música

floresce, construindo assim um mundo mais harmonioso, inclusivo e compassivo para todos.

A interpretação das experiências compartilhadas pelos membros da Orquestra de Violões, conduzida através da metodologia (Auto) biográfica e dos diálogos, proporcionou uma visão rica e envolvente dos processos formativos e autoformativos mediados pela música. Ao mergulharmos nessas narrativas, fomos levados a compreender a profundidade do impacto da música como ferramenta de transformação pessoal e social e a entendermos a complexidade das interações humanas que permeiam esses contextos.

Cada relato compartilhado foi como uma peça do quebra-cabeça, contribuindo para a construção de um panorama mais completo e multifacetado sobre o papel da música na vida dos indivíduos e das comunidades. Foi através dessas histórias pessoais que pudemos vislumbrar a resiliência, a criatividade e a força de vontade dos participantes, bem como os desafios enfrentados e as conquistas alcançadas ao longo de suas jornadas musicais.

Além de enriquecer nosso entendimento sobre os mecanismos pelos quais a música influencia a formação e autoformação das pessoas, essas narrativas também abriram novos horizontes para pesquisas futuras nessa área fascinante. Ao desvelar os inúmeros aspectos das experiências musicais dos participantes, essas histórias inspiram novas indagações, provocam reflexões mais profundas e sugerem novos caminhos para explorar a interseção entre música, educação e transformação social.

Ao encerrarmos este capítulo do estudo, somos lembrados da infinita riqueza de saberes e vivências que a música tem a oferecer. Que essas narrativas iluminem nossos estudos acadêmicos, alimentem nossa paixão pela busca do conhecimento e nossa dedicação ao entendimento das complexidades da condição humana. Que possamos continuar a dar voz às histórias dos músicos e dos educadores, celebrando sua contribuição para a construção de um mundo mais vibrante, inclusivo e compassivo através da música.

As lições aprendidas ao longo desta jornada de investigação apontam para a necessidade premente de uma maior integração da música no tecido da educação, não apenas como uma disciplina isolada, mas como uma força unificadora que permeia todos os aspectos do currículo. Da mesma forma, a

importância de programas de extensão e projetos comunitários, como a Orquestra de Violões aqui explorada, torna-se ainda mais evidente, destacando o potencial transformador da música além dos limites da sala de aula.

Ao reconhecermos o poder transcendente da arte de unir pessoas, superar barreiras e promover a diversidade, somos instigados a repensar nossas políticas e práticas educacionais, buscando garantir que todas as crianças e jovens tenham acesso igualitário à educação musical e às oportunidades de expressão artística. Essa visão mais ampla e inclusiva enriquece as vidas individuais, mas também, fortalece os laços sociais e culturais que sustentam uma sociedade verdadeiramente justa e humanitária.

Ao encerrarmos este capítulo da jornada, somos impelidos a agir com determinação e comprometimento, utilizando os *insights* e as inspirações colhidas ao longo deste estudo para promover mudanças positivas e duradouras em nossas comunidades. Que possamos continuar a trilhar o caminho da educação com o mesmo entusiasmo e dedicação, cientes do imenso potencial que a música possui para transformar vidas e construir um futuro mais promissor para todos.

Esta dissertação não se encerra aqui, mas sim inaugura um novo capítulo no diálogo acadêmico sobre a música, educação e práticas sociais. Ao abrir as portas para uma compreensão mais profunda e significativa do papel da música em nossas vidas e em nossas comunidades, esta pesquisa lança luz sobre uma jornada contínua de descoberta e inovação.

Que as reflexões e descobertas aqui apresentadas inspirem novas pesquisas e práticas, desafiem paradigmas estabelecidos e estimulem uma abordagem mais holística e inclusiva da educação musical. Que possamos nos manter abertos ao aprendizado contínuo, explorando novas maneiras de cultivar o potencial transformador da música em todos os aspectos de nossa existência.

Que este trabalho seja um convite para colaboração e cooperação, incentivando o compartilhamento de ideias e experiências entre pesquisadores, educadores, artistas e comunidades. Que possamos continuar a trilhar esse caminho juntos, nutrindo nossa paixão pela música e cultivando um ambiente onde a criatividade floresça, as vozes sejam ouvidas e as diferenças sejam celebradas. Pois é através da música que encontramos uma linguagem

universal que transcende fronteiras e conecta pessoas de todas as origens e culturas.

Que cada acorde, cada nota, seja um lembrete do poder infinito da música para inspirar, curar e transformar. Que possamos, assim, construir um futuro onde a música seja reconhecida como uma força transformadora e unificadora, capaz de elevar e enriquecer as vidas de todos aqueles que a ela se entregam.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALVES, Rubem. Ostra feliz não faz pérola / Rubem Alves. – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008. Disponível em: <https://anovamente.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/08/ostra-feliz-nao-faz-perola-rubem-alves.pdf> . Acesso em: 03/02/2024.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Decreto n. 19.851, de 11 de abril de 1931**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d19851.htm . Acesso em: 04 de jan. 2024.

BRASIL. **Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira**. Portaria nº 1.350, publicada no D.O.U. de 17/12/2018, Seção 1, Pág. 34. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/novembro-2018-pdf/102551-pces608-18/file>. Acesso em: 04 de jan. 2024.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. Lei n. 13.005/2014. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 09 de jan. 2024.

DEUS, Sandra de. **Impacto e transformação social: o papel da extensão universitária**. In: QUIMELLI, Gisele Alves de Sá; GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. (org.) **Princípios da Extensão Universitária: contribuições para uma discussão necessária**. Curitiba. CRV Editora, 2016.

_____, Sandra de. **Extensão universitária: trajetórias e desafios**. Santa Maria, RS. Editora PRE-UFSM, 2020.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS - FORPROEX. I **Encontro de Pró-Reitores de extensão das universidades públicas brasileiras. Carta. Conceito de extensão, institucionalização e financiamento**. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf>. Acesso em: 04 de jan. 2024.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS - FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, 2012. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>. Acesso em: 04 de jan. 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Edição 54^a. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, 74ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vertice, 1990

JOSSO, Marie Christine. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**, Petrópolis: Vozes, 2016.

RIBEIRO, Raimunda Maria da Cunha.. **A extensão universitária como indicativo de responsabilidade social**. Revista Diálogos, v. 15, n. 1, p. 81-88, 2011. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rdl/article/view/3185> Acesso em: 04 de jan. 2024.

SILVA, Denise dos Santos Vasconcelos; ALBUQUERQUE, Felipe Braga. **Educação jurídica, transformação social e possibilidades extensionistas em prol de uma sociedade hiperinclusiva**. Revista Brasileira de Estudos Políticos, v. 124, 1 jul. 2022. Disponível em: <https://pos.direito.ufmg.br/rbep/index.php/rbep/article/view/983> Acesso em: 04 de jan. 2024.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Curricularização da Extensão nos cursos de graduação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Resolução nº 25/2017 - CONSEPE**. Disponível em: https://www.uern.br/controladepaginas/proex-documentos-legisla%C3%A7%C3%A3o/arquivos/1165res_2017_25_consepe_regulamenta_a_curricularizacao_das_atividades_de_extensao.pdf. Acesso em: 08 de jan. 2024.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Plano de Desenvolvimento Institucional - Projetando o futuro da universidade: 2016/2026. Resolução nº 34/2016 - CONSUNI**. Aldo Gondim Fernandes (organizador). - Mossoró – RN, 2016. Disponível em: <https://portal.uern.br/wp-content/uploads/2023/04/PDI-UERN-2016-2026.pdf>. Acesso em: 08 de jan. 2024.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Plano Institucional de Cultura. Resolução nº 08/2018 - CONSEPE**. Disponível em: https://www.uern.br/controladepaginas/documentos-pic-uern/arquivos/3721pic_documento_final.pdf. Acesso em: 08 de jan. 2024.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Pró-Reitoria de Extensão. DECA**. Disponível em: <https://portal.uern.br/proex/deca7/>. Acesso em: 10 de jan. 2024.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Pró-Reitoria de Extensão. História**. Disponível em: <https://portal.uern.br/proex/historia/>. Acesso em: 05 de jan. 2024.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Regulamento Geral da Extensão. Resolução nº 14/2017 - CONSEPE.** Mossoró - RN, 2017. Disponível em: https://www.uern.br/controladepaginas/proex-documentos-legisla%C3%A7%C3%A3o/arquivos/1165resolua%C2%A7a%C2%A3o_14_2017_regulamento_geral_da_extensa%C2%A3o.pdf. Acesso em: 05 de jan. 2024.

